

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

JULIANE MARQUES DE SOUZA

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS CITRICULTORES ECOLÓGICOS DA
COOPERATIVA ECOCITRUS – VALE DO CAÍ, RS**

**Porto Alegre
2009**

JULIANE MARQUES DE SOUZA

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS CITRICULTORES ECOLÓGICOS DA
COOPERATIVA ECOCITRUS – VALE DO CAÍ, RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio

**Série PGDR – Dissertação nº 105
Porto Alegre
2009**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da
UFRGS

S729p

Souza, Juliane Marques de

Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da Cooperativa Ecocitrus-Vale do Caí,
RS / Juliane Marques de Souza. – Porto Alegre, 2009.

134 f. : il.

Orientador: Fábio Kessler Dal Soglio.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

1. Citricultura : Agricultura alternativa. 2. Sistema de produção : Agricultura
familiar. I. Dal Soglio, Fábio Kessler. II. Universidade Federal do Rio Grande do
Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Rural. III. Título.

CDU 631.147

JULIANE MARQUES DE SOUZA

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS CITRICULTORES ECOLÓGICOS DA
COOPERATIVA ECOCITRUS – VALE DO CAÍ, RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural

Aprovada em Porto Alegre, 16 de julho de 2009

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio - orientador
PGDR/ UFRGS

Prof. Dr. José Antônio Costabeber
EMATER/RS – ASCAR

Profª. Dra. Gabriela Coelho de Souza
PGDR/UFRGS

Prof. Dr. Jalcione Pereira de Almeida
PGDR/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciarmos a incursão naquilo que, nesse documento, se concretiza enquanto resultado de dois longos anos de dedicação aos livros, aos questionamentos e à pesquisa, é preciso relembrar e agradecer àqueles que, de alguma forma, contribuíram para que essa experiência fosse possível.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, por acreditarem incessantemente na educação. Por terem a certeza de que seus filhos poderiam, com o estudo, crescer sem passar pelas mesmas dificuldades que eles passaram. Por investirem no sonho de vê-los “formados”, bem como incentivarem, sem questionar, suas escolhas profissionais.

Agradeço ao Thiago, meu companheiro nesses anos, que não só me incentivou a tentar o mestrado no PGDR, achando-me apta para tal desafio, como também se mostrou tolerante aos incessantes momentos de estudo, receptivo aos debates nos momentos de dúvida, e alentador naqueles de exaustão.

Agradeço, também, ao PGDR, pela iniciativa de colocar em um mesmo espaço acadêmico pessoas com as mais variadas formações, porém com as mesmas aspirações, tornando essa convivência ainda mais enriquecedora. Foram sem dúvida, esses dois anos frequentando o PGDR aqueles que mais moldaram, direcionaram e aprofundaram a minha formação. Hoje posso afirmar que construí um olhar crítico a respeito dos mais diversos temas que permeiam o mundo rural, social e econômico, e sinto-me agora uma bióloga mais completa.

Dentro do PGDR, não poderia faltar gratidão aos profissionais qualificados, os quais são os principais responsáveis por todo esse crescimento que vivenciei. A todos os professores os quais tive o prazer de escutar, fica o meu “muito obrigada” pela insistência em sair da superficialidade dos debates e aprofundar-se nas discussões, bem como pela dedicação em garantir a qualidade do ensino dentro da universidade pública.

Particularmente, ao orientador Fábio Kessler Dal Soglio, com o qual tive a oportunidade de debater, indagar, esclarecer as dúvidas, e sem o qual essa dissertação não seria possível. Agradeço, em especial, à liberdade dada na hora das escolhas que surgiram ao longo dos caminhos percorridos por essa pesquisa, bem como na confiança depositada ao aceitar me orientar.

Agradeço também aos professores Gabriela Coelho de Souza, Jalcione Pereira de Almeida e José Antônio Costabeber, por aceitarem compor a banca de avaliação desta dissertação, enriquecendo-a com suas críticas e contribuições.

Agradeço, em especial, à cooperativa ECOCITRUS pela receptividade e pela hospitalidade, atitudes que não só facilitaram esse estudo, como também o tornaram agradável e ainda mais interessante. Aos agricultores com os quais tive o prazer de conversar, não só por aceitarem participar da pesquisa, mas também pela confiança em falar, mostrar, e dedicar parte de seu tempo para estar comigo.

Por fim, não poderiam faltar aqueles que, admiravelmente, encontrei nesse caminho. Os colegas que se tornaram amigos, que compartilharam incertezas, que acompanharam dia-a-dia os desafios que surgiram, buscando superá-los sempre. Aos colegas do mestrado e do doutorado do PGDR, obrigada pela parceria e tudo o quanto pudemos compartilhar: a disciplina obrigatória de 25 créditos com encontros semanais no Antônio's; os churrascos em seus diversos cenários; as risadas e as inesquecíveis histórias.

E pela afinidade de pensamentos, de desejos, de anseios, fica a certeza de que mesmo espacialmente distantes, estaremos juntos lutando por aquilo que um dia nos uniu. E nesse mundo sem limites os encontros e as lembranças serão inevitáveis. O que fica, sem dúvida, é a saudade de um tempo especial, com pessoas profundamente especiais.

RESUMO

A agricultura alternativa, nas suas diversas correntes, está conquistando, cada vez mais, a confiança dos agricultores e, por conseguinte, um importante espaço nos debates acadêmicos. A cada ano é crescente o número de famílias que vêm transformando seu sistema de produção agrícola convencional em outro alternativo. Está também, no centro dessa discussão, o fato de que as relações estabelecidas entre o homem e o ambiente, nos últimos anos, têm sido completamente fragmentadas, sendo a natureza tratada como algo à parte do mundo social, construído, humano. Nesse sentido, algumas correntes da agricultura alternativa têm, dentre seus pressupostos, o objetivo de reduzir os impactos socioambientais gerados pelo modelo produtivista dominante, bem como fortalecer o reconhecimento dos seres humanos enquanto pertencentes ao ambiente. Contudo, as motivações que levam os agricultores a optar pela transição são as mais variadas, podendo ser tanto a intenção de promover uma mudança socioambiental partindo de uma concepção mais sistêmica do ambiente, como ver na agricultura alternativa um novo nicho de mercado, pensando, unicamente, no produto. Utilizando-se, portanto, o que é proposto no arcabouço teórico-metodológico da Perspectiva Orientada pelo Ator, tem-se visto que essas manifestações, tais como as que se mostram através da agricultura alternativa, são extremamente heterogêneas e passam por diferentes estratégias adotadas pelos atores sociais. Essas estratégias, por sua vez, são construídas a partir de diversos elementos, como interesses, critérios, experiências, perspectivas e percepções. Esta última é considerada um primeiro acesso às atitudes, aos valores e às visões de mundo dos sujeitos perceptivos, estando, portanto, fortemente vinculadas à conduta. Com o objetivo de apreender qual a percepção ambiental dos agricultores que realizaram a transição da agricultura convencional para alternativa, e aqui especificamente, para uma agricultura de base ecológica, e verificar de que maneira essas percepções se manifestam no cotidiano e nas práticas dessas famílias, iniciou-se uma pesquisa de campo com os agricultores vinculados à Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí (ECOCITRUS). Para isso, utilizou-se, como ferramenta analítica, o estudo das percepções ambientais. Como técnicas de coletas de dados fez-se uso das entrevistas semiestruturadas, da associação livre de palavras, da observação não-participante e do diário de campo, sendo as três últimas tratadas como técnicas complementares. A partir da análise dos dados coletados pôde-se concluir que são diversas as percepções ambientais dos agricultores ecológicos da ECOCITRUS, as quais vão desde aquelas mais sistêmicas às mais antropocêntricas. Não obstante, essas percepções organizam-se em tendências, uma vez que compartilham algumas características. Conclui-se também que essas percepções se traduzem nas diferentes estratégias adotadas pelos atores sociais, mesmo diante de condições estruturais semelhantes. Essas estratégias manifestam-se, contudo, nas práticas que não estão vinculadas à produção ecológica de citros, chegando a ser, em alguns casos, completamente antagônicas às propostas da agricultura de base ecológica.

Palavras-chave: Percepção ambiental. Citricultura ecológica. ECOCITRUS. Perspectiva Orientada pelo Ator.

ABSTRACT

The alternative agriculture, in its various currents, is acquiring more and more the confidence of farmers and, therefore, an important space in academic debates. Each year there are an increasing number of families which are transforming their conventional system of agricultural production in alternative ones. It is also at the heart of this discussion the fact that the relationship between man and the environment, in recent years, have been quite fragmented. The nature has being treated as something aside of the social, built and human world. Accordingly, some current of the alternative agriculture have, among its assumptions, the objective of reducing the social impacts generated by the dominant model of production, and strengthen the recognition of human beings as belonging to the environment. However, the motivations that lead farmers to choose the transition are varied, being or the intention to promote a social change from a more systemic perception of environmental or the search of a new niche market, from the alternative agriculture, thinking only in the product. Therefore, by using what by proposed in the theoretical and methodological actor-oriented approach, it has been seen that such manifestations, such as those shown by the alternative agriculture, are extremely heterogeneous and go through different strategies adopted by social actors. These strategies, in turn, are constructed from various elements, such as interests, criteria, experiences, perspectives and perceptions. The latter is considered a first access to the attitudes, the values and visions of the world being strongly linked to behavior. With the aim of understanding which is the environmental perception of farmers that made the transition from conventional agriculture to alternative one, and here specifically to an ecological based agriculture; and to verify in what way these perceptions are manifested in daily life and practices of these families. A field research with farmers committed to the Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí (ECOCITRUS) was done. For that, the study of environmental perceptions was used as analytical tool. As data collection techniques, semi-structured interviews, free association techniques, non-participant observation and field journal were used, where the last three have been treated as complementary techniques. From the analysis of the collected data it was possible concluded that the ecological farmers have different environmental perceptions, which range from those more systemic to the most anthropocentric. However, these perceptions are organized into trends, since they share some characteristics. It is concluded that these perceptions are manifested in the different strategies adopted by social actors, even before similar structural conditions. However, these strategies are manifested on practices that are not linked to the ecological production of citrus, being in some cases completely antagonistic to the proposals of the ecological based agriculture.

Key-words: Environmental perception. Citrus ecological. ECOCITRUS. Actor-oriented approach.

*Mas já que se há de escrever,
que ao menos não se esmaguem
com palavras
as entrelinhas...*

(Clarice Lispector)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul destacando o COREDES- Vale do Caí. Em detalhe distribuição dos municípios.....	23
FIGURA 2: Lagoa de tratamento da usina de compostagem da cooperativa ECOCITRUS	1
FIGURA 3: Imagem superior mostrando o composto já em estágio avançado e imagem inferior mostrando uma lagoa de tratamento dos efluentes provenientes do processo de compostagem.....	1
FIGURA 4: À esquerda, suco de uva beneficiado pela agroindústria da ECOCITRUS; ao lado suco de tangerina, produzido e beneficiado na mesma agroindústria. À direita rótulo com informações do processo de produção do suco	1
FIGURA 5: Sede da ECOCITRUS, em frente ao Rio Caí, no centro da cidade de Montenegro.....	1
FIGURA 6: Frutas recém-colhidas na propriedade de um sócio da ECOCITRUS	1
FIGURA 7: Casa da Atafona – propriedade de um sócio da ECOCITRUS que recebe grupos em atividades de turismo rural	1
FIGURA 8: Açude na propriedade de um sócio da ECOCITRUS	1
FIGURA 9: Pomar ecológico; detalhe para o manejo diferenciado do solo nas entrelinhas dos arvoredos	1
FIGURA 10: Diagrama proposto para ilustrar a aproximação dos diferentes sujeitos em relação à cooperativa, bem como suas percepções ambientais.	61
FIGURA 11: Ação e distribuição dos agrotóxicos em propriedade com plantações de tomates.....	95

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Utilizado para organizar as informações gerais retiradas das entrevistas e das observações. A primeira coluna traz temas emergentes da análise das entrevistas. As duas colunas seguintes trazem elementos que compõem a prática dos agricultores. **63**

QUADRO 2: Quadro esquematizando os problemas ambientais citados pelos entrevistados, a ordem de citação, bem como o número de vezes em que os problemas foram citados durante a pesquisa. Ou seja, o termo “agrotóxico” foi o primeiro a ser citado por sete dos entrevistados quando estes foram questionados a respeito dos problemas ambientais da região em que viviam. **78**

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Tabela demonstrativa do número de sócios da ECOCITRUS em diferentes anos de associação e o número de sócios entrevistados nesta pesquisa.	52
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE – Centro Ecológico

COREDES – Conselho Regional de Desenvolvimento

ECOCITRUS – Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí

EMATER/RS-ASCAR – Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEE – Fundação de Economia e Estatística

GTZ – “Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit” - Cooperação Técnica Alemã

HARMONICITRUS – Associação de Citricultores de Harmonia

PGDR – Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural

POA – Perspectiva Orientada pelo Ator

PRORENDA – Programa de Viabilização de Espaços Econômicos das Populações de Baixa Renda

SAFs – Sistemas Agroflorestais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ÁREA DE ESTUDO	22
2.1	O VALE DO CAÍ	22
2.2	DA INTRODUÇÃO DA CITRICULTURA NO VALE DO CAÍ ATÉ O SURGIMENTO DA ECOCITRUS	24
2.3	O PERFIL DAS PROPRIEDADES E DOS AGRICULTORES ECOLÓGICOS	31
3	REFERENCIAL TEÓRICO	36
3.1	PERSPECTIVA ORIENTADA PELO ATOR: UM NOVO OLHAR SOBRE O CONTEXTO EMPÍRICO	37
3.2	PERCEPÇÃO: UM INSTRUMENTO ANALÍTICO	43
3.3	PERCEPÇÃO AMBIENTAL	47
3.4	COLOCANDO AS DUAS PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO	48
4	O PERCURSO METODOLÓGICO	51
4.1	CRITÉRIO PARA A ESCOLHA DOS SUJEITOS	51
4.2	O MÉTODO	54
4.2.1	As limitações metodológicas	57
4.3	A ANÁLISE DOS DADOS	58
4.3.1	A percepção ambiental dos citricultores	59
5	DO DISCURSO À PRÁTICA	66
5.1	AS TENDÊNCIAS: DETALHANDO OS DADOS	66
5.1.1	Os Sistemas: do pensamento à prática (Grupo Sistemas)	66
5.1.2	Água, saúde e composto: a tríade das motivações (Grupo Saúde)	69
5.1.3	Da substituição de insumos à valorização da produção: o mercado enquanto agente indutor (Grupo Comércio)	72
5.2	AS PERCEPÇÕES E O POLICULTIVO	76
6	DISCUSSÃO	83

6.1 AS TRÊS TENDÊNCIAS: LADO A LADO.....	83
6.2 O POLICULTIVO NA PRÁTICA	102
7 CONCLUSÕES.....	110
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE A – Carta explicativa	122
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista.....	123
APÊNDICE C – Roteiro de observação	128
ANEXO A – Estimativa da população por município e situação de domicílio no Vale do Caí, Rio Grande do Sul	129
ANEXO B- Folder explicativo ECOCITRUS	130
ANEXO C – Folder explicativo da cooperativa.....	134

1 INTRODUÇÃO

Maio de 2006, um grupo de estudantes do curso de Biologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) embarcou rumo à Planície Costeira, Litoral Norte do estado, para mais uma das inúmeras saídas de campo que permeiam todo o curso de graduação. Nesse dia, a saída propriamente dita não se enquadrava no modelo “disciplinar” das ciências biológicas, pois seu objetivo pedagógico não era o de conhecer os animais que lá viviam, ou as plantas e a vegetação típica, mas sim para visitar uma plantação de bananas. O bananal caracteriza um cultivo que gera fortes impactos sobre a formação vegetal da Escarpa da Serra, região cujo valor ambiental é imensurável, já que apresenta um dos poucos remanescentes de Mata Atlântica do estado. O que foram fazer biólogos em uma plantação de bananas?

Essa talvez tenha sido a pergunta da maioria dos estudantes do curso, acostumados a ver a vida (*bio*) de maneira fragmentada e também, espantosamente, desvinculada da espécie humana. Sim! Plantação de bananas! Para o consumo humano! Poderia, também, naquele momento, ser uma plantação de qualquer espécie vegetal. Poderiam ser grandes lavouras de soja, como se via costumeiramente pela janela do micro-ônibus durante o deslocamento das saídas de campo rumo ao Noroeste do estado, ou silvicultura de eucalipto, cada vez mais frequentes na região da campanha. Mas não! Era plantação de bananas mesmo. Contudo, não uma plantação qualquer.

Lá se podiam ver cedros (*Cedrela fissilis* Vell.), palmitos (*Euterpe edulis* Mart.), jerivás (*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman), bananeiras (*Musa* spp.), figueiras (*Ficus organensis* Miq.)... Realmente não era uma plantação qualquer. Era um Sistema Agroflorestal, ou seja, um agroecossistema organizado enquanto floresta consorciando a banana (principal cultivo), com as mais diversas espécies nativas da Mata Atlântica, sem a utilização de agrotóxicos e inspirado nos princípios da Agroecologia¹. Tudo aquilo pareceu fazer sentido aos olhos daqueles futuros biólogos, e foi nesse dia então que entendi a importância de se ter uma Biologia que não seja puramente preservacionista, mas sim que busque alternativas para a reafirmação do homem enquanto parte da natureza, um ser que interage, que causa impactos e que, inegavelmente, existe.

¹ “A Agroecologia tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas. (CAPORAL; COSTABEBER, 2002, p.14)

A partir dessa saída, minha vida enquanto futura bióloga encontrou um rumo diante da diversidade de possibilidades oferecidas na graduação. Eu precisava trabalhar com agricultura de base ecológica² e me aprofundar no entendimento da ciência da Agroecologia. Foi aí que, em busca de um curso de Pós-Graduação, encontrei no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) a oportunidade de adentrar na área acadêmica que escolhi.

Contudo, para avançar em uma proposta de pesquisa de mestrado, tornou-se necessário delinear melhor os aspectos a serem investigados, bem como o local onde esse estudo se desenvolveria, uma vez que a Agroecologia enquanto ciência traz um espectro de possibilidades e abordagens tão amplas quanto aquelas oferecidas pela Biologia. Surgiu então, a seguinte indagação: por que estudar a agricultura de base ecológica? Em quais lacunas e em quais questionamentos a Agroecologia e sua multidisciplinaridade saltam aos olhos de uma bióloga?

Foi então que o presente estudo começou a ganhar forma e a organizar-se enquanto projeto de mestrado. Sabe-se que a agricultura alternativa³, nas suas mais diversas “modalidades”, está conquistando, cada vez mais, a confiança dos agricultores. A cada ano que passa parece ser maior o número de famílias, no meio rural, que vêm transformando seu sistema de produção convencional⁴ em outro alternativo.

Analisando-se o contexto ambiental mundial como um todo é fácil perceber que, no processo evolutivo da civilização, a noção de pertencimento da natureza foi se rompendo. O ambiente passou a ser visto como fornecedor dos recursos utilizados para a acumulação, que se estendia muito além do necessário para os grupos. Ainda nesse contexto, a maneira como se tem praticado agricultura, na maior parte do mundo, vem se mostrando incapaz de promover a equidade social e a preservação ambiental. Isso se deve, em grande parte, ao viés meramente economicista que tem dominado a quase totalidade das decisões dessa atividade, o qual privilegia, por exemplo, a quantidade de alimentos produzidos em detrimento da sua qualidade.

² O conceito de agricultura de base ecológica é discutido no decorrer do texto.

³ Entende-se por agricultura alternativa aquela que, no sentido de opção/escolha, mostra-se como uma nova possibilidade para o agricultor, sem considerar, nesse momento, o caráter positivo ou negativo da mudança. A agricultura alternativa segue diversas propostas tecnológicas, mas todas, em boa medida “se contrapõem ao modelo predominante, denominado convencional ou agroquímico, algumas de forma parcial e outras de forma radicalmente antagônica” (BULHÕES, 2005, p.57).

⁴ “Quando se fala em agricultura convencional, está subentendida a idéia geral de uma agricultura intensiva em capital, poupadora de mão-de-obra e fiel aos princípios técnicos consolidados pelo ideário da Revolução Verde, com as nuances regionais que o processo de ‘modernização da agricultura’ conseguiu manifestar no Brasil” (ALMEIDA, 2003, p.503).

Como consequência deste modelo produtivista, muitos dos processos tradicionais de cultivo se perderam e os que se mantiveram foram marginalizados. Para os autores Norgaard & Sikor (2002) as premissas da ciência moderna desconsideram a importância dos agricultores, de sua forma de pensar e dos sistemas sociais, no entendimento da produção agrícola. A análise econômica, nessa visão, é predominante sobre o entendimento social e ambiental. No entanto, é a relação do agricultor com seu sistema de produção que determinará a sustentabilidade da propriedade, a qualidade do alimento, a qualidade de vida e a satisfação social no mundo rural.

A agricultura alternativa tem, portanto, dentre seus pressupostos, o objetivo de reduzir os impactos socioambientais gerados pelo modelo produtivista dominante. Para Paulus (2006), a agricultura encontra-se não apenas diante de uma crise de modelo, mas de uma crise de percepção. Diante disso, novas percepções socioambientais começam a surgir com a perspectiva de modificar, para além da teoria, aquela relação do homem com o ambiente. Nesse sentido, pode-se então supor que os agricultores predispostos a transformar sua lógica produtiva estão também imersos nesse novo paradigma que vem sendo proposto por ciências como a Agroecologia e a Ecologia Humana.

Contudo, os motivos que levam os agricultores a buscar a transição são os mais diversos. Além disso, de acordo com a Perspectiva Orientada pelo Ator (POA), proposta por Norman Long e com contribuições de Jan Douwe van der Ploeg, as estratégias adotadas pelos agricultores, como as que se mostram através da agricultura alternativa, são profundamente heterogêneas. Passando então a pensar essa heterogeneidade dentro do contexto da agricultura alternativa, bem como dos diversos motivos que levam os agricultores a optar por substituir o modelo convencional de produção, começaram-se a delinear as questões norteadoras deste estudo.

Como uma primeira aproximação ao tema, pode-se vislumbrar, quase que imediatamente, dois “tipos” de agricultores que compõem a diversidade desse cenário. Ou seja, tem-se aqueles agricultores que veem, na agricultura alternativa, um caminho para a transformação de seu agroecossistema, o que inclui alterações nas práticas agrícolas, a partir de uma concepção mais sistêmica do ambiente, bem como dos aspectos socioeconômicos relacionados; e aqueles que buscam, através da agricultura alternativa, um novo nicho de mercado partindo da transformação do produto, com a substituição de tecnologias e insumos.

Essa tipificação inicial mostra-se útil à medida que torna o empírico racionalizável, ou seja, facilita a aproximação do pesquisador com o objeto a ser estudado. Cabe salientar que com isso não se pretende engessar a realidade, uma vez que esses “tipos”

podem ser desdobrados quantas vezes forem necessárias para dar conta de uma diversidade de manifestações⁵.

Por conseguinte, os dois “tipos” de agricultores mencionados acima têm em comum a disposição de transformar seu sistema de produção convencional em outro alternativo. Mas o que pode diferenciá-los, sensivelmente, não são apenas as intenções, mas também a maneira com que percebem, interagem e valorizam o processo como um todo. A fim de se apreender essa diversidade, em seus aspectos mais profundos, surgem as *questões norteadoras deste estudo*: Qual a percepção ambiental de agricultores que realizaram a transição da agricultura convencional para a alternativa? De que maneira essas percepções se manifestam no cotidiano e nas práticas dessas famílias?

Com o objetivo de responder a essas perguntas, optou-se por utilizar, enquanto instrumento analítico, a percepção ambiental dos agricultores. Essa escolha deve-se ao fato de que se supõe estar, na esfera socioambiental, boa parte da diversidade de práticas desses atores e, principalmente, por ser o meio ambiente aquele que suscitou as aspirações para a realização deste estudo. A percepção ambiental desses agricultores, portanto, pode levar ao entendimento de que modelo de agricultura se está falando. Se a agricultura alternativa traz consigo a proposta efetiva de mudança de paradigma, com propostas diferenciadas para o desenvolvimento rural, considerando também as problemáticas socioambientais, ou se trata da reprodução do modelo convencional de produção que leva consigo o rótulo “eco” ou, se o leitor preferir, “orgânico”⁶.

Tem-se, portanto, como *objetivos gerais* deste estudo evidenciar as percepções ambientais que orientam os agricultores que transformaram suas unidades produtivas e seus sistemas de produção em alternativos, assim como analisar se essa percepção interfere na complexidade do agroecossistema e das relações socioambientais estabelecidas.

Adotam-se como *objetivos específicos*: 1. verificar a existência de distintas percepções ambientais que conduzem as ações desses agricultores; 2. compreender de que maneira essas diferenças podem influenciar no envolvimento com a cooperativa; 3. verificar

⁵ De acordo com Savi (2006, p.25) nas obras de Max Weber, a opção pela tipificação advém da “perspectiva de que certos fenômenos aconteçam com regularidade, podendo ser, dessa forma, apreendidos racionalmente por quem os deseje investigar”. “Vale lembrar que a consideração de “tipos ideais” significa que são categorias analíticas de certo nível de abstração teórica e que, na prática, nunca poderão ser encontradas de forma isolada, mas combinadas entre si” (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p.6).

⁶ A agricultura orgânica aqui referenciada, que resulta na oferta do produto orgânico, é aquela cuja orientação teórica se dá “através da idéia de ‘intensificação verde’, pressupondo ser possível expandir o mesmo padrão tecnológico dominante, através de uma nova geração de tecnologias, supostamente menos danosas ao ambiente” (CAPORAL; COSTABEBER, 2001). Nesse sentido, esta agricultura orgânica centra-se na substituição de insumos e tecnologias, podendo permanecer excluído do ponto de vista socioeconômico.

de que forma as possíveis incorporações de diferentes valores sociais e ambientais se manifestam face ao agroecossistema e à unidade produtiva e; 4. verificar se o discurso baseado nos princípios da Agroecologia, utilizado por diversas esferas sociais, se reproduz, em certa medida, na prática.

Como área de estudo para a realização desta pesquisa foi escolhida a cooperativa ECOCITRUS (Cooperativa de Citricultores Ecológicos⁷ do Vale do Caí), com sua sede no município de Montenegro, localizado no Vale do Caí, nas proximidades da região metropolitana de Porto Alegre. Esta cooperativa foi fundada basicamente pela intenção dos agricultores em dominar a cadeia produtiva dos citros, tornando-se autossuficiente em relação aos insumos necessários à produção, sendo responsável pelo beneficiamento dos frutos, bem como por sua comercialização através da participação na rede de comércio justo⁸.

De maneira geral, os motivos que levaram à escolha do local para a pesquisa empírica estão, basicamente, na forma como se deu a constituição da cooperativa, partindo da vontade e da organização dos agricultores. Além disso, o estágio avançado em que se encontra a ECOCITRUS – tanto em tempo de associação quanto em organização – e a relação direta que a cooperativa mantém com a esfera acadêmica – participando frequentemente de pesquisas na busca de tecnologias alternativas para o combate de doenças, tais como o cancro cítrico (provocado pela bactéria *Xanthomonas axonopodis* pv. *citri*), a pinta-preta (causada pelo fungo *Guignardia citricarpa*) e a mosca-da-fruta (por espécies dos gêneros *Anastrepha* e *Ceratitis*) – também favoreceram essa aproximação.

Nesse sentido, cabe ressaltar que, mesmo existindo um envolvimento da cooperativa com as universidades, os estudos realizados nessa região (OTT, 2003; SCHMIDT, 2003; JESUS, 2005; GATTELLI, 2006) ainda se detinham muito à esfera tecnológica, dando pouco destaque às mudanças socioambientais que surgiram após a adoção dessa nova postura, tornando o local inexplorado e, ao mesmo tempo, profundamente acessível.

⁷ Chamaremos, a partir de agora, os agricultores sócios da ECOCITRUS de citricultores ecológicos ou agricultores ecológicos, independentemente das implicações conceituais do termo “ecológico”. Essa decisão deve-se ao fato de que é assim que esses atores se intitulam e se identificam.

⁸ “Em linhas gerais, o comércio justo tem sido definido como um conjunto de práticas socioeconômicas alternativas ao comércio nacional e internacional convencionais [...]. As práticas do comércio justo e solidário devem estabelecer relações entre produtores e consumidores baseadas na equidade, parceria, confiança e interesses compartilhados, perseguindo os seguintes objetivos: obter condições mais justas para grupos de produtores marginalizados; e fazer evoluir suas práticas e regras com apoio dos consumidores” (TIBURCIO; VALENTE, 2007, p. 499).

Além disso, para dar conta do quarto objetivo específico do presente estudo, que propõe verificar se o discurso baseado nos princípios da Agroecologia, utilizado por diversas esferas sociais, se reproduz na prática, foi necessário escolher um empírico cujo discurso estivesse amarrado aos fundamentos teóricos da Agroecologia. Esta característica pode ser evidenciada no discurso da ECOCITRUS e que será apresentada no decorrer desta dissertação.

Outro aspecto relevante a ser esclarecido é que, neste estudo, buscou-se trabalhar a família como um todo, incluindo aqueles indivíduos - mulheres, homens e filhos - já ativos na propriedade e praticantes da agricultura. Essa escolha baseia-se na certeza de que todos os membros da família participam das tomadas de decisão, mesmo que em alguns casos indiretamente, vindo a contribuir, enquanto atores, no processo de desenvolvimento rural. De tal forma, todos os integrantes são importantes indicadores das motivações e das opções tomadas como certas para as mudanças empreendidas.

Para responder as questões propostas, bem como desenhar o cenário em que o estudo transcorreu, a presente dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo é feita a descrição do empírico, contemplando desde a origem da citricultura na região do Vale do Caí até a fundação da ECOCITRUS. Nesse capítulo busca-se também aprofundar os pontos que tornaram o local favorável para o desenvolvimento da pesquisa, assim como caracterizar os sujeitos entrevistados.

No capítulo seguinte é apresentado o arcabouço teórico-metodológico utilizado, mediante a descrição de seus pressupostos e fundamentos teóricos. O primeiro item, que se refere à Perspectiva Orientada pelo Ator, traz contribuições acerca da necessidade de se dar voz aos atores e explorar, a fim de compreender, as diferentes racionalidades que estão por trás de suas ações, opções e projetos e desse modo, permitir que as diferenças existentes entre as estratégias adotadas por esses atores se façam evidentes. Essa perspectiva foi utilizada na etapa inicial deste estudo, dando os subsídios necessários para se definir a postura de aproximação e investigação do empírico, ou seja, determinou que a obtenção dos dados se daria a partir dos atores/agricultores que compõem a cooperativa e não exatamente a partir dela.

A análise das informações obtidas, por sua vez, foi realizada a partir do que está exposto no segundo item desse mesmo capítulo, o qual apresenta o estudo das percepções e suas potencialidades enquanto ferramenta analítica, como meio de acessar e entender a heterogeneidade do mundo social. Nesse estudo, contudo, foca-se a análise na percepção ambiental dos agricultores, a qual é discutida e definida no mesmo capítulo.

O terceiro capítulo traz informações a respeito da metodologia utilizada para atingir os objetivos propostos, discorrendo a respeito dos critérios de seleção dos participantes do estudo, das técnicas utilizadas, bem como dos procedimentos adotados para a análise dos dados.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação dos resultados obtidos. Nele são apresentadas as tendências emergentes das análises realizadas sobre a percepção ambiental dos agricultores sócios da ECOCITRUS e de suas famílias. Busca-se, nesse capítulo, esclarecer as semelhanças entre os agricultores que representam as tendências, bem como os pontos que as diferenciam. Apresenta-se ainda o policultivo, o qual ilustra, de certa forma, as percepções evidenciadas, bem como parte das diferenças existentes entre as estratégias adotadas pelos atores.

No quinto capítulo, as tendências apresentadas são colocadas lado a lado e discutidas à luz do que existe atualmente na literatura, buscando-se responder as questões norteadoras deste estudo. Nesse capítulo, os pontos que caracterizam cada tendência são enfatizados e comparados a fim de se ter um panorama geral do que o empírico estudado apresenta e qual contribuição traz para o estudo do desenvolvimento rural.

Por fim, no último capítulo, apresentam-se as conclusões provenientes das interpretações realizadas, onde também são colocadas algumas reflexões, bem como as possibilidades de continuidade e aprofundamento dos resultados obtidos.

Dessa forma, pretende-se, a partir da discussão desenvolvida nesta dissertação, oferecer uma nova abordagem para os estudos de desenvolvimento rural, que leve em conta as percepções dos atores e sua contribuição para a determinação da conduta.

2 ÁREA DE ESTUDO

Antes de iniciar a jornada em busca das respostas para as perguntas que nortearam esse estudo, é fundamental descrever o contexto empírico dando conta de algumas informações que o tornam singular. Em prol dessa descrição, o presente capítulo dedica esforços na apresentação da região do Vale do Caí como um todo, focando em seguida na chegada da citricultura na região, adentrando nos detalhes da formação da cooperativa ECOCITRUS e culminando, por conseguinte, na descrição dos agricultores que participaram da pesquisa.

2.1 O VALE DO CAÍ

O presente estudo foi realizado, como mencionado anteriormente, no Vale do Caí, localizado nas proximidades da região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul (FIGURA1). Essa região, que se configura em um dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES¹) ocupando cerca de 1.854 km², que corresponde a 0,65% da área total do estado, é composta por 19 municípios²: Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, Brochier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Maratá, Montenegro, Pareci Novo, Salvador do Sul, São José do Hortêncio, São José do Sul, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Tupandi e Vale Real, os quais se encontram dispersos entre as regiões fisiográficas da Depressão Central e da Encosta da Serra.

O número de habitantes do Vale do Caí é de aproximadamente 160.000, com densidade demográfica de 85,7 hab/km². Destes, cerca de 30% estão concentrados no meio rural. Nos pequenos municípios, tais como Alto Feliz, Maratá e Pareci Novo, essa representatividade é ainda maior, reduzindo significativamente o percentual da população que mora em áreas urbanas (ANEXO A).

A ocupação do Vale do Caí iniciou-se com o estabelecimento dos açorianos nas terras da Depressão Central, onde iniciaram o cultivo de arroz irrigado. Anos depois, os

¹ No ano de 1994, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul realizou a divisão do território gaúcho em vinte e duas regiões, para as quais se procedeu a criação do Conselho Regional de Desenvolvimento (ALLEBRANDT, 2006). De acordo com a Fundação de Economia e Estatística (FEE), os COREDES atuam como instância máxima na definição de projetos demandados para cada região.

² Dados retirados do sítio Fundação Econômica Estatística (FEE) - www.fee.tche.br.

imigrantes, na sua maioria alemães, ocuparam as terras altas da Escarpa da Serra, onde iniciaram uma diversidade de cultivos (FRANZ; SILVA NETO, 2005). As primeiras cidades fundadas e que hoje se tornaram o eixo da região, ocuparam, portanto, primeiramente as terras baixas e planas da Depressão Central, às margens do Rio Caí, principal meio de escoamento da produção, na época, para Porto Alegre. À medida que os imigrantes foram chegando e a ocupação das terras avançando, as cidades começaram a surgir em direção à Escarpa da Serra Geral.

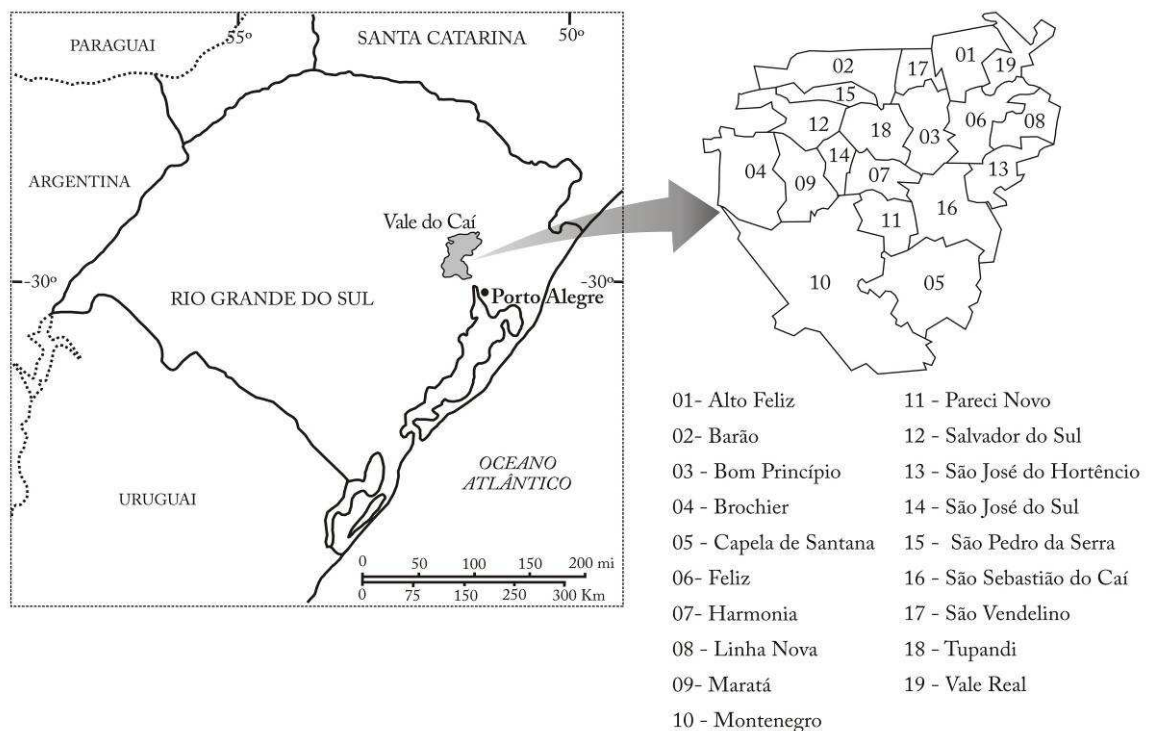


FIGURA 1: Mapa do estado do Rio Grande do Sul destacando o COREDES- Vale do Caí. Em detalhe distribuição dos municípios.

Fonte: Elaborado pela autora

A vegetação atual do Vale do Caí é semelhante àquela encontrada próxima aos grandes centros urbanos, com a maioria das áreas desmatadas ou fortemente antropizadas. Na área da Escarpa da Serra as matas encontram-se mais bem preservadas, principalmente em terrenos muito inclinados. Pela dificuldade de acesso essas terras não são preferenciais para a agricultura na região, podendo ser esse um dos fatores que contribuíram para sua maior conservação.

Na área rural do Vale do Caí estão entre as atividades agropecuárias de maior importância a avicultura, a suinocultura, a silvicultura e a citricultura (IBGE, 2006). Dentre os produtos com menor representatividade encontram-se a produção de leite, mel, plantações de

feijão (*Phaseolos vulgaris* L.), milho (*Zea mays* L.), aipim (*Manihot* spp.), abacate (*Persea americana* Mill.), banana (*Musa* spp.), caqui (*Diospyros* spp.), figo (*Ficus carica* L.), morango (*Fragaria* spp.)³, entre outros, os quais podem estar destinados ao consumo próprio ou para algum comércio local, podendo também compor a principal fonte de renda da família.

Há uma considerável participação das propriedades rurais em integrações com as indústrias, principalmente com atividades de avicultura, suinocultura e produção leiteira. Especificamente para a citricultura, foco deste estudo, Panzenhagen (2004, p.7) apresenta os seguintes dados:

Nos 18 municípios do Vale do Rio Caí a citricultura envolve cerca de quatro mil propriedades familiares, com cerca de 13 mil hectares cultivados com laranjeiras, tangerineiras e limoeiros, que representam uma produção anual de 62 mil toneladas de laranja, 120 mil toneladas de tangerinas e 20 mil toneladas de limão. A região do Vale do Rio Caí é responsável por 76% da produção estadual de tangerinas, 86% de limões e 30% de laranjas.

A citricultura na região concentra-se em propriedades familiares, onde a maioria possui tamanho de até 10 ha (BONINE; JOÃO, 2002). Esta atividade, além da importância econômica demonstrada acima, tornou-se objeto desta pesquisa, por apresentar também, como peculiaridade, aquilo que é central neste estudo: a iniciativa de agricultores em produzir citros de maneira alternativa. Além disso, a citricultura percorreu um interessante caminho desde sua instalação na região até a atualidade, culminando em diversas organizações de agricultores. Dentro deste amplo universo, que deve conter dezenas ou até centenas de produtores com práticas alternativas, a cooperativa ECOCITRUS foi quem serviu efetivamente de cenário para o desenvolvimento do estudo. Os motivos que levaram a essa escolha serão apresentados no item a seguir, quando se aprofundará o surgimento da citricultura, bem como da cooperativa ECOCITRUS.

2.2 DA INTRODUÇÃO DA CITRICULTURA NO VALE DO CAÍ ATÉ O SURGIMENTO DA ECOCITRUS

A citricultura, no Vale do Caí, tem seus primeiros registros que datam do final do século XVIII, quando imigrantes açorianos, que se estabeleceram nas cidades de Taquari e Triunfo, introduziram o cultivo de frutas cítricas na região. Desde sua introdução até o ano de

³ Dados retirados de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

1938, foi crescente a importância dessa cultura, motivando a organização de congressos científicos e a criação de estações experimentais (BONINE; JOÃO, 2002).

Ainda na década de 30, há registros do surgimento das primeiras casas de beneficiamento (*packing-house*) para frutos, coordenadas por cooperativas de citricultores localizados às margens do Rio Caí, por onde escoavam a produção em direção à cidade de Porto Alegre (BONINE; JOÃO, 2002). Segundo Schimitz (1998), nesse período a produção era também exportada para o Uruguai e para a Inglaterra, entrando em decadência poucos anos depois, devido ao surgimento do vírus da tristeza dos citros (*Citrus tristeza virus*, CTV) e o início da Segunda Guerra Mundial.

Em 1940, foi selecionada, pelos agricultores, uma nova variedade de bergamota tardia (*Citrus deliciosa* Ten.), batizada de “bergamota montenegrina”, que surgiu por mutação espontânea e tornou-se uma das variedades mais importantes na citricultura do Vale do Caí (KAUTZMANN; PADILHA, 1982). A partir da década de 50 e nos trinta anos subsequentes, houve uma retomada no crescimento da citricultura, recuperando-se da decadência dos anos anteriores e reassumindo a importância para a economia da região. Essa ascensão deve-se, segundo Bonine e João (2002), à abertura de estradas que ligavam a região ao mercado de Porto Alegre, ao crescimento dos centros urbanos que aumentaram o consumo de frutas e, posteriormente, à pavimentação das estradas que ligavam o Rio Grande do Sul a outros estados.

De acordo com Pazenhagem (2004, p.7) “a partir de meados da década de 90, em função da expansão da citricultura no Rio Grande do Sul e da necessidade de uma melhor organização produtiva e comercial dos produtores, foram criadas diversas associações”. Nessa época, um convênio entre a organização governamental alemã “Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit” (GTZ- Cooperação Técnica Alemã) e o governo do estado do Rio Grande do Sul deu origem ao projeto PRORENDA (Programa de Viabilização de Espaços Econômicos das Populações de Baixa Renda), que visava “promover a organização e a autonomia dos grupos de agricultores, o associativismo e o fortalecimento da capacidade de resolução conjunta dos problemas da comunidade” (FARIA, 2002, p. 41).

No Rio Grande do Sul, o PRORENDA contemplou basicamente três regiões. A primeira localizada nos municípios de Santiago e Guaíba contemplava as áreas dos assentamentos Santa Rita e São Pedro, com prioridade para as famílias recém-assentadas. A segunda região, nas cidades de Osório e Torres, litoral Norte do estado, atuava com o programa de produção de hortigranjeiros. A terceira e última região contemplada foi o Vale do Caí, nas áreas de citricultura (BARBOSA 2001). Foi, portanto, através do financiamento

desse projeto que muitos jovens citricultores puderam conhecer outras experiências em diversas regiões do país, puderam fazer cursos e aperfeiçoar suas técnicas.

Através desse projeto foram criados seis grupos comunitários. É neste contexto que surge a Associação de Citricultores de Harmonia (HARMONICITRUS), no município de Harmonia, que “tinha como objetivo principal a comercialização do produto de várias comunidades, o que lhe conferiu uma projeção regional” (FARIA, 2002, p. 43). Foi de dentro dessa associação, que contava com a participação de diversas famílias de agricultores, inclusive daqueles que tiveram estudos financiados pelo PRORENDA, que questionamentos acerca do modelo convencional de produção começaram a surgir.

Em 1994 cerca de quinze agricultores provenientes desse processo, organizaram-se e fundaram a Associação dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí (ECOCITRUS), dentre os quais apenas cinco já haviam iniciado a conversão de seus pomares (FARIA, 2002). Esses agricultores, de acordo com LENHARDT (2000, p. 1), “queriam buscar uma alternativa à agricultura convencional”. Para isso, a ECOCITRUS precisava ter controle “sobre toda a cadeia de produção de alimento, ou seja, produzir os próprios insumos, dominar a tecnologia de produção, industrializar o produto e comercializá-lo da forma mais direta possível” (FARIA, 2002, p. 42).

O primeiro passo dado em busca dessa autonomia foi a viabilização de um projeto que havia sido iniciado por José Lutzemberger na década de 80, juntamente com a empresa TANAC S.A, que tinha como objetivo fazer composto de resíduos agroindustriais em larga escala (LENHARDT, 2000). Esse projeto, que na primeira ocasião foi abandonado por ser considerado inviável economicamente, tornou-se, mais tarde, a força motriz da ECOCITRUS, e foi viabilizado através da contribuição mensal dos agricultores, de parcerias com a empresa TANAC S.A e da mão-de-obra conjunta dos associados através de mutirões (FIGURAS 2 e 3). Em 1998, a ECOCITRUS passou a ser a Cooperativa de Citricultores Ecológicos do Vale do Caí.

Simultaneamente à criação da cooperativa, um grupo de mulheres da comunidade de Santos Reis se organizava a fim de formar o que mais tarde veio a ser conhecido como Grupo Mulheres – PRORENDA. Essas agricultoras dedicaram-se à produção de hortaliças para a comercialização e, segundo Uriartt e colaboradores (2006, p. 1487), “partiu delas a iniciativa de transformarem suas hortas caseiras em um novo e importante elemento da biodiversidade na nova concepção de manejo das unidades de produção”. A produção proveniente dessas hortas era disponibilizada para ser comercializada na ECOCITRUS, contribuindo, dessa forma, para a abertura do caminho “para um novo mercado

consumidor de produtos da então recém criada cooperativa”. Em contrapartida, a ECOCITRUS fornecia o composto para ser utilizado na horta.

O Grupo Mulheres – PRORENDA recebeu uma cota de cooperado, contudo, muitas mulheres mantinham seu vínculo através do cônjuge que era sócio citricultor. Com o passar dos anos, este grupo foi perdendo espaço frente ao avanço contínuo que acontecia com a ECOCITRUS, e acabou por ser desfeito. A cooperativa, por sua vez, especializou-se ainda mais centrando seus esforços na sua consolidação baseada na citricultura.



FIGURA 2: Lagoa de tratamento da usina de compostagem da cooperativa ECOCITRUS (julho/2008 – fotografia da autora).

Em meio a esse processo, a ECOCITRUS adquiriu um local para a implantação de uma agroindústria e uma central de beneficiamento da fruta, a fim de agregar valor ao produto *in natura*. Durante todos esses anos a busca de espaço para a comercialização do produto diferenciado, orgânico, demandou um esforço contínuo. Hoje, a cooperativa absorve toda a produção de frutas de seus associados, levando-a para a agroindústria onde o produto é classificado, sendo aquele de maior apelo visual reservado para o mercado de frutas de mesa e o restante, com aparência inferior, utilizado na produção do suco, que passou a ser um dos grandes diferenciais da cooperativa, eliminando a histórica perda na lavoura que, segundo Faria (2002), era de 30 a 40% da produção (FIGURA 4).



FIGURA 3: Imagem superior mostrando o composto já em estágio avançado e imagem inferior mostrando uma lagoa de tratamento dos efluentes provenientes do processo de compostagem (julho/2008 – fotografia da autora).

Um último aspecto relevante da história dessa cooperativa é a importância social que ela vem assumindo ao longo dos anos. Desde sua fundação, tem ocorrido uma crescente ocupação dos espaços políticos, com a inserção de associados da ECOCITRUS em diversas esferas, aproximando não só os representantes públicos da realidade da agricultura ecológica como também diversas instituições de ensino e pesquisa.

No momento em que se iniciou esse trabalho, a cooperativa possuía 55 agricultores cadastrados, sendo que quatro não eram agricultores, ou seja, atuavam como prestadores de serviços. Portanto, como grupo habilitado a participar deste estudo tinha-se um

total de 51 agricultores. O quadro associativo não recebia atualizações desde as últimas associações efetuadas no ano de 2004. Logo, dentre esses 51 agricultores, estavam os cadastros de 11 ex-sócios, os quais também foram incorporados dentre os participantes do estudo (FIGURA 5).



A cooperativa passou, recentemente, por uma reestruturação, que ocorreu concomitantemente com esta pesquisa. Seu quadro associativo tem, agora, o registro de 95 associados. Destes, 28 não são agricultores e ocupam cargos administrativos e operacionais.

A usina de compostagem recicla, por sua vez, cerca de 5 mil toneladas de resíduos orgânicos absorvidos de dezenas de indústrias da região, produzindo por ano, em média, 20 mil toneladas de composto e 20 mil toneladas de biofertilizante líquido (ANEXO B). A agroindústria instalada em uma área de 1,5 mil metros quadrados é responsável pelo recebimento, classificação e armazenamento de toda colheita em duas câmaras frias, bem como pela produção e distribuição dos sucos concentrados.

A escolha da cooperativa para a realização desta pesquisa deve-se ao fato de que ela concentra um número elevado de agricultores ecológicos, os quais se uniram a fim de operacionalizar objetivos comuns. No histórico de formação da ECOCITRUS, o discurso concentrava-se basicamente na intenção de dominar a cadeia produtiva, gerando certa

autonomia em relação ao mercado, como mencionado anteriormente. Hoje, contudo, foram incorporados objetivos referentes a mudanças, principalmente no que se refere a transformações na esfera socioambiental, as quais, segundo documentos da cooperativa, estão fundamentadas nos pressupostos agroecológicos. A ECOCITRUS adota, portanto, de maneira declarada os “conceitos, fundamentos e princípios do cooperativismo e da agroecologia”⁴.

Todavia, acredita-se que esse discurso não descreve com precisão a diversidade de percepções, motivações, estratégias e engajamento adotados por esses atores. E que a agricultura alternativa praticada por esses agricultores se manifesta de maneira heterogênea, e não, necessariamente, dentro dos preceitos básicos da Agroecologia. Aspectos estes que tornam a cooperativa ainda mais interessante dentro dos pressupostos desta pesquisa.



Ademais, a ECOCITRUS tem se destacado, há algum tempo, por sua proximidade com o campo científico, visto que, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem permitido o desenvolvimento de diversos projetos acadêmicos, facilitando a aproximação do pesquisador com os agricultores associados. Contudo, os estudos realizados nessa região ainda se detinham muito à esfera tecnológica, dando pouco destaque às mudanças socioambientais que surgiram após a fundação da cooperativa e da adoção do sistema de produção ecológico.

⁴ Informações retiradas do site da cooperativa www.ecocitrus.com.br e de documentos como o *folder* do ANEXO C.

Portanto, a crescente organização desta cooperativa, o número elevado de agricultores que participam dessa iniciativa, a inserção da academia nesse processo, o contato frequente com os extensionistas rurais e a presença de propriedades em diferentes estágios de transição, tornaram o local favorável para a realização do estudo. Não obstante, para finalizar a construção do cenário no qual esta pesquisa transcorreu e em busca de maiores subsídios para a compreensão desse universo apresentam-se no item a seguir os sujeitos da pesquisa, bem como a paisagem em que estão inseridos.



FIGURA 6: Frutas recém-colhidas na propriedade de um sócio da ECOCITRUS (julho/2008 - fotografia da autora).

2.3 O PERFIL DAS PROPRIEDADES E DOS AGRICULTORES ECOLÓGICOS

A origem da citricultura no Vale do Caí, como mencionado anteriormente, deu-se a partir dos povos açorianos que ocupavam a região. No entanto, foram os alemães que investiram na continuidade dessa atividade, tornando-a economicamente representativa.

O processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul teve início no século XIX, sendo que as primeiras ocupações deram-se no Vale do Rio dos Sinos. Esses imigrantes vinham para o Brasil com duas tarefas principais: ocupar as terras devolutas, protegendo o território português, e produzir alimentos para a província. “A colonização alemã no Rio Grande do Sul teve início no ano de 1824 quando chegaram, à Real Feitoria do Linho

Cânhamo, onde hoje está situada a cidade de São Leopoldo, as primeiras levas de imigrantes vindos do sul da Alemanha” (SCHNEIDER, 2004).

A maioria dos imigrantes alemães, que ocuparam o Sul do Brasil, eram agricultores, porém não tinham posse da terra em que trabalhavam na Alemanha, ou lutavam pelo pouco espaço que ainda restava para ocupar (SCHNEIDER 2004). Essa situação, segundo Frantz e Silva Neto (2005), era agravada pelo crescimento populacional e pela degradação ambiental através da perda da fertilidade do solo e do parcelamento das propriedades.

A ocupação das terras deu-se, basicamente, através do desmatamento, visto que as áreas recém-desmatadas apresentavam solos mais férteis (SCHNEIDER, 2004). As dificuldades encontradas, devido em parte à fisionomia da região ocupada com matas densas e terrenos acidentados, característicos da Escarpa da Serra Geral no Rio Grande do Sul, fizeram com que a ocupação ocorresse preferencialmente na região dos vales dos rios, tais como Rio dos Sinos, Rio Caí e Rio Taquari. Esse movimento direcionado de ocupação foi determinante para a paisagem que hoje pode ser visualizada nessas regiões. Cabe salientar que a população dominante do Vale do Caí é descendente de alemães, no entanto, franceses, italianos, açorianos, entre outras etnias, compõem até hoje sua população.

Contudo, dentre os entrevistados nesta pesquisa, a maioria descende de alemães. Essa peculiaridade marca significativamente a organização das propriedades, as casas e a paisagem. O primeiro ponto que chama a atenção, de maneira geral, é o colorido dos jardins, que recebem parte da dedicação de seus donos, possuindo, na maioria das vezes, muitas árvores, arbustos e flores, das mais variadas formas e cores (FIGURA 7). As casas, novas em sua maioria, são pintadas com cores vivas e compõem a paisagem ao lado desses jardins floridos. Geralmente são casas grandes, não pela quantidade de peças, pois a maioria não tem mais do que três quartos, mas sim pelos espaços amplos que abrigam a cozinha e a varanda, locais preferencialmente habitados pela família. Essas casas possuem entre 100 e 200 m².

A residência é, geralmente, a porta de entrada da propriedade, que possui em média 15 ha. As terras, na maioria dos casos, são próprias, tendo sido adquiridas através de herança. Quando não são próprias pertencem a parentes próximos, tais como os sogros ou os pais dos agricultores. Em muitos casos são fragmentadas, não tendo terrenos contínuos, os quais estão por sua vez distribuídos pela região.

Imediatamente ao lado da casa, compondo a primeira paisagem, aparece o galpão onde são abrigados os tratores, os implementos, os carros e as caixas de frutas já

colhidas. No entorno da casa, aos fundos ou ao lado da residência, está a horta, onde se cultiva tudo o que for possível, que tem como objetivo principal alimentar a família.



FIGURA 7: Casa da Atafona – propriedade de um sócio da ECOCITRUS que recebe grupos em atividades de turismo rural (abril/2008 – fotografia da autora).

A maioria das propriedades possui também um açude, construído pelos próprios agricultores, ou herdado junto com as terras. Alguns criam peixes para complementar a alimentação da família, sem objetivos comerciais (FIGURA 8), outros apenas o utilizam para dar água ao gado e aos porcos.

O espaço reservado para a produção, onde estão localizados os pomares, fica atrás da residência ou, por vezes, nas terras mais distantes. Os pomares são plantados em linhas com espaço para a passagem da roçadeira entre elas. Alguns agricultores plantam, nos intervalos, milho e aipim, outros adotaram o sistema agroflorestal, tendo em meio aos pomares de citros as árvores nativas (FIGURA 9). As propriedades que fazem fronteira com produtores convencionais possuem, em seus limites, um corredor de quebra-ventos que ajuda a diminuir a possibilidade de contaminação da produção ecológica pelos insumos utilizados na propriedade limdeira. Quando não há a presença dessa barreira, as frutas produzidas nos primeiros metros do pomar são vendidas para o mercado de produtos convencionais.

O trabalho relacionado à produção para a comercialização é centralizado pelo homem, e a mulher tem papel ativo em alguns momentos do ciclo produtivo. No entanto, aquilo que é para o consumo da família, os cuidados com a horta, com as vacas, e as galinhas,

está centralizado no esforço da mulher. Nesse segundo caso, o homem entra com sua atividade também em momentos específicos da produção e criação.



FIGURA 8: Açude na propriedade de um sócio da ECOCITRUS (abril/2008 – fotografia da autora).



FIGURA 9: Pomar ecológico; detalhe para o manejo diferenciado do solo nas entrelinhas dos arvoredos (julho/2008 – fotografia da autora).

As famílias são pequenas e constituídas basicamente pelo casal e, em média, três filhos. No caso dos agricultores mais idosos, os filhos, em sua maioria, cresceram, estudaram e foram morar na área urbana, principalmente na cidade de Montenegro. Em

algumas famílias os jovens permanecem morando com os pais, mas não exercem atividades na propriedade, uma vez que trabalham nas indústrias da região. Aqueles que seguiram agricultores como os pais são, geralmente, sócios da mesma cooperativa, porém trabalham em suas propriedades. Em casais mais jovens, os filhos são ainda crianças em idade escolar.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A partir do exposto no capítulo anterior, percebe-se que dentro de um mesmo contexto há, possivelmente, diferentes motivações que orientam as escolhas dos agricultores. A resposta imediata a estas motivações pode ser comum a uma série de atores, no entanto, os valores, as percepções, as intenções que permeiam essas escolhas são distintas e em muitos casos podem deflagrar diferentes estratégias, mesmo que em longo prazo.

Nesse sentido, a escolha do referencial teórico deu-se pela necessidade de expor estas motivações, interesses e percepções, tão singulares e ao mesmo tempo fundamentais na constituição e caracterização do contexto empírico, bem como para a análise da problemática apresentada. Desta forma, optou-se por utilizar, enquanto arcabouço teórico-metodológico, duas ferramentas distintas e complementares. Assim, o presente estudo se desenvolveu a partir da interpretação das mudanças sociais utilizando-se da perspectiva dos atores envolvidos nessas mudanças, bem como da percepção ambiental que está no cerne das decisões desses atores.

Portanto, o capítulo que se inicia versa sobre os pressupostos teóricos que servem de base para esta pesquisa e os principais pontos analíticos que a sustentam desde a primeira aproximação com o local da pesquisa, a coleta de dados, até a apreciação e discussão dos resultados. O texto está dividido em dois eixos principais: a Perspectiva Orientada pelo Ator e a Percepção.

O primeiro traz, basicamente, os fundamentos teóricos da Perspectiva Orientada pelo Ator buscando evidenciar os aspectos que sustentaram a escolha dessa proposta teórico-metodológica enquanto subsídio a uma primeira aproximação da pesquisa empírica e da coleta dos dados.

A segunda parte traz os conceitos utilizados na análise dos dados coletados e está composta por outro item intitulado percepção ambiental que visa direcionar o referencial ao tema central desse estudo. Por fim, na última seção busca-se colocar em diálogo as duas perspectivas teórico-metodológicas apresentadas.

3.1 PERSPECTIVA ORIENTADA PELO ATOR: UM NOVO OLHAR SOBRE O CONTEXTO EMPÍRICO

Norman Long, na metade do século XX, propôs uma nova abordagem teórica e metodológica para os estudos sociais e de desenvolvimento rural. Com importante contribuição de Jan Douwe van der Ploeg, a teoria da Perspectiva Orientada pelo Ator sugere um enfoque construtivista nos estudos sociais através do qual acredita ser possível encontrar espaço para a análise da multiplicidade de racionalidades, desejos, capacidades e práticas dos atores. Para Long (2001, p. 2), esta perspectiva construtivista está centrada no “fazer e refazer da sociedade através da progressiva auto-transformação das ações e percepções de um mundo de atores diverso e interconectado”.

A construção dessa perspectiva teórica dá-se através da constatação de que os enfoques estruturalistas e institucionalistas não contemplam a diversidade e a capacidade dos atores de promover mudanças. Deponti (2007, p. 2), ao analisar a obra de Norman Long, afirma que, “para o autor, essas teorias são simplificadoras, centralizadoras, deterministas e, em boa medida, excluem da análise a possibilidade dos atores influenciarem de maneira significativa os processos de mudança”.

Segundo Long (2001), dois modelos estruturalistas estão no centro da sociologia do desenvolvimento, que são a teoria da modernização e a economia política. O primeiro entende o desenvolvimento como um movimento rumo a uma sociedade “moderna” integrada e mais complexa tecnológica e institucionalmente. Nesse enfoque há um fortalecimento dos processos de transferência de tecnologias, de conhecimento, bem como dos mercados de *commodities*.

No segundo modelo, tanto a teoria Marxista quanto a Neomarxista atribuem ao processo de desenvolvimento a tendência expansionista inerente do mundo capitalista, com a necessidade constante da abertura de novos mercados, o aumento do nível de mais-valia e de acúmulo de capital (LONG, 2001).

De acordo com Long (2001, p. 11), essas duas perspectivas são opostas ideologicamente, porém são semelhantes na maneira de ver o desenvolvimento e as mudanças sociais vindo primordialmente de centros de poder externos através de intervenções do Estado, ou de corpos internacionais.

Essas chamadas forças externas limitam a vida das pessoas, reduzindo sua autonomia e, ao final, minam as formas de cooperação e solidariedade locais ou endógenas, resultando no aumento das diferenças socioeconômicas e na

centralização do controle por grupos com poder econômico e político, instituições e empresas.

Portanto, esses dois modelos estão manchados pelas visões deterministas, lineares e externalistas das mudanças sociais, sendo necessária outra maneira, mais dinâmica, de buscar o entendimento das mudanças sociais (LONG, 2001). Para isso é necessário reconhecer o papel desempenhado pela consciência e pela ação humana. Nesse sentido, é central na teoria da Perspectiva Orientada pelo Ator a condição ativa das pessoas nos processos de desenvolvimento e, conforme contribui Deponti (2007, p. 3), interpretando Long, “todas as formas e intervenção externa entram necessariamente no mundo sócio-vital dos indivíduos e dos grupos sociais afetados e, desse modo, atravessam certos filtros sociais e culturais”.

Dessa forma, para que se consiga analisar a fundo as mudanças sociais é fundamental considerar os fatores internos e externos e suas relações como atuantes nesse processo. Nesse sentido, Long (2001) contribui dizendo que uma das vantagens dessa teoria é que se dá através do interesse de compreender diferentes respostas para circunstâncias estruturais semelhantes, mesmo que essas condições pareçam ser relativamente homogêneas. Há, portanto, uma “heterogeneidade estrutural e a explicação estaria voltada para os atores, a agência humana, os indivíduos e a ação dos agentes sociais” (CARAVALHEIRO & GARCEZ, 2007, p. 3).

Os diferentes padrões de organização social vão então emergir de diferentes tipos de atores, desde os mais envolvidos até aqueles mais ausentes, mas que da mesma forma irão influenciar a situação, interagindo, negociando e afetando ao final as ações e os resultados. Através da abordagem teórico-metodológica da Perspectiva Orientada pelo Ator busca-se acessar de forma significativa a representatividade dos diferentes sujeitos que compõem aquele mundo social, não mantendo os esforços centrados apenas nos mais atuantes politicamente. Essa aproximação deve-se ao fato de que os agricultores “definem e operam seus objetivos e práticas agrícolas com base em diferentes critérios, interesses, experiências e perspectivas, desenvolvendo ao longo do tempo projetos e práticas particulares de como organizar sua atividade” (GARCIA, 2007, p. 102).

Não obstante, as estratégias e as construções culturais dos indivíduos não surgem do nada, mas são construções provenientes de um estoque de discursos, disponíveis ou não, e que são de alguma forma e em algum grau divididos com outros. A partir de então, o indivíduo é transformado em um ator social (LONG, 2001). De acordo com Almeida (1999, p. 40), “a noção de ator supõe que ele disponha permanentemente de uma margem de

manobra - e de liberdade -, mesmo que restrita em alguns casos, frente ao sistema social ou a sua organização”. Para o autor, esses atores respondem a esquemas mentais, que podem ou não ser racionais. “O que ocorre, na verdade, é uma confrontação de racionalidades diferentes, uma disputa cujo objetivo disputado é a imposição de uma racionalidade que seja, pelo menos, aparentemente a mais adequada e a mais justa.” (Ibid., p.40).

Por conseguinte, nessa nova abordagem acredita-se que as interpretações teóricas “devem ir além da consideração da habilidade de conhecer, da consciência e das intenções, mas também deve abraçar os sentimentos, as emoções, as percepções, as identidades e a continuidade dos agentes através do espaço e do tempo” (DEPONTI, 2007, p.6). Nesse sentido, Long (2001, p.49) sumariza a teoria da Perspectiva Orientada pelo Ator colocando como base dessa teoria nove pontos considerados pedras angulares desse enfoque.

O primeiro ponto trata da heterogeneidade da vida social que, segundo Long (2001), compreende uma diversidade de formas e repertórios culturais mesmo diante de circunstâncias aparentemente homogêneas. Não se pode, por exemplo, esperar que uma comunidade exposta a ações de intervenção contínuas e estáveis gere respostas tão contínuas e estáveis quanto as ações que as suscitaram, mas sim se deve pressupor uma heterogeneidade de reações dos diferentes atores que compõem esse cenário.

É fundamental, portanto, conforme é enfatizado no segundo ponto, estudar como essas diferenças são produzidas, reproduzidas, consolidadas e transformadas, além de identificar o processo social envolvido e não somente os resultados estruturais.

A Perspectiva Orientada pelo Ator, no terceiro ponto, parece relacionar-se diretamente à teoria da agência, humana baseada no reconhecimento da capacidade dos atores de processar as suas e as outras experiências, agindo, dessa forma, sobre elas. O conceito de agência humana, desenvolvido por Giddens, é definido pela capacidade do ator de realizar ações sem intencionalidade, ou seja, “não são atos conscientes dirigidos a um fim” (CARNEIRO, 2006, p. 42). De acordo com Ploeg (2008, p. 38), a condição de agente, para Long refere-se:

à capacidade do ator individual de processar a experiência social e de conceber formas de lidar com a vida, mesmo sob formas de coerção extremas. Dentro dos limites da informação, da incerteza e de outras limitações (por exemplo, físicas, normativas, ou político-econômicas) que possam existir, os atores sociais são “conhecedores” e “capazes”.

Long (2001, p. 17) acrescenta ainda que essa agência está incluída em relações sociais e somente através delas pode ser efetivada. Portanto, “a capacidade de influenciar

outros ou comandar (i.e. ter a aceitação de uma mensagem particular) está, fundamentalmente, sobre as ações de uma cadeia de agentes onde cada qual a traduz de acordo com seus próprios projetos”. Long finaliza fazendo uso das contribuições de Latour e afirma que a agência e o poder são, portanto, dependentes do surgimento de uma rede de atores parcialmente envolvidos (e nunca completamente) nos projetos de outros atores, implicando, por sua vez, no uso ou manipulação dessa rede de relações sociais, vindo a canalizar itens específicos em direção a pontos comuns de interação e interpretação.

Nesse sentido, o conceito de agência utilizado por Long (2001) vai além das intenções da pessoa e está diretamente ligado à capacidade efetiva de realizar, de “fazer diferença” e por ir além do indivíduo, torna-se viável através das ações sociais que acarreta, necessitando, pois, de uma capacidade de organização (CARAVALHEIRO & GARCEZ, 2007).

No quarto ponto que sustenta a teoria está o fato de que a ação social não é um propósito centrado no indivíduo-ego. Ela ganha espaço dentro de redes de relações que envolvem componentes humanos e não-humanos. É limitada por certas convenções sociais, valores e relações de poder. A interpretação e a ação social (quinto ponto) são contexto-específicas e contextualmente geradas, dessa forma as marcas limítrofes são específicas para determinados domínios, arenas e campos da ação social. Portanto, não devem ser analiticamente pré-julgadas.

Nesse mesmo sentido, segue-se o sexto ponto, no qual é dito que significados, valores e interpretações, embora sejam culturalmente construídos são diferentemente aplicados e reinterpretados de acordo com as diversas possibilidades de conduta existentes, ou com as circunstâncias modificadas, podendo gerar novos padrões culturais. “Isso faz com que os diferentes padrões emergentes de organização social sejam resultantes das interações, negociações e conflitos sociais que ocorrem entre os atores de diferentes tipos” (CARAVALHEIRO & GARCEZ, 2007, p.6).

As interações em microescala estão conectadas aos fenômenos em macroescala, contudo, no ponto sete, Long enfatiza que ao invés de se entender o local como moldado pelo global, ou o global como a soma de diversos “locais”, na perspectiva do ator busca-se elucidar os conjuntos precisos de relações entrelaçadas, projetos dos atores e práticas sociais que interpenetram nos diferentes espaços sociais, simbólicos e geográficos.

Com o objetivo de analisar essas inter-relações, no ponto oito, o autor propõe que se utilize o conceito de “interfaces sociais”, visto que, para ele, esse conceito explora

como as discrepâncias dos interesses sociais, a interpretação cultural, o conhecimento e o poder são mediados e perpetuados ou transformados em pontos críticos de ligação ou conflito.

Desse modo, finaliza Long (2001) com o ponto nove, surge como principal desafio delinear os contornos e conteúdos das diversas formas sociais, explicando sua geração e delineando suas implicações para a ação estratégica e modos de consciência. É necessário, portanto, entender como essas formas são moldadas sob condições específicas e, também, em relação às configurações passadas.

Aplicando a Perspectiva Orientada pelo Ator ao contexto de desenvolvimento rural, acredita-se que os atores/agricultores são ativos tanto no processo que leva à tomada de decisão quanto na vontade e capacidade de modificar e moldar as mudanças sociais. Dar importância a esses atores entendendo-os como elementos fundamentais na análise do mundo rural faz emergir dados importantes a respeito das diferentes respostas dadas aos estímulos aparentemente iguais, justificando em parte, a heterogeneidade da realidade rural. Portanto, conforme afirmam Long e Ploeg (1994, p. 69):

Apesar de suas escolhas serem sempre limitadas por uma falta de recursos críticos, eles [atores] não devem ser vistos como os recipientes passivos ou as vítimas de uma mudança planejada, nem como tão cheios de rotina que eles simplesmente sigam regras estabelecidas ou convenções.

As situações e os problemas são percebidos e suas implicações interpretadas diferentemente pelos diversos atores envolvidos. Neste sentido, passa a ser fundamental o entendimento dos indivíduos como atuantes no processo de desenvolvimento rural e deste, de acordo com Ploeg e colaboradores (2000), como um “*multi-actor process*”, uma vez que inclui as esferas políticas e institucionais como importantes para fortalecê-lo mesmo que inicie, em muitos casos, de maneira autônoma. Ploeg et al. (2000) oferecem também as bases de análise de um novo paradigma de desenvolvimento rural que passa pela reconstrução das relações da sociedade para com a agricultura, pelo abandono do modelo de intensificação e especialização das atividades do campo introduzidas com a modernização, pelo fortalecimento da sinergia entre o ecossistema local e regional, bem como entre as atividades desenvolvidas nas propriedades, fora delas e até mesmo entre elas. Esse novo paradigma centra o olhar nos atores sociais enquanto promotores de mudanças e construtores de caminhos diferenciados e propõe a reinvenção da agricultura partindo das localidades, assim como do conhecimento local.

Pacífico (2008) complementa que essa abordagem relaciona-se aos princípios da Agroecologia⁵, enquanto campo interdisciplinar do conhecimento, uma vez que dialoga com a variedade das formas e perspectivas de produção. A diversidade de sistemas de produção, bem como da própria percepção dos agricultores envolvidos em práticas alternativas vêm corroborar com aquilo que é proposto no arcabouço teórico-metodológico da Perspectiva Orientada pelo Ator, bem como no novo paradigma de desenvolvimento rural proposto por Ploeg et al (2000) a partir dessa mesma abordagem.

A heterogeneidade dos atores, cuja abordagem privilegia, leva a pensar em uma heterogeneidade entre as agriculturas de base ecológica enquanto arte que, contendo práticas e ações baseadas nos mesmos princípios, são compostas por atores heterogêneos nas formas de organização, manejo da produção, economia, valores e normas de conduta (Pacífico, 2008, p.30).

A Agroecologia relaciona-se com a referida perspectiva teórico-metodológica também na medida em que parte da valorização do local, como sublinham Caporal et al. (2006, p.175) ao afirmarem que esta ciência “reconhece e se nutre dos saberes, dos conhecimentos e das experiências” dos atores sociais locais, “incorporando seu potencial endógeno”.

Esta ciência está, mesmo que implicitamente, no centro dos interesses dessa pesquisa, uma vez que o contexto empírico se caracteriza por agricultores ecológicos cooperativados, e por uma cooperativa cujo discurso diz fundamentar suas práticas nos princípios da Agroecologia, conforme exposto no capítulo anterior.

Justifica-se, por fim, a escolha da Perspectiva Orientada pelo Ator como princípio orientador da pesquisa, uma vez que essa dialoga com a Agroecologia, porém dedica-se a olhar com outros olhos o mesmo objeto, fazendo-o através da sociologia com enfoque construtivista.

No item a seguir, procura-se, portanto, explorar o referencial teórico que sustenta o estudo das percepções, bem como entender de que forma essa abordagem teórico-metodológica pode se utilizada enquanto instrumento analítico contribuindo para fazer emergir aspectos novos do local estudado.

⁵ Os princípios da Agroecologia podem ser encontrados em Gliessman (2005).

3.2 PERCEPÇÃO: UM INSTRUMENTO ANALÍTICO

“Não vemos a realidade como ela é, mas como nós somos”

Immanuel Kant

Debates cada vez mais frequentes têm apontado para o distanciamento dos seres humanos em relação ao ambiente como uma das principais causas da acentuada degradação ambiental. De acordo com Tuan (1980), a possibilidade de resolução dos problemas ambientais passa necessariamente pela compreensão da visão de mundo dos indivíduos. Essa compreensão, como sugere o autor, dá-se através da apreensão da percepção, das atitudes e dos valores que dirigem as energias do sujeito para um objetivo. Essa perspectiva deixa claro que sem o entendimento daquilo que está no centro das tomadas de decisão e das motivações dos atores sociais torna-se praticamente impossível dar um passo além na busca de resoluções para os crescentes problemas ambientais.

À relação do homem com o ambiente, Tuan (1980, p. 5) dá o nome de Topofilia, definindo o termo como o “elo afetivo entre a pessoa, o lugar e o ambiente”. Costurados nesse conceito, aparecem quatro eixos, a percepção, as atitudes, os valores e as visões de mundo, dos quais, três, o autor (Ibid., p.4) define da seguinte forma:

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. [...] As atitudes implicam experiência e certa firmeza de interesse e valor. [...] A visão do mundo é a experiência contextualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; [...].

Dentre os conceitos apresentados por Tuan (1980), a percepção (do latim *percipere*= apoderar-se de) está na base da sistematização dos demais, sendo ela um primeiro acesso às atitudes, aos valores e à visão de mundo. Considerando que este estudo a debruça-se sobre a análise da percepção ambiental de agricultores que passaram por processos de transição da agricultura convencional para a alternativa, entende-se como fundamental aprofundar o estudo do referencial teórico sob o marco da percepção, projetando a discussão de forma a contribuir para a sustentação teórico-conceitual da pesquisa. Nos parágrafos

subsequentes serão abordados, partindo de uma análise crítica, autores conceituados, que trabalham com percepção e, em seguida, a própria percepção ambiental.

A percepção, com sua origem nas áreas da psicologia e da filosofia, trata de compreender de que maneira se dá a apreensão do significado dos objetos e a interpretação dos fatos e das relações estabelecidas entre o indivíduo e o meio em que vive. Ou seja, “constitui-se em uma operação determinada do homem em suas relações com o ambiente” (BERGMANN, 2007, p. 17).

Do ponto de vista biológico e fisiológico, a percepção não passa de respostas dadas a estímulos provocados nos órgãos sensoriais, tais como a visão e o tato. Contudo, a apreensão desses estímulos, sua significação e interpretação também participam do fenômeno perceptivo, deixando de ser um processo puramente físico e passando a englobar mecanismos cognitivos. A percepção é, portanto, “uma atividade, um estender-se para o mundo” (Tuan, 1980).

Dessa forma a compreensão de como os atores percebem os objetos que os circundam, como percebem a natureza e as relações que estabelecem socialmente, pode contribuir para o entendimento de quais crenças, motivações e conhecimentos estão no cerne das tomadas de decisão desses atores e quais estímulos são tidos como fundamentais para a avaliação e manutenção de sua conduta. Nesse sentido, o processo perceptivo, de forma mais específica, pode ser compreendido na definição dada por Del Rio (1999, p. 3), como “um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através dos mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos”. Os mecanismos perceptivos, segundo o autor, são estímulos captados pelos cinco sentidos, enquanto o cognitivo é aquele que sofre intensa contribuição da inteligência, que seriam contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo. Ou seja, o sujeito não aceita os estímulos passivamente, pois, segundo Del Rio (1999, p. 3), “motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas” participam dos mecanismos cognitivos.

Portanto, além de um simples processo fisiológico, a percepção é a interpretação dos signos fornecidos pela sensibilidade aos estímulos corporais. A percepção, portanto, não está puramente vinculada à interpretação das cores e formas dos objetos, mas os signos interiores disponíveis nos permitem, conforme nossas experiências, atribuir certos sentidos/sentimentos a determinados objetos e paisagens (Merleau-Ponty, 1999). A contribuição da memória e de experiências passadas nesse processo interpretativo é também destacada na obra de Merleau-Ponty (1999, p. 44) o qual diz:

Não se pergunta por que impressões dispostas de outra maneira tornam o jornal ilegível ou a paisagem irreconhecível. É que, para vir a completar a percepção, as recordações precisam ser tornadas possíveis pela fisionomia dos dados. Antes de qualquer contribuição da memória, aquilo que é visto deve presentemente organizar-se de modo a oferecer-me um quadro em que eu possa reconhecer minhas experiências anteriores.

Na análise filosófica desse autor, as experiências vividas pelo sujeito têm importante contribuição para a percepção, portanto esse fenômeno só pode ser entendido quando analisado diante de um contexto já bem estruturado, com experiências passadas e presentes, pois elas participam diretamente do processo perceptivo.

Outro ponto analítico considerado relevante na fenomenologia da percepção é a importância do meio. A presença de elementos contextuais, além da simples análise sensitiva, faz emergir a necessidade de se considerar, quando se estuda a percepção, um meio ativo e influente, ou seja, um mundo onde os sujeitos perceptores estão inseridos e são constantemente influenciados.

As pretensas condições da percepção só se tornam anteriores à própria percepção quando, em lugar de descrever o fenômeno perceptivo como primeira abertura ao projeto, nós supomos em torno dele um meio onde já estejam inscritas todas as explicações e todas as confrontações que a percepção analítica obterá, onde sejam justificadas todas as normas da percepção efetiva – um lugar da verdade, um *mundo* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 40).

Para o mesmo autor, “ao fazer isso, nós subtraímos à percepção a sua função essencial, que é a de fundar ou de inaugurar o conhecimento, e a vemos através de seus resultados” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 40).

Não obstante, a percepção é particular a cada indivíduo, assumindo um papel fundamental em sua concepção as experiências vividas por cada um, por isso, de acordo com Merleau-Ponty (Ibid, p. 64), “a percepção que os outros têm do mundo nos deixa sempre a impressão de uma palpação cega, de forma que a percepção do mundo pelos outros não pode entrar em competição com a de quem está de fora do contexto”, fato que se deve a essa singularidade da percepção. Oliveira (2006, p. 35) acrescenta que “cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive. O espaço vivenciado é que será refletido nas percepções, [...] não existe percepção errada ou inadequada, existem sim, percepções diferentes, condizentes com o espaço vivido”. É, por isso, importante enfatizar que não está em jogo a legitimidade das percepções, mas sim quais são essas percepções e de que maneira se refletem nas atitudes e nas ações cotidianas.

“Portanto, não é preciso perguntar se nós percebemos verdadeiramente o mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.13). A percepção é “a verdade que temos do mundo”.

Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não pressumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade [...] O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14)

Essa comunicação inesgotável com o mundo torna a percepção inconstante, sendo reconstruída a cada nova vivência, a cada novo aprendizado. Uma nova verdade é consolidada à medida que novas experiências se apresentam. Não obstante, segundo Tuan (1980), soma-se à construção da percepção tudo aquilo que representa algum valor para o sujeito, seja para sua sobrevivência ou para sua satisfação. Estudos defendem que “a mente exerce parte ativa na construção da realidade percebida e, conseqüentemente, na definição da conduta” (DEL RIO, 1999, p.3). Nesse contexto, a maneira como o homem vê e interpreta a realidade passa a ser determinante de suas ações.

Uma vez que a percepção passa pelo útil, pela realidade circundante útil e, por isso torna-se norteadora e motivadora das atitudes dos sujeitos, essas atitudes passam a ser, então, conseqüências observáveis das percepções internalizadas. Nesse sentido, podemos sumarizar afirmando que, além das sensações captadas pelos mecanismos perceptivos, o meio influencia diretamente na construção das percepções que vão se refletir posteriormente nas atitudes dos sujeitos. Nem as percepções nem as atitudes são estáticas e, por conseguinte, sofrem constantes modificações ao longo do tempo.

Portanto, compreender a maneira como os agricultores percebem o ambiente e como se relacionam com ele permitirá entender os aspectos que estão por trás das mudanças sociais promovidas a partir da decisão de mudar sua prática agrícola convencional por uma prática ecológica e, por conseguinte, entender quais percepções embalam o discurso proferido pela cooperativa. A percepção ambiental, que é foco deste estudo, é apresentada e discutida a seguir.

3.3 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Para que se possa utilizar a percepção ambiental como instrumento analítico de uma realidade é fundamental primeiro discutir o conceito de ambiente, ou, para quem preferir, meio ambiente. Poder-se-ia iniciar essa seção discutindo qual termo, dentre os dois apresentados, seria o mais adequado, uma vez que a expressão meio ambiente seria, conforme resume Bergmann (2007, p. 12), “mais restritiva do que ambiente”, por referir-se ao “meio circundante”. No entanto, o significado desses dois termos não parece interferir nos objetivos deste estudo, uma vez que são tratados como sinônimos pelo senso comum.

A importância de se delinear previamente o conceito justifica-se, pois a percepção, como sugere Merleau-Ponty (1999), passa por “tudo aquilo que faz parte do meu ambiente, e meu ambiente compreende tudo aquilo cuja existência ou inexistência, cuja natureza ou alteração contam para mim praticamente”. Dentro da fenomenologia da percepção, ambiente é o espaço, o entorno que pode ser percebido.

Ao longo da evolução do pensamento ecológico, inúmeras atribuições foram dadas ao ambiente, desde aquelas onde este coincidia com a distribuição das espécies, mas era inativo sobre elas, até quando o ambiente começa a atuar sobre a evolução e distribuição dessas mesmas espécies (BERGMANN, 2007). A autora segue afirmando que, quando os organismos passam a ser parte integrante do ambiente, o meio circundante deixa de existir, vindo a constituir um sistema único.

Ao aprofundar-se nas definições dadas pela ecologia clássica, percebe-se que estas, quando são utilizadas, fazem predominar a noção fragmentada do homem em relação ao ambiente, uma vez que a maioria das interpretações dadas a essas definições desconsidera o homem enquanto seu componente. Como exemplo desta dicotomia tem-se o que diz Ricklefs (2003), autor da ecologia clássica, que descreve o ambiente como tudo aquilo que está nos arredores de um organismo. Esse “tudo” inclui as plantas, os animais e os microrganismos e tudo que interage com eles. Implícito na noção de organismos está também incluído o homem, o qual muitas vezes é desconsiderado nas interpretações desta definição e em muitos estudos ecológicos.

Seguindo-se na busca daquilo que é aceito para conceituar ambiente e meio ambiente, percebe-se que não há, contudo, na ciência um consenso a respeito destes termos. Reigota (1995) enfatiza que a falta de uma definição clara faz com que sejam interpretados pelos sujeitos de acordo com a maneira com que foram apreendidos ou internalizados,

passando a ser, por sua vez, uma representação social. Nesse sentido, a ausência de uma definição formal contribui para a análise pretendida, no que diz respeito à coleta de dados, pois, de acordo com Reigota (1995), ambiente ou meio ambiente passa pelo senso comum dos indivíduos, incluindo-se preconceitos, ideologias, entre outras particularidades.

No entanto, para que se possam interpretar os dados, é de suma importância que se tenha alguma definição que atue como a linha mestra da análise. Reigota (1995), com esse mesmo objetivo, após um resgate das definições de meio ambiente existentes na ecologia, propõe uma definição que, para os pressupostos deste estudo, parece ser a mais adequada.

O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (REIGOTA, 1995, p.14).

Como contribuição, acrescenta-se o que é proposto por Leff (2001, p. 17), o qual define ambiente como uma nova visão do desenvolvimento humano, “que reintegra os valores e os potenciais da natureza, as externalidades sociais, os saberes subjugados e a complexidade do mundo negados pela racionalidade mecanicista, simplificadora, unidimensional e fragmentadora que conduziu o processo de modernização”. Estes conceitos trazem claramente o homem enquanto componente desse ambiente, bem como as relações que estabelece entre si, com o meio natural e com o meio construído. Reiteram, por conseguinte, a interação homem-natureza, sendo essa relação considerada como pertencente a um sistema complexo. Nesse sentido, o ambiente, incluindo-se os aspectos culturais, perpassa tudo aquilo que emerge da interação entre os componentes abióticos e os bióticos. Isso inclui não só as árvores, os bichos e as águas, mas também a casa, a propriedade, a família, o corpo, e tudo mais capaz de relacionar-se.

3.4 COLOCANDO AS DUAS PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO

Tendo definido o conceito de ambiente utilizado junto à percepção como instrumento analítico neste estudo, entende-se como fundamental fazer dialogar de maneira breve estes dois arcabouços teórico- metodológicos e conseqüentemente, mostrar ao leitor os pontos em que essas duas perspectivas teóricas se tocam, fazendo com que juntas deem conta dos objetivos propostos inicialmente. Essa aproximação é apresentada abaixo.

Na base da Perspectiva Orientada pelo Ator está a heterogeneidade do mundo social, que se manifesta através da diversidade de caminhos e soluções encontrados pelos atores sociais com o objetivo de cumprirem seus projetos e manterem-se em suas atividades, superarem desafios e prosperarem. Para compreender essa heterogeneidade, é importante que se dê voz aos atores, que sejam incluídos na pesquisa como principais responsáveis pelas mudanças sociais.

As dificuldades impostas ao exercício de apreender essa heterogeneidade são também discutidas por Long (2001). Contudo, o autor afirma que, mesmo que uma arena social seja composta por diferentes discursos e práticas, os atores geralmente direcionam-se rumo a interpretações e pontos de vista comuns.

No contexto deste estudo, a cooperativa enquanto “organização social”⁶ é, em certa medida, aquela que manifesta essa convergência de manifestações verbais e não-verbais dos atores que a constituem. Essas manifestações, se analisadas a partir desta cooperativa, mostram-se homogêneas, mas trazem, nas entrelinhas, peculiaridades que explicitam seu caráter consensual.

Os atores assumem, de certo modo, esse discurso, enquanto que, na prática, suas ações são diversificadas ao ponto de, em alguns casos, serem antagonicas. A fim de apreender esse universo diversificado de atores que vivem sob um mesmo rótulo poder-se-ia empregar inúmeros instrumentos. Contudo, optou-se por utilizar a percepção ambiental, enquanto ferramenta analítica por, basicamente, dois motivos principais.

O primeiro é devido às implicações socioambientais provenientes de práticas agrícolas alternativas, que podem ser desde reproduções ambientalmente favoráveis do modelo convencional de produção, como podem ser promotoras de profundas mudanças sociais relacionadas, por exemplo, ao fortalecimento da autonomia dos agricultores e à diminuição do impacto ambiental. Essas duas possibilidades, entre outras desconhecidas, podem efetivamente estar por trás do discurso da ECOCITRUS, guardando consigo as percepções, as motivações e as reais ações dos sujeitos que a compõe.

O segundo deve-se ao fato de que foram as relações estabelecidas entre esses atores (agricultores ecológicos) e o meio ambiente que suscitaram as primeiras indagações do estudo. A análise das percepções, nesse contexto, permite resgatar essas relações a partir de

⁶ Segundo Savi (2006, p.28), “para Max Weber as ‘formações sociais’ – como a cooperativa pesquisada – não passam da conduta, com sentido ou expectativas compartilhadas, de determinados agentes. Subjaz a isto a noção de um tipo específico de ‘relação social’, ou seja, aquela que é orientada por uma regra (‘ordem’), tida, pela totalidade dos agentes, como ‘legítima’ ”.

seus pontos mais profundos, uma vez que essas percepções são carregadas de história e são densamente construídas por aquilo que é literalmente sentido e interpretado.

As percepções manifestam-se nas atitudes, nas ações e nas decisões dos sujeitos perceptivos. Um contexto ou um espaço de vivências (como a cooperativa) pode ser socialmente construído, porém as interpretações desse espaço são singulares e advêm diretamente da percepção que, por ser carregada de um contexto social reinterpretado, não são percepções somente do indivíduo, mas sim deste enquanto ator social capaz de promover mudanças sociais.

Nesse sentido, Del Rio (1999, p. 3) contribui afirmando que a percepção, embora seja subjetiva, pode apresentar recorrências comuns. Essas recorrências seriam as respostas dadas pela percepção às experiências vividas socialmente que, após interagirem, serem retrabalhadas e re combinadas ao longo do tempo, se reproduziriam enquanto discurso do grupo, enquanto representações sociais. Jovchelovitch (1995, p. 80) afirma que “as representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente”.

Portanto, dar voz aos atores do contexto empírico analisado e interpretar suas ações a partir de suas percepções, buscando evidenciar o contexto do qual emergiu a realidade que hoje se apresenta é o que, sumariamente, se busca utilizando como ferramenta analítica o referencial acima exposto. Cabe salientar que é também central neste estudo o reconhecimento deste empírico como um espaço que avança fortemente em direção ao desenvolvimento rural, partindo do empoderamento e do reconhecimento da sabedoria dos atores locais, sendo esses claramente os responsáveis pelas mudanças ocorridas em seu contexto social. Finalmente, as percepções, que estão por trás dessa eficácia, é o que queremos desvendar.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo presta-se a apresentar o percurso metodológico percorrido com a intenção de cumprir os objetivos elencados para o estudo. Dessa forma, apresenta-se a maneira como foi feita a seleção dos agricultores participantes, seguindo-se das técnicas utilizadas para a coleta de dados, bem como as limitações que surgiram ao longo da pesquisa de campo. Por fim, faz-se uma apresentação da análise realizada nos dados em busca das respostas para as perguntas norteadoras deste estudo.

4.1 CRITÉRIO PARA A ESCOLHA DOS SUJEITOS

O primeiro passo dado para iniciar o trabalho de campo foi escolher a melhor maneira de acessar os sujeitos do estudo que, conforme descrito anteriormente, são os sócios da cooperativa ECOCITRUS e suas famílias. Nessa primeira etapa, a aproximação com a cooperativa de citricultores ecológicos teve papel fundamental, uma vez que ela se mostrou composta por um grupo heterogêneo de agricultores envolvidos na prática de agricultura ecológica e também um grupo que, por motivos diversos, se desvinculou da cooperativa e desse modo de produção. O quadro de sócios e ex-sócios ofereceu a aproximação com a realidade de agricultores com uma diversidade de entusiasmos diante da cooperativa e da prática ecológica, com tempo de engajamento variado e que desempenhavam papéis diferenciados dentro da ECOCITRUS.

Tendo em vista que as associações ocorreram entre os anos de 1998 e 2004, optou-se por criar grupos de cooperativados. Formaram-se quatro grupos, sendo que o primeiro englobava todos aqueles agricultores que entraram na cooperativa entre os anos 1998-1999, o segundo aqueles agricultores que se associaram nos anos de 2001-2002 e o terceiro entre 2003-2004⁷. O quarto grupo foi composto daqueles agricultores que saíram da cooperativa, e que também se tornaram importantes sujeitos deste estudo, por trazerem dados referentes aos motivos que levaram à desistência e se esta significou o retorno às práticas convencionais.

⁷ No ano de 2000 não há registros de novos associados.

Dentre o número total de associados da cooperativa, estão alguns que não são agricultores, mas sim prestadores de serviços, os quais não foram entrevistados (TABELA 1).

TABELA 1: Tabela demonstrativa do número de sócios da ECOCITRUS em diferentes anos de associação e o número de sócios entrevistados nesta pesquisa.

Ano de ingresso	Nº sócios	Sorteados
1998 - 1999	26	5
2001- 2002	7	2
2003 - 2004	7	2
Ex-sócios	11	3
Não agricultores	4	0
total	55	12

A separação dos agricultores por período de associação deu-se, principalmente, pelo fato de que, ao longo dos anos de envolvimento, as experiências, as percepções, as motivações podem, teoricamente, se modificar (MERLEAU-PONTY, 1999). Além disso, um período de transição antecede os bons momentos esperados para a agricultura ecológica, o que faz com que os sócios mais antigos já tenham superado os momentos de dificuldades característicos desta fase e hoje desfrutem de uma estabilidade maior do sistema como um todo. O tratamento homogêneo do grupo poderia levar à perda de informações não evidenciando importantes aspectos relacionados às mudanças temporais do processo. Dessa forma, buscou-se levar em conta um dos pontos centrais da pesquisa qualitativa, que é “maximizar a variedade do fenômeno desconhecido” (BAUER e AARTS, 2002, p. 58) explorando ao máximo as informações disponíveis no contexto empírico.

A partir desses grupos, optou-se por sortear, em um primeiro momento, um número de aproximadamente 20% dos sócios. Cabe salientar que a opção pela aleatoriedade não foi tornar essa seleção probabilística, uma vez que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p. 68). Nesse sentido, a intenção foi de acessar, da melhor maneira possível, a heterogeneidade de manifestações dos sujeitos, tal como sugere Long (2001) na proposta teórico-metodológica da Perspectiva Orientada pelo Ator. Acessar os agricultores através de indicações poderia levar a uma limitação favorecendo aqueles mais atuantes/engajados e que, provavelmente, melhor

representariam o discurso da cooperativa, excluindo, portanto, da análise aqueles pouco envolvidos.

Depois de realizado o sorteio foi iniciado o contato com os agricultores e suas famílias. Para isso, aproveitou-se a ajuda do engenheiro agrônomo da cooperativa, Daniel Büttenbender, que gentilmente fez o acompanhamento mostrando a localização das propriedades, realizando uma primeira aproximação com as famílias, explicando a pesquisa e solicitando colaboração. Uma carta explicativa foi entregue aos agricultores (APÊNDICE A) a fim de esclarecer os objetivos e a natureza do que se pretendia realizar.

A primeira família visitada foi tratada como piloto da pesquisa. Com ela todos os métodos – os quais serão descritos detalhadamente no próximo item - foram aplicados para posteriormente serem reavaliados, enquanto sua clareza, coerência e eficiência. O primeiro roteiro de entrevista, que exigia maiores cuidados, foi utilizado e, antes que fosse aplicado na próxima família, passou por uma avaliação e ajustes. Caso apresentasse problemas graves, essa família tratada como piloto seria desconsiderada da análise final e outra família seria sorteada. Contudo, o roteiro mostrou-se coerente, sem que muitas modificações fossem necessárias. Desta forma pode-se utilizar essa família-piloto também na análise dos dados.

Depois de realizadas as entrevistas, solicitava-se aos entrevistados uma caminhada pela propriedade, para que se pudesse conhecer o pomar, a horta, o galpão, o açude, ou seja, tudo aquilo que compunha a paisagem cotidiana daquela família. Nesses momentos, com o gravador desligado, a conversa iniciada na entrevista continuava, e na prática, bem como na organização do espaço, as informações dadas inicialmente iam se confirmando, ou não.

Após a coleta de dados, ao final do dia, todas as impressões obtidas foram registradas no diário de campo, que combinava reflexões, recordações e descrições do espaço e das famílias. Esse diário serviu de suporte às informações contidas nas gravações das entrevistas, bem como àquelas coletadas ao longo das observações.

Com o objetivo de esclarecer os pontos principais das técnicas utilizadas na coleta de dados, apresenta-se, no item a seguir, uma descrição mais detalhada, bem como os motivos que levaram à sua escolha.

4.2 O MÉTODO

A presente pesquisa buscou analisar qualitativamente o universo empírico, visto que não se podem generalizar as percepções dos agricultores. Esse tipo de análise busca compreender um contexto específico de determinada região, no qual as motivações, as experiências, os saberes contribuem para sua construção. A pesquisa qualitativa lida com interpretações das realidades sociais (BAUER et al., 2002, p.23) e os métodos qualitativos, de acordo com Serapioni (2000), devem ser utilizados quando o objeto de estudo não é bem conhecido, por sua capacidade de fazer emergir aspectos novos e por serem aptos para descobrir novos nexos e explicar significados.

Nesta pesquisa foram utilizadas para coleta de dados primários quatro técnicas: observação; diário de campo, associação livre de palavras e entrevistas semi-estruturadas. Dois motivos levaram à escolha dessas técnicas: i) a percepção, por muitas vezes, não é consciente ou imediatamente notada pelo indivíduo e pode se manifestar muito além do discurso, ou seja, nas ações cotidianas; ii) a percepção está diretamente relacionada com as experiências de vida, as interpretações e as motivações, tornando o contexto em que se insere o estudo fundamental para seu desenvolvimento.

A técnica central utilizada na obtenção dos dados foi a entrevista semiestruturada, com o objetivo de alcançar uma compreensão “detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2002, p. 65). “A entrevista semi-estruturada permite uma conversação continuada entre informante e pesquisador” (DUARTE, 2002). “O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Nesse sentido, a partir de um roteiro elaborado previamente, o entrevistador vai, com certa liberdade, explorando os pontos de interesse no transcorrer da entrevista (GIL, 1999).

A utilização da entrevista mostra-se também imprescindível, à medida que sua análise permite um entendimento do contexto em que as falas dos agricultores se constroem evidenciando as motivações e os valores embutidos nas suas ações. O roteiro de entrevista foi, portanto, preparado com perguntas abertas e fechadas, buscando centralizar a conversa no tema sem, contudo, limitar a fala dos agricultores, deixando o diálogo aberto (APÊNDICE B).

Um gravador digital, Panasonic RR-US450, foi utilizado para registrar as falas, as quais foram transcritas literalmente e posteriormente analisadas.

Em caráter secundário, foi preparado um roteiro de observação, com o objetivo de buscar, na realidade observada, aspectos que concordassem ou discordassem das falas dos entrevistados (APÊNDICE C). Esse método, que conta apenas com o olhar atento do pesquisador sobre o fenômeno ou objeto que se pretende analisar, faz emergir contradições e até mesmo preocupações que são restritas à realidade daquele sujeito, daquela família. É nesse momento que se tem contato com o espaço onde as vivências acontecem e onde se processam as ações. Gaskell (2002) enfatiza a importância da observação, pois acredita que essa técnica permite ao pesquisador atentar-se ao tipo de informação que lhe escapa quando se empregam outros métodos.

Nesta pesquisa, fez-se uso da modalidade de observação não-participativa, na qual o pesquisador coloca-se como um espectador, que, observando de maneira alheia os fatos e partindo de um roteiro pré-estabelecido, passa a registrar as ocorrências que interessam a seu trabalho. As informações obtidas foram sistematizadas no diário de campo, o qual constitui a terceira técnica utilizada.

Como um instrumento de registro e organização dos dados, o diário de campo tem como objetivo principal permitir o detalhamento das informações e reflexões feitas no decorrer da investigação. Serve como forma de registro das observações. Nesse tipo de técnica, não há neutralidade por parte do pesquisador, uma vez que ele coloca, ao longo de seus registros, comentários pessoais e impressões. Segundo Bogdan e Biklen (1994), o diário de campo é o relato do que o pesquisador ouve, vê, vivencia e pensa no decorrer da coleta de dados, registrando-os através da escrita.

Para a presente pesquisa, assim como a observação, o diário de campo teve caráter complementar à aplicação das entrevistas, pois não se procurou fazer uma análise detalhada de seu conteúdo, não só pela atenção especial que a análise do diário de campo demanda, como também pela quantidade de informações que fornece, fugindo em parte do objetivo central desse estudo. Contudo, a utilização dessa técnica teve um impacto positivo na coleta de dados, uma vez que permitiu registrar as reflexões e as impressões obtidas diante dos fatos, auxiliando na compreensão de situações que a entrevista e a observação não contemplaram e para que as reflexões feitas em campo não se perdessem por não terem sido registradas.

Por fim, a última técnica utilizada, a associação livre, pertence a um conjunto de métodos associativos que são utilizados para coletar aquela expressão mais espontânea.

Essa é uma técnica utilizada nas representações sociais e em entrevistas com grupo focal. Segundo Gaskell (2002, p.80), a associação livre é um recurso útil para provocar ideias e discussão, serve para se descobrir “qual a perspectiva que trazem, e para compreender a gama de outros conceitos e idéias com ele relacionadas”. Nessa técnica solicita-se aos indivíduos uma palavra, ou uma série delas, que são imediatamente pensadas quando se resgata um determinado tema. Pode ser realizada com um indivíduo ou com um grupo deles, e no caso da análise de percepção é importante que seja aplicada individualmente.

Neste caso a associação livre de palavras foi utilizada no decorrer da entrevista. Em meio ao diálogo estabelecido foi solicitado que o entrevistado citasse cinco palavras que para eles caracterizassem o meio ambiente. A partir de então, outras perguntas referentes aos problemas ambientais foram feitas, permitindo que na análise se diferenciasses aquelas reflexões mais imediatas, prontamente pronunciadas, daquelas que necessitaram de maior elaboração por parte dos sujeitos.

A diversidade de técnicas utilizadas como complemento à entrevista permitiu uma análise que confrontasse a fala dos indivíduos com suas ações, fazendo com que muitas vezes se percebesse um grau de envolvimento maior ou menor com o tema. As convergências e divergências observadas contribuíram para uma análise mais fiel da realidade. Ademais, com o objetivo de complementar as informações obtidas nas ações em campo, utilizaram-se dados secundários, tais como estudos prévios desenvolvidos na região, relatórios realizados por diversas instituições (UFRGS, EMATER, etc), mapas, *folders*, reportagens em revistas, entre outros.

Com isso, buscou-se fazer uso daquilo que, para Long (2001), está no centro da pesquisa social orientada pelo ator, entendendo que o discurso e a linguagem exercem um importante papel na prática social cotidiana, mas que ambos não se manifestam apenas na verbalização e nas falas diárias, mas também no comportamento não-verbal, nas expressões corporais e nos sentimentos dos atores. Neste sentido buscou-se, através das técnicas de coleta de dados complementares, evidenciar uma realidade diversificada não só no âmbito das relações entre os sujeitos, mas também naquilo que está implícito nas falas e nas ações de um mesmo indivíduo.

Embora toda a construção metodológica tenha sido pensada visando minimizar possíveis erros na coleta de dados, a realidade sempre se mostra mais dinâmica do que se possa imaginar. Diante dessa dinamicidade, aspectos que se pretendia evitar não foram possíveis de ser contornados, exigindo tomadas de decisão ao longo do processo investigatório. Essas dificuldades e as soluções encontradas são discutidas no item a seguir.

4.2.1 As limitações metodológicas

A maior dificuldade encontrada para a realização do que foi programado para a pesquisa está relacionada à aplicação individual das entrevistas. Essa dificuldade foi evidenciada já na fase piloto, visto que a proposta era da realização da entrevista, em momentos distintos, com os diferentes sujeitos envolvidos nas atividades agrícolas da propriedade, fato que, por vezes, tornou-se inviável.

O que se pôde verificar, na realidade, é que para algumas famílias, a presença de uma pessoa desconhecida em sua residência era motivo de curiosidade. Embora a ECOCITRUS tenha um histórico de envolvimento com atividades de pesquisa, nem todas as famílias associadas relacionam-se diretamente com essa realidade, estando, por vezes, afastadas desse cotidiano da cooperativa. Quando se fez a proposta de realizar um sorteio, a fim de acessar os sócios de forma aleatória, já se imaginava a existência de um diferente grau de participação e de aproximação dos sócios com as diversas atividades com as quais a cooperativa se envolve. Essa diferença de engajamento se reflete em posturas diferenciadas, as quais são importante objeto de análise dessa pesquisa.

Ainda que se tenha tentado a realização das entrevistas individualmente, solicitando aos agricultores e explicando a necessidade dessa abordagem, alguns permaneciam no mesmo local, porém calados, sem intervir nas respostas do outro. Em outros casos, a entrevista acontecia com os agricultores respondendo simultaneamente, com um acrescentando, contribuindo, e até discordando do que foi dito pelo outro. Essa dificuldade encontrada pode refletir também uma questão cultural podendo vir a ser um interessante objeto de análise.

Quando esse cenário se fez evidente na entrevista piloto e diálogos interessantes surgiram culminando em falas mais desenroladas, com os sujeitos mais à vontade, optou-se por manter essa dinâmica à medida que ela fosse aparecendo. Para isso certos cuidados foram tomados, tais como: a observação da postura dos entrevistados, se apáticos ou não, se sua fala concordava muito com a do companheiro, ou se surgiam manifestações próprias, opiniões, indignação, etc. Para isso, os registros das observações e do diário de campo foram fundamentais durante a análise das falas dos entrevistados.

Um segundo ponto que dificultou a realização plena do planejado foi o fato de alguns agricultores da cooperativa e outros que saíram não terem como principal atividade, no momento da entrevista, a agricultura. Essas pessoas já foram mais envolvidas com a atividade agrícola em outros momentos das suas vidas, porém atualmente têm outra profissão ou mantêm a agricultura em caráter secundário.

Essa realidade dificultou a observação da propriedade, visto que alguns sócios ou ex-sócios não moram no local ou até mesmo já não possuem mais a propriedade. Considerando que, em um momento distinto, a citricultura ecológica foi um dos principais trabalhos desses sujeitos, e buscando respeitar a aleatoriedade da seleção, optamos por entrevistá-los no local em que para eles parecia mais adequado, fazendo uso do diário de campo para registrar as impressões.

A importância de se relatar essas dificuldades torna-se evidente à medida que se acredita que uma atividade de pesquisa de mestrado é parte de um processo de amadurecimento, onde se busca fazer das discordâncias da realidade com aquilo que se planeja na teoria fonte de reflexão e análise. Em alguns momentos se pode voltar atrás e corrigir, em outros é preciso estar ciente das diferenças e seguir com uma análise cuidadosa dos dados obtidos. Outro motivo que leva à descrição dessas limitações é a consciência de que esta dissertação poderá servir de base para futuros estudos e desta forma outros pesquisadores estarão cientes das possíveis limitações destas técnicas utilizadas diante da realidade aqui apresentada.

4.3 A ANÁLISE DOS DADOS

Para o desenvolvimento de um bom estudo, tão importante quanto as técnicas de coleta de dados permitirem o cumprimento dos objetivos da pesquisa é a análise adequada das informações obtidas. “O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente” (GASKELL, 2002, p. 85).

Utilizou-se, com esse fim, o software QSR-NVivo®, que recebe os documentos digitais das entrevistas transcritas, bem como relatos do diário de campo e das observações, e permite a categorização e codificação dos dados, facilitando relações e interpretações. Esses softwares, contudo, não substituem a função intuitiva e criativa do

pesquisador, sendo apenas um instrumento de auxílio à pesquisa qualitativa (GASKELL, 2002; BAUER, 2002).

No subitem a seguir apresenta-se a maneira como se organizaram os dados obtidos. Para isso se propôs a construção de um diagrama analítico que combina os dados provenientes das diferentes técnicas utilizadas. Aproveita-se também para expor os critérios utilizados na sua construção.

4.3.1 A percepção ambiental dos citricultores

A minha atividade enquanto agricultor ... é que eu não tô forçando. No início eu forçava as coisas acontecerem, e hoje não, eu tô tentando trabalhar, observar os períodos, os ciclos e a energia da luz... Principalmente porque a natureza tem ciclos e a gente observa ela, que nem agora, toda a energia que a natureza captou agora, o inço cresce no verão e morre no inverno, captou a energia no verão..., e isso eu tô..., eu observei, né? Por isso é uma mudança bastante grande, a questão de observar os ciclos e a energia da natureza. Isso eu tô tentando trabalhar mais. Por isso facilitou também o trabalho. Deixa de ser aquela coisa forçada de querer terminar com o mato. Eu até digo que tô meio folgado... aí meu irmão disse: _ tu tem a vida mais bonita. Aí, eu digo: tu quer tu também pode ter! né?... Às vezes eu saio nos dias mais bonitos, no verão, não trabalho tanto. Cuido bastante a questão do sol, trabalho bastante na sombra, observo o sol de manhã, de tarde. Eu prefiro entrar mais tarde na roça no verão e entrar mais noite adentro. Trabalhar mais de manhã cedo e ficar mais dentro de casa. A gente tem que observar isso. (E7)

A maneira como os atores interagem com o meio, explicitadas através de seu discurso e de suas ações, guardam dados relevantes a respeito da percepção, das atitudes e dos valores desses indivíduos. A compreensão desses três últimos elementos, como discutido anteriormente, é entendida como fundamental para a resolução dos acentuados problemas ambientais vividos na atualidade. A visão antropocêntrica hoje predominante age como um catalisador da degradação socioambiental nas mais diversas esferas, desde aquela que tange às questões referentes ao corpo e à saúde humana, até aquelas referentes à erosão, perda de diversidade, poluição, entre outras.

De maneira a entender e buscar responder às perguntas desse estudo iniciou-se uma análise dos principais pontos emergentes da coleta de dados e que se referiam à

percepção ambiental dos citricultores da cooperativa ECOCITRUS. Para sistematizar as informações obtidas na coleta de dados foi elaborado um diagrama sobre o qual a discussão a seguir se desenvolveu (FIGURA 10).

O diagrama proposto procura organizar informações obtidas das falas dos agricultores, bem como os dados registrados a partir da observação em campo, dentro das bases teóricas desenvolvidas para a presente pesquisa. No eixo vertical, apresentam-se os principais termos abordados quando os entrevistados são evocados a falar do meio ambiente e de possíveis problemas ambientais. A disposição desses termos no diagrama foi dada a partir do que foi dito nas entrevistas, iniciando-se com aqueles que parecem estar mais relacionados com a visão antropocêntrica de meio ambiente, justificada pela ideia fragmentada da relação homem-natureza e seguindo-se para os temas mais complexos representados no topo do eixo. Portanto, à medida que se avança em direção a porção superior do eixo vertical, emergem temas mais próximos de uma visão sistêmica.

Estes temas foram nomeados de maneira genérica, a fim de dar um significado central, porém não estático, às problemáticas recorrentes nas falas dos sujeitos. A escolha dos nomes deu-se através do aparecimento e recorrência durante as entrevistas e observações. Assim, o termo “comércio”, quando utilizado pelos atores, relaciona-se à venda diferenciada dos produtos orgânicos, à compra da produção garantida pela cooperativa, ao aproveitamento de toda fruta, seja para a extração de óleos essenciais ou para produção de suco.

O termo “insumos” representa, por sua vez, todas as falas que resgataram de maneira frequente assuntos como: o perigo dos agrotóxicos; os custos de produção gerados por sua utilização; a importância de se ter um composto orgânico. Tendo em vista que há uma significativa diferença entre a percepção do “insumo” enquanto gerador de custos de produção daquele referido como prejudicial à saúde, optou-se por criar uma convenção. Ou seja, todos que estiverem diagramados abaixo do eixo “insumos” representam uma percepção centrada basicamente nos benefícios econômicos denunciada, em parte, pelas preocupações e motivações ligadas à comercialização. Aquilo que estiver acima do mesmo eixo tem uma relação mais forte com as perdas ligadas à saúde e à qualidade de vida. Esse termo foi utilizado como central do eixo vertical por representar o ponto por onde os agricultores começaram a mostrar uma percepção ambiental mais sistêmica.

A “saúde”, por outro lado, concentra os discursos referentes à utilização de agrotóxicos no que diz respeito aos problemas causados por sua utilização. Além disso, este termo está frequentemente relacionado aos problemas ambientais relatados pelos atores, assumindo uma centralidade em suas preocupações. A “água” traz denúncias relativas à

poluição dos corpos d'água, seca de arroios, mortandade de peixes, entre outras, geralmente causadas por atividades agropecuárias consideradas pelos agricultores como 'exageradas' ou 'descontroladas' e que, por sua vez, trazem consequências graves para a saúde da população.

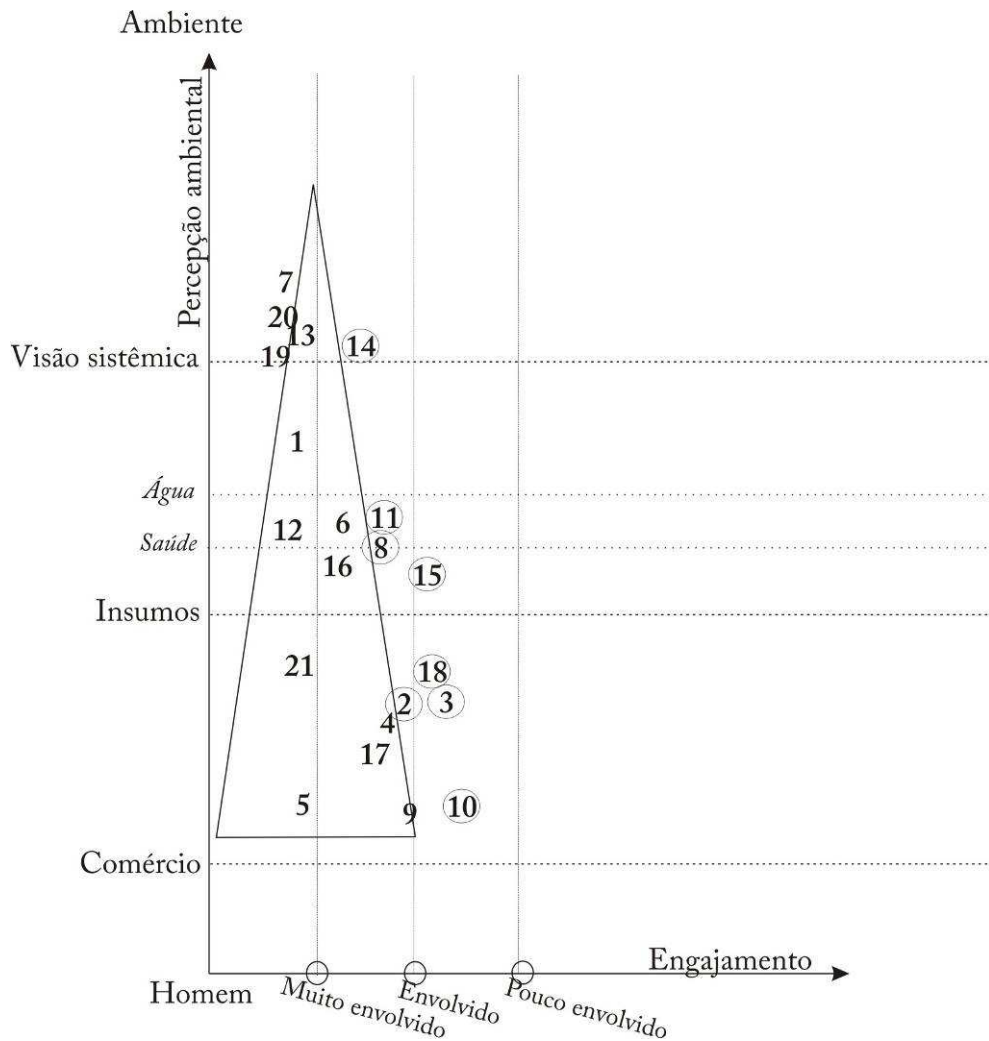


FIGURA 10: Diagrama proposto para ilustrar a aproximação dos diferentes sujeitos em relação à cooperativa, bem como suas percepções ambientais.
Fonte:Elaborado pela autora.

Por fim, à “visão sistêmica” se aplicam todos os discursos que mostram uma análise mais aprofundada dos ciclos de energia, das interações e das intervenções humanas nesses ciclos. Para ilustrar este último tema, pode-se recorrer ao trecho de entrevista que inicia este capítulo, no qual o agricultor construiu uma explicação a respeito das mudanças

que ocorreram em suas atividades quando adotou o sistema de produção ecológico, esboçando uma reinterpretação do sistema produtivo como um todo. Em meio à avaliação de sua própria prática surgem termos que mostram uma percepção ambiental sistêmica, como por exemplo, o fato de não estar “*forçando*”, que evidencia o conhecimento dos ciclos naturais e que estes podem ser aproveitados a seu favor, facilitando seu trabalho. Essa percepção está geralmente relacionada a agroecossistemas mais complexos, e a fala dos agricultores se reflete fortemente na estrutura de suas propriedades, redesenhadas com o objetivo de constituírem-se como Sistemas Agroflorestais.

Cabe salientar que este eixo vertical representa um contínuo de percepções. Portanto, a análise da disposição dos entrevistados uns em relação aos outros, neste eixo, traz respostas quanto à percepção do agricultor se comparado com aquele que está imediatamente abaixo ou acima. Pode-se pegar como exemplo o entrevistado 13, que possui uma percepção ambiental muito próxima, em termos de complexidade de relações que estabelece, com o 20 e o 19. Contudo, a percepção do 20 mostrou-se, na pesquisa, ainda mais sistêmica do que aquela apresentada pelo 13 que, por sua vez, mostrou-se mais sistêmica do que a do 19.

Para dispor esses entrevistados no eixo vertical do diagrama utilizou-se, como primeiro indicador, o limite em que o discurso de cada um chegava, tendo como base de interpretação apenas as entrevistas. Em seguida, a fim de refinar a análise, fez-se uso dos dados registrados no diário de campo, os quais continham informações obtidas a partir das observações. Esse segundo momento permitiu um posicionamento mais preciso dos agricultores no diagrama e, principalmente, evidenciou as principais diferenças existentes entre eles. Essa construção é resultado do tratamento das informações obtidas no software QSR NVivo®, que permitiu uma organização clara dos dados, facilitando o retorno às informações sempre que se fizesse necessário.

O Quadro 1 apresenta a sistematização dessa análise, onde a primeira coluna traz elementos que representam genericamente os temas abordados pelos agricultores durante a entrevista. As linhas mais escuras mostram os eixos apresentados no diagrama.

As segunda e terceira colunas apresentam informações, também genéricas, do que foi observado nas propriedades e que se referem basicamente às práticas efetivamente adotadas e à estrutura física. Esses elementos deixam as contradições do discurso evidentes e, por isso, permitem uma interpretação mais fiel da realidade. Para diferenciar as práticas ecológicas das convencionais adotou-se uma marcação diferenciada, onde “xx” representam a primeira e “x” a última. Quando uma prática marcada entrava em contradição com o que

havia sido sinalizado no discurso, voltava-se aos registros originais e analisava-se novamente o material.

QUADRO 1: Utilizado para organizar as informações gerais retiradas das entrevistas e das observações. A primeira coluna traz temas emergentes da análise das entrevistas. As duas colunas seguintes trazem elementos que compõem a prática dos agricultores.

Elementos no discurso		Práticas		Estrutura física	
comercialização garantida		citros		poço artesiano próprio	
comercialização facilitada		horta		poço comunitário	
redução dos custos de produção		cultivos anuais		fossa séptica	
aproveitamento total da produção		consórcio frutíferas diversas		sumidouro ecológico	
valor agregado		cons. com nativas diversas		cisterna	
agrotóxicos e saúde		gado de corte		composteira	
saúde		gado de leite		estufa	
alimentação saudável		suínos		mata ciliar preservada	
água - consumo		frangos		mata nativa preservada	
água - arroios - seca		gado de leite (integrado)		pomar em linhas	
água - poluição - dejetos		suínos (integrado)		sistema agroflorestal	
ar		frangos (integrado)			
solo - terra		caça			
erosão		silvicultura de acácia			
desmatamento		silvicultura de eucalipto			
vida humana		Viveiro de mudas			
não agredir a natureza		controle biológico			
energia da natureza		adubação esterco			
cidadania		composto ECOCITRUS			
ética		biofertilizante			
comportamento		adubação química			
conhecimento					
comércio justo					
propriedades interligadas					
qualidade de vida					
solidariedade					
cooperação					
autonomia					
Entrevistado nº:					

Fonte: Elaborado pela autora.

O triângulo apresentado no diagrama (FIGURA 10) significa a cooperativa. Sua base colocada entre os termos “comércio” e “insumos”, representa a motivação inicial

que gerou a organização dos agricultores nos anos de sua idealização e criação. Tal como pode ser contemplado abaixo na fala de um dos sócios fundadores da ECOCITRUS:

A ECOCITRUS surgiu mais pelo trabalho em conjunto né! De criar uma cooperativa de pequenos agricultores e ser autossuficiente, de ser autossustentável a cooperativa, de ter composto próprio, de ter comércio próprio, de não precisar usar insumos químicos... foram ingredientes de várias ideias, de vários tipos. (E13)

O topo desse triângulo indica as mudanças de discurso sofridas ao longo do tempo pela ECOCITRUS e que hoje se somam aos objetivos iniciais. A construção desse triângulo deu-se através de um apanhado de informações que vão desde relatos de experiência de anos anteriores, até as entrevistas realizadas com alguns sócios fundadores, como exemplificado no trecho acima. A forma de triângulo, em si, não passa de uma representação gráfica que busca enfatizar a relevância que a base assume na sustentação do todo. Poder-se-ia, contudo, ter utilizado um círculo, uma elipse, um quadrado, ou outra figura geométrica qualquer.

Se a ECOCITRUS e todos os agricultores que a compõem fossem, hipoteticamente, uma entidade única e indissociável, era de se esperar que todos envolvidos seguissem essa mesma lógica. Entretanto, como essa unidade não existe o que se apresenta é uma heterogeneidade (LONG 2001) que fornece um contexto empírico interessante a ser analisado.

Seguindo-se na construção do diagrama, foi proposta, para o eixo horizontal, uma segunda entrada dos dados que relacionasse o grau de engajamento dos entrevistados com a cooperativa. Essa proposta deve-se ao fato de que esse engajamento nos permite visualizar uma distribuição espacial do agricultor em relação à cooperativa, denunciando se essa aproximação atua de alguma forma na construção de sua percepção ambiental. Ademais, esse engajamento não se desenrola por uma lógica única, visto que diferentes são os motivos que levam a uma aproximação, ou afastamento dos agricultores.

Com o objetivo de organizar a análise, os entrevistados foram dispostos nas seguintes categorias: 1. *muito envolvido*, para aqueles que, além de serem ou terem sido sócios, desempenham ou desempenharam alguma atividade direta na cooperativa, como, por exemplo, cargos administrativos; 2. *envolvido*, para os sócios ou ex-sócios que nunca desempenharam nenhuma atividade extra na cooperativa e para a família dos sócios *muito envolvidos*; e 3. *pouco envolvido*, para a família dos sócios categorizados dentre os

envolvidos. Essas categorias surgiram a partir das respostas obtidas para a pergunta de número 24 do roteiro de entrevista uma vez que os agricultores relacionavam sua participação na cooperativa a uma atuação direta, vindo a ser, caso contrário “*apenas agricultor associado*”⁸.

Por conseguinte, acredita-se que a participação da família será maior ou menor de acordo com o engajamento do sócio, visto que a empolgação, a dedicação e as motivações tendem a incentivar outros atores. Neste caso, contudo, a disposição dos agricultores poderia ser pontual, ou seja, o eixo não representa um contínuo, mas sim categorias. No entanto, essa disposição não permitiria a visualização dos entrevistados, uma vez que, em alguns casos, poderia haver sobreposição.

Desta forma, o que se buscou evidenciar com a construção desse diagrama e com sua análise é se o fato destes agricultores estarem vinculados a uma cooperativa com um elaborado discurso ambiental, faz com que sua percepção ambiental se desenvolva de maneira a tratar o meio ambiente e as problemáticas ambientais como sistêmicas e socioambientalmente integradas, tal qual teorizam os princípios da Agroecologia. E ao passo que a cooperativa é constituída pelos agricultores, em que medida a percepção ambiental desses atores mostra-se ativa na elaboração do discurso da cooperativa.

De imediato, verificam-se três grandes grupos tendendo a uma oposição no que diz respeito aos dois extremos dos eixos vertical e horizontal. Os indivíduos que estão afastados desses grupos deixam clara a heterogeneidade do recorte empírico estudado, bem como a impossibilidade de tipificar os agricultores baseando-se na sua percepção, visto que esses compõem um contínuo diversificado em suas motivações, ações e vivências.

Pode-se, no entanto, caracterizar e analisar separadamente essas três tendências mais evidentes, com o objetivo de entender quais aspectos colocam os agricultores tão próximos no diagrama a ponto de configurar um agrupamento. Para isso se abordará, nos subitens a seguir, as características gerais de cada uma das tendências, para depois aprofundar-se em suas peculiaridades. Para facilitar a apresentação e discussão dos resultados, bem como a comparação, achou-se conveniente nomear os grupos representativos de cada tendência da seguinte forma: o primeiro grupo, disposto no canto superior esquerdo, foi denominado “*Grupo Sistemas*”, o segundo, ocupando posição mais central no diagrama, é o “*Grupo Saúde*” e, por fim, aqueles dispostos no canto inferior direito representam o “*Grupo Comércio*”.

⁸ Expressão utilizada por todos os entrevistados sócios que não se envolveram diretamente com a cooperativa.

5 DO DISCURSO À PRÁTICA

O presente capítulo debruça-se sobre a apresentação dos resultados obtidos através da análise da percepção dos agricultores ecológicos da cooperativa ECOCITRUS, centrando a discussão em dois itens principais. O primeiro item trata da percepção ambiental dos agricultores, bem como da apresentação das tendências nas quais essas percepções se organizam quando analisadas coletivamente. O segundo item traz informações a respeito do policultivo e das contradições emergentes em torno desse tema, quando este é analisado com base nos princípios da Agroecologia enfatizado pelo discurso da ECOCITRUS.

Embora esses dois itens em um primeiro momento não pareçam ter relações, pôde-se perceber, ao longo da análise, que o policultivo pode ser interpretado enquanto ação, ou seja, resultado, em certa medida, da percepção dos agricultores. Uma vez que esse tema reflete uma série de problemáticas socioambientais que estão no cerne das discussões em torno da agricultura ecológica, optou-se por aprofundá-lo dando subsídios para os resultados apresentados para a percepção.

5.1 AS TENDÊNCIAS: DETALHANDO OS DADOS

Passando-se então para um detalhamento dos resultados obtidos na análise apresentada no capítulo anterior, observa-se certa tendência na organização dos dados, que conduzem a três agrupamentos, mesmo que em alguma medida contínuos, dos agricultores entrevistados. A descrição e o detalhamento destas três tendências permitem uma melhor compreensão das diferentes realidades e vivências das quais emergem as percepções desses atores, conforme é evidenciado nos itens a seguir.

5.1.1 Os Sistemas: do pensamento à prática (Grupo Sistemas)

O olhar sistêmico de uma paisagem, seja ela urbana ou rural, não é tarefa fácil. Construir diálogos entre as práticas cotidianas, os ciclos e ritmos naturais é também tarefa árdua. Nos últimos anos, o debate a respeito do entendimento dos locais de produção agrícola enquanto ecossistemas – agroecossistemas, bem como a busca por agroecossistemas

sustentáveis tem levado alguns agricultores a entender e interagir de maneira alternativa com seus sistemas de produção e com suas unidades produtivas.

A gente tem mais convicção naquilo que faz e naquilo que diz, a gente até tem um pessoal que vem... turistas que vêm e eles notam a diferença, a gente tem mais convicção mesmo naquilo que diz, que a gente tem como mostrar, não é diferente, até a gente às vezes... eu comento muito né, eu faço muito trabalho disso na escola, então a gente tem como dizer para os alunos:_ é possível, não é preciso ser nesta linha tão cheia de veneno. (E14)

Pode-se dizer que os agricultores desta tendência representada pelo Grupo Sistemas, dispostos no topo esquerdo do diagrama, próximos ao eixo da “visão sistêmica”, não só estão incorporados nesse debate como também têm orientado suas práticas agrícolas na busca de transformar seus agroecossistemas em algo mais complexo e sustentável. Como evidência imediata disso, pode-se utilizar a fala de um agricultor que transformou sua propriedade em um sistema agroflorestal. “*O meu objetivo é viver... levar mais um pouco [composto] nas áreas ... e daí daqui a 5 anos começar a viver só da natureza, trabalhar as energias da natureza, tô tentando, vamos ver*” (E7).

Esse “*trabalhar as energias da natureza*” mostra uma preocupação com aquilo que não é palpável, mas é, no entanto, percebido através da observação de um ciclo completo de produção e da associação com um conhecimento prévio. A observação das *energias da natureza* pode não ter significado algum para um sujeito que desconhece a existência de tais energias. No entanto, através do resgate deste conhecimento, bem como a relação com aquilo que era observado, o agricultor construiu para si uma imagem dessas energias, que podem estar, na realidade, representando a produtividade, a luminosidade, a disponibilidade de nutrientes, entre outras relações.

Para esses agricultores, o desafio agora passou a ser o estabelecimento e equilíbrio dos sistemas mais complexos do que aqueles que estavam acostumados. Nesse sentido, a observação direta desses agricultores sobre seus antigos sistemas de produção promoveu uma mudança na sua forma de perceber sua atividade e sua propriedade. Um exemplo que ilustra essa situação é a observação quanto às diferenças das plantas que cresceram em locais à meia sombra daquelas completamente expostas ao sol.

Eu vi que na beira do mato as árvores eram mais bonitas, mais vistosas, que a fruta dava bem, eu que percebi! Ninguém sabia que tinha, fui um dos primeiros da região! o pessoal até me chamavam de de... diziam que eu tava querendo criar macaco. (E7)

Essas percepções não só levaram a uma mudança profunda no entendimento do agroecossistema como também promoveram ações determinadas. A opção pela implantação de um sistema agroflorestal, por exemplo, deu-se a partir do momento em que esses agricultores começaram a entender o meio ambiente como um contínuo, com interdependência entre as partes, onde uma mudança pontual pode interferir positiva ou negativamente em todo o sistema. Cabe salientar que apenas esse grupo possui agricultores com sistemas agroflorestais de produção, estando os demais entrevistados atuando em propriedades com a mesma organização espacial que seus pomares tinham no tempo em que praticavam a agricultura convencional.

Outro elemento importante na caracterização desse grupo é a escolaridade. Todos os agricultores dessa tendência estudaram até completar o ensino médio ou o ensino superior. Essa não é uma característica comum no meio rural brasileiro. De acordo com Hoffmann e Ney (2004, p. 56), no Brasil, “a escolaridade média dos agricultores no ano de 2002 era de 3 anos”. No caso do grupo estudado, os indicadores apresentados pelos autores parecem se confirmar, uma vez que a maioria dos entrevistados parou de estudar quando, na época, se encerrava o ensino primário.

Os agricultores do Grupo Sistemas, contudo, aprofundaram seus conhecimentos técnicos também através de cursos de agroecologia, cooperativismo, entre outros. Ademais, o maior investimento nos estudos proporcionou a esses agricultores, em certa medida, a empregabilidade em outras áreas que não unicamente a agricultura. A renda oriunda da pluriatividade assume um importante papel e vem desde atuações como técnicos agrícolas, professores, até mesmo com a recepção de grupos no turismo rural. De acordo com Schneider (2003, p. 77), os autores Fuller e Brun publicaram em 1988 um trabalho que apresenta a pluriatividade de forma clara e objetiva, ou seja:

A pluriatividade implica uma forma de gestão do trabalho doméstico em que o trabalho agrícola encontra-se sempre incluído, podendo não ser, no entanto, uma atividade exclusiva ou mesmo a mais importante. Outras atividades podem ser assumidas com o objetivo de sustentar ou de dar suporte à unidade doméstica, podendo também ser motivadas por considerações não-relacionadas à agricultura.

Essa diversificação de atividade terá implicações importantes, visto que gera fonte de renda alternativa, dando mais liberdade para correr riscos, o que pode ser um fator decisivo para a inovação.

Por fim, o tempo de associação dos atores que compõem esse grupo não guarda diferenças significativas em relação aos demais, estando entre dez e doze anos. Contudo,

nessa década de participação na ECOCITRUS, esses agricultores mostraram-se mais atuantes quando comparados com os do Grupo Saúde e do Grupo Comércio, envolvendo-se diretamente nas áreas administrativas e técnicas. Essa participação mais ativa parece ser a responsável pelo discurso apresentado pela ECOCITRUS, uma vez que este parece muito próximo das práticas evidenciadas para os agricultores do Grupo Sistemas.

Em suma, para os representantes desta tendência, que corresponde à metade dos agricultores que ocupam a posição de mais engajados, com envolvimento direto na cooperativa, o discurso mostra-se mais elaborado no que diz respeito às interações de suas atividades com o meio em que vivem. Pode-se acrescentar, ainda, que os agricultores desse grupo também apresentam uma maior complexidade em suas propriedades, mostrando uma interessante correspondência entre o discurso e a prática por eles desenvolvida. Essa relação será aprofundada no próximo capítulo. Por conseguinte, como veremos nos itens a seguir, o discurso apresentado pela cooperativa foge ligeiramente da prática exercida pelos agricultores das demais tendências.

5.1.2 Água, saúde e composto: a tríade das motivações (Grupo Saúde)

[...] em primeiro lugar é porque eu sei que eu não estou prejudicando minha própria saúde, é o que mais me incentiva. O que eu pego lá eu posso agarrar, lavar e comer que não tem agrotóxico, não tem perigo de me fazer mal. Porque anos atrás, ocorreu que eu pulverizei o arvoredo pela manhã e o empregado foi lá à tarde e comeu as frutas, deu um tremendo desarranjo [risos], _ Ô fulano tu comeu daquela fruta? _ Eu comi umas três ou quatro... _ pois eu não te avisei? Naquela época eu usava um veneno para mosca, então tinha que ter de 12 a 20 dias sem comercializar, daí eu apliquei pela manhã e ele comeu à tarde [risos]. Isso é um bom sinal, a gente sabendo dessas coisas, como isso faz efeito!! Nele foi imediato, já de noite estava doente! (E16)

A ingestão da fruta recém-pulverizada deixou muito mais do que o desconforto e dor de barriga no rapaz que a comeu sem saber, deixou registrado na memória do agricultor que deu o relato uma experiência desagradável e significativa. As consequências dessa experiência foram tão marcantes que, associadas a outros fatores, levaram à modificação na forma de perceber a própria atividade da agricultura realizada há anos. De maneira geral, para

os entrevistados, está claro que as consequências não atingem apenas aqueles que ingerem a fruta pulverizada, mas também quem aplica o agrotóxico e as pessoas que moram nas proximidades.

Nessa tendência, a *saúde* relaciona-se diretamente ao uso de *agrotóxicos* que, por sua vez, é apontado, por grande parte dos entrevistados, como um dos maiores responsáveis pela poluição das *águas* na região. Esses três pontos apresentam-se, portanto, como a tríade das motivações que sustenta as decisões e o envolvimento dos representantes do Grupo Saúde e parecem ser fundamentais para a compreensão das percepções ambientais que permeiam os agricultores desse segundo grupo. Essa tríade que levou os atores a proporem ou aceitarem modificar seus sistemas de produção tangencia os problemas socioambientais mais complexos e culmina no homem e em sua saúde como núcleo das preocupações. Assim, no centro do diagrama, representando o Grupo Saúde, estão dispostos os entrevistados com um discurso mais elaborado, porém com ações não tão concretas quanto aquelas do Grupo Sistemas.

Iniciando-se a reflexão pela “água” pode-se verificar de imediato, por ser o termo que vem logo abaixo da visão sistêmica apresentada como central para o Grupo Sistemas, que seu entendimento enquanto problema ambiental está muito relacionado à importância que esse elemento assume nas atividades agrícolas no meio rural. A recorrência desse termo nas entrevistas está sempre associada à poluição oriunda do uso exagerado de agrotóxicos e da liberação descontrolada do esterco da suinocultura e avicultura integradas. Estas relações remetem à escassez de água para consumo, estando, portanto, diretamente relacionadas às questões da saúde. Isso porque a água não só corre nos rios e arroios, mas também abastece a família, os animais (porcos, vacas e frangos), irriga hortas e outros cultivos fundamentais para a alimentação e sustentação da família no campo. A preocupação com a seca dos arroios e rios e mesmo com a poluição das águas denota relação direta com o corpo e com a saúde, assim como com a qualidade de vida da família.

Acho que tem que cuidar a água, a terra, as coisas que a gente consome, o alimento, o nosso ainda é, dá pra dizer... original[...] e também a água vai dar muito problema daqui um tempo[...]. É uma coisa que vai ter, falta de água pra consumo mesmo! (E8)

Em alguns casos, ao recorrer à água enquanto problema ambiental, a diminuição do volume em arroios e rios passa a ser fato notório, mostrando uma relação com o meio que vai além das dimensões do próprio corpo desses agricultores. Essa relação

justifica o fato de a água estar posicionada na metade superior do diagrama, evidenciando uma percepção ambiental mais sistêmica.

O eixo “saúde”, por sua vez, traz relatos mais diretos da inquietação relacionada às doenças, sendo este o motivo principal de estímulo à transição. Esse tipo de relação aparece também nas falas dos entrevistados que compõem as outras tendências, porém não são imediatas, mostrando-se menos espontâneas, ou seja, mais racionalizadas. No caso deste grupo, a saúde está entre as primeiras motivações para a entrada ou permanência na ECOCITRUS, de maneira geral, pode-se ilustrar essa situação na fala a seguir: “[os convencionais] *Eles fazem bastante dinheiro, mas a saúde... não sei aonde vai dar*”. (E15)

A “saúde”, nesse caso, está relacionada ao uso, por parte dos agricultores, dos agrotóxicos. Nesse sentido, a mudança no sistema de produção está arraigada pela possibilidade de cuidar da saúde sem, contudo, deixar de produzir. A transição, nesse grupo, aparentemente não seria possível se não estivesse prevista a elaboração de um composto que a viabilizasse. É exatamente nesse ponto que emerge o terceiro tema dessa tríade.

O termo “insumos”, portanto, quando acessado por esse grupo de agricultores, denota uma preocupação crescente com a saúde e com a qualidade de vida de sua família. Por isso, os entrevistados estão posicionados acima do eixo que trata desse tema, misturando-se com o segundo termo “saúde”, devido à relação estreita que estabelecem.

Nesse sentido, a produção de um composto alternativo vinculado diretamente à organização dos agricultores em associação, e posteriormente em cooperativa, foi o estopim para a consolidação e fortalecimento da ECOCITRUS. Essa dependência pode ser justificada em um primeiro momento pela relação que se estabeleceu com a aplicação de insumos externos para garantir a produtividade das lavouras, e nesse caso, dos pomares. A possibilidade de se voltar a produzir como antes da Revolução Verde, ou seja, sem uma dependência direta de insumos externos, não era cogitada pelos agricultores, sendo necessária a produção de algo que substituísse esses insumos industrializados. Essa dependência parece ser a evidência direta do discurso tecnológico que atuou por décadas e acabou por ser incorporado ao núcleo das percepções desses agricultores. O Grupo Saúde é, portanto, composto principalmente por agricultores regidos pela lógica da substituição de insumos, mas não aquela visualizando apenas um novo nicho de mercado para os produtos orgânicos, e sim por uma lógica de proteção ao corpo que se expande à família.

Por fim, a produção alternativa, enquanto produto valorizado e de importância assumida no mercado, bem como a influência que exerce para com os agricultores, é apresentada no grupo a seguir.

5.1.3 Da substituição de insumos à valorização da produção: o mercado enquanto agente indutor (Grupo Comércio)

A motivação inicial de estudar a agricultura alternativa, neste trabalho, tinha por objetivo verificar se esta traz consigo a proposta efetiva de mudança de paradigma, com propostas diferenciadas para o desenvolvimento rural, considerando também as problemáticas socioambientais e se, no caso da ECOCITRUS, o discurso baseado nos princípios da Agroecologia, que também é utilizado por diversas esferas sociais, se reflete na prática. Isso porque uma das dúvidas que se tinha é se com a simples substituição de insumos é possível mudar o modelo que domina a agricultura nos tempos atuais, ou se é apenas a reprodução, de maneira menos impactante ambientalmente de um modelo pautado na subordinação e degradação socioambiental

O Grupo Comércio, representante da terceira tendência evidenciada no diagrama, traz as respostas para a dúvida acima mencionada e, junto com o que foi apresentado para o Grupo Sistemas e o Grupo Saúde, traz respostas importantes para as questões norteadoras desta pesquisa. Nesse sentido, a partir da utilização do arcabouço teórico-metodológico da Perspectiva Orientada pelo Ator, torna-se evidente que se pode extrair da realidade, aparentemente homogênea de uma cooperativa bem-sucedida, um contínuo de motivações, percepções e ações onde os extremos mostram-se, por vezes, completamente antagônicos.

Os agricultores que representam essa última tendência caracterizam-se basicamente pela preocupação com a comercialização da produção que pôde ser melhorada, segundo a maioria deles, por sua organização em cooperativa. Ou seja, primeiro veio o trabalho coletivo, que permitiu negociar com mercados maiores, conseguir melhores preços nos produtos vendidos e nos insumos necessários. O esforço coletivo garantiu também a absorção de toda a produção através da implantação da agroindústria e elaboração do suco.

Além disso, através da produção do composto viabilizado pela parceria com as indústrias locais, absorvendo seus resíduos e transformando-os, foram capazes de substituir os insumos químicos e diminuir consideravelmente os custos de produção. Em um segundo momento veio o rótulo ecológico, que alavancou o preço da bergamota-verde e do suco concentrado: “[...] o problema era o preço do fertilizante, era muito caro, enquanto naquela época eu pegava o composto e o biofertilizante, praticamente, a um custo zero”. (E4)

No trecho acima, o agricultor, após reclamar da queda de sua renda com o passar dos anos pela desvalorização dos citros no mercado, afirma que não abandonou a produção ecológica, na época, porque essa desvalorização atingiu todos os produtores, convencionais e ecológicos. No entanto, estando na ECOCITRUS ele tinha acesso ao composto por um preço baixo, o que tornava a participação na cooperativa mais interessante.

Desse modo, a não utilização de insumos químicos, além de proporcionar a esses agricultores uma redução nos custos de produção, trouxe também a inserção desses citros no mercado de produtos orgânicos, tendo como consequência um aumento no preço pago pela parte da produção comercializada como produto diferenciado. Essa valorização, associada ao fato de que toda produção é absorvida pela cooperativa, mostra-se como o atual pilar que sustenta os agricultores dessa terceira tendência no sistema alternativo de produção. Como exemplo disso, tem-se a fala de um agricultor que se mostrou insatisfeito com a atual reestruturação da cooperativa que previa a duplicação do quadro associativo, uma vez que comprometeria a venda de sua fruta.

É, mas nós já não temos venda para nossas frutas, o que vai dar quando entrar todo esse pessoal? O que vai dar com a nossa fruta, quem vai comprar toda essa fruta? Porque eles vão entrar para vender frutas, o interesse deles é vender o fruto. (E17)

Nessa manifestação, está claro que o empenho desse grupo está centrado nos benefícios econômicos oriundos do sistema de produção alternativo e, por isso, não lhes parece justo compartilhar com mais agricultores esse espaço conquistado no mercado. Não faz parte de suas preocupações a resolução dos problemas socioambientais oriundos de sua atividade, nem mesmo a disseminação do sistema de produção ecológico, bem-sucedido, em que estão inseridos.

A maioria dos entrevistados diagramados nesse grupo tem o ensino fundamental incompleto. A organização de seu espaço produtivo não avançou em termos de redesenho do agroecossistema e, portanto, manteve-se nos mesmos arranjos do sistema convencional anterior. Ademais, o grau de envolvimento dos sócios com a cooperativa é semelhante àquele apresentado pelo Grupo Saúde, e ambos são menos envolvidos do que o Grupo Sistemas, indicando que a proximidade com o centro de decisão, bem como com outros sócios que participam ativamente, pode ter alguma influência na elaboração e na

mudança de percepção dos atores envolvidos, bem como do discurso da cooperativa. Como exemplo claro disso, pode-se recorrer ao entrevistado de número 21, que está diretamente envolvido com a cooperativa e, embora esteja abaixo do eixo insumos está mais próximo do Grupo Saúde, o que pode representar certa influência recebida pelo convívio direto na cooperativa.

Dando continuidade à análise do Grupo Comércio, pode-se verificar que a maioria dos ex-sócios (entrevistados de número 5, 9 e 10) está muito próxima deste grupo. Esse resultado pode ser um importante indicativo de que a percepção e a motivação apontadas pelos entrevistados desse grupo enfraquece seu vínculo com a cooperativa, sendo mais fácil o abandono desse sistema de produção e o retorno ao sistema convencional quando estão diante de conflitos e problemas diversos.

Cabe salientar que, quanto mais próximos da linha representativa do comércio, menor a preocupação com os aspectos ambientais e maior a influência do mercado nas percepções. O trecho a seguir, de uma das entrevistas com agricultores que participavam da produção de hortaliças, ilustra bem essa situação:

Eu entrei porque eu queria fazer alguma coisa. Naquela época nós não tinha tanta atividade, a gente tinha menos atividade, como dizer... pra ganhar dinheiro. Foi mais o lado financeiro que me incentivou até entrar. Tinha uma boa perspectiva, porque horta a gente fazia de qualquer maneira, então vamos fazer um pouco maior, vamos vender e ver se vai dar certo. Então foi por isso, por esse lado. Naquela época tinha menos, eu tinha parado de trabalhar fora, então queria arrumar alguma coisa que eu ganhasse dinheiro em casa. (E9)

Além disso, os agricultores desse grupo apresentam uma diversidade de produção centrada na acacicultura, na suinocultura, na avicultura, na bovinocultura de corte e de leite, sendo estas fundamentais no suporte econômico de algumas propriedades. Por conseguinte, essas atividades atuam, nesse grupo, reduzindo sua autonomia em relação ao mercado, uma vez que estão diretamente relacionadas às indústrias multinacionais da região.

A estagnação desses agricultores do Grupo Comércio nas proposições iniciais que os levaram à transição do seu sistema de produção⁹, somada à baixa complexidade apresentada pelos sistemas de cultivo quando comparados com aqueles que ocupam o topo do

⁹ Essas proposições iniciais referem-se ao que foi citado anteriormente como motivações para a organização e surgimento da ECOCITRUS, as quais foram as preocupações com os altos custos de produção devido ao uso de insumos químicos e a busca por maior autonomia na comercialização da produção.

eixo vertical no diagrama, acrescentado ainda o fato de que a maioria dos sócios participam ou têm família associada à cooperativa por mais de dez anos, faz supor que a atuação da cooperativa, enquanto meio de interação e mobilização dos atores e motivadora de novas expectativas e de novas experiências, não tem sido efetiva. Estes sujeitos, em sua maioria, não estão percorrendo o mesmo caminho de mudança da percepção ambiental explicitada em diversos documentos de divulgação da cooperativa, baseados nos pressupostos agroecológicos, o que pode estar relacionado ao seu afastamento em relação ao eixo de tomadas de decisões (ANEXOS B e C).

Por fim, outra informação que merece ser acrescentada a estes resultados é que, dentre os indivíduos ‘envolvidos’ e ‘pouco envolvidos’, a percepção ambiental restringe-se à preocupação com a saúde e a poluição das águas. Esse comportamento pode ser uma resposta à necessidade de aproximar ainda mais os agricultores e suas famílias dos debates, para que façam emergir problemáticas além da simples utilização ou não de agrotóxicos, que tragam à tona questões como o desmatamento, as monoculturas, a subordinação provocada pelas integrações, o empobrecimento do solo, já que mesmo estas problemáticas também trazem consequências ao corpo, à saúde, e à qualidade de vida no meio rural.

Em suma, no Grupo Comércio localizam-se aqueles agricultores que por motivos diversos afastaram-se ou nunca se aproximaram da cooperativa. Este grupo tem evidente em seu discurso uma maior preocupação com o suporte econômico de suas atividades, tanto em relação às facilidades de comercialização quanto em relação à redução de custos com o uso de insumos.

Pôde-se verificar que as estratégias assumidas pelos agricultores que compõem as três tendências apresentadas são as mais diversas. Contudo, para ilustrar a relação estabelecida entre o discurso ecológico pronunciado na maioria das entrevistas e a prática efetivamente realizada apresentam-se, no item a seguir, os aspectos relacionados à diversidade de produção desses agricultores e as implicações provenientes destas escolhas. Espera-se, com isso, contemplar, de maneira clara, os dados que contribuíram para a apresentação desses resultados, bem como oferecer ao leitor mais subsídios no entendimento do contexto empírico estudado.

5.2 AS PERCEPÇÕES E O POLICULTIVO

Uma maneira de se entender as profundas diferenças existentes entre o discurso e a prática é a busca por contradições. Dentre as inúmeras possibilidades de ilustrar a percepção dos agricultores entrevistados e as tendências evidenciadas, o policultivo, ou diversidade de produção, mostrou-se a mais interessante justamente por seus aspectos contraditórios.

A diversidade de produção, entendida aparentemente como um benefício para a agricultura, para os agricultores e para o meio ambiente, assumiu, neste estudo, um papel de destaque. A partir da análise das entrevistas, pode-se verificar que os sujeitos da pesquisa estão inseridos em sistemas diversos de produção, onde a família depende, não só do cultivo e do comércio dos citros, mas também da produção e da troca de uma série de outros produtos que, em sua maioria, são voltados apenas para a subsistência da família. Alguns desses produtos, com o tempo, assumem uma importância comercial, porém permanecem alheios às relações estabelecidas com a ECOCITRUS, vindo a ser negociados separadamente com o mercado convencional. A diversidade de produtos cultivados nas propriedades, bem como o importante papel que esses cultivos vêm assumindo na renda dos citricultores, pode ser evidenciada nas falas reproduzidas a seguir:

[Produzimos] abóbora, moranga, coisas assim, nós tinha produção de mel, que temos até hoje. [...] dá pra colher, eu vou colher! se não dá, não dá! A gente já ta diversificando pra isso, se um não dá o outro dá. Tem gente que não tem um pé de mato na terra, é só arvoredo, aqui a gente tem de tudo. (E10)

[Temos] viveiro de mudas, a produção dos citros, que é laranja e bergamota..., pra venda, seriam esses. Para a subsistência, o que se planta é, todas as culturas anuais, milho, feijão, aipim, batata-doce, batata inglesa, temos horta, plantamos todas as verduras. Nós temos alguns animais aqui, que é só para o consumo próprio também, leite e fabricação de queijo, tudo consumo próprio... o queijo se vende um pouco, mas mais é a sogra quem vende, de vez em quando, pros vizinhos. (E13)

Temos o plano de criar mais gado, porque a fruta é pouca; porque lá embaixo a terra é só em potreiro... assim... criar mais gado... (E4)

Dentro deste contexto, em todas as propriedades dos componentes da cooperativa ECOCITRUS, os principais produtos cultivados e comercializados são as

distintas variedades de laranjas e de bergamotas. O sistema de produção dos citros é de base ecológica, sem a utilização de insumos químicos, com sistemas complexos de controle biológico, manejo de podas e roçadas, entre outras atividades.

O aproveitamento da produção pode-se dizer que é total. Na primeira etapa, a bergamota verde, que é oriunda do processo de raleio cuja finalidade é diminuir a carga sobre a árvore de citros, é comprada pela indústria farmacêutica para a produção de essência. Essa fruta, mesmo sem seu completo amadurecimento, é comercializada com um valor agregado pelo fato de ser orgânica. Na segunda etapa a fruta madura é colhida e classificada pela cooperativa. Aquelas com maior apelo visual são destinadas ao mercado *in natura* de frutas de mesa, sendo as demais entregues à produção do suco, que também tem valor agregado por ser orgânico. Esse sistema sustenta-se principalmente na coletividade, tanto para resolver os problemas de produção quanto para buscar espaços de comercialização da fruta.

Os demais produtos cultivados, embora permaneçam, na maioria dos casos, dentro de uma prática de produção ecológica, não se inserem na mesma organização social e econômica desenvolvida para os citros, visto que são cultivados por atores isolados, desarticulados e vinculados a um mercado convencional de comercialização. Esses cultivos, de natureza diversa, aparecem como fonte secundária de renda, sendo em algumas propriedades produzidos com frequência e, em outras, de maneira esporádica.

Em meio a essa diversidade de cultivos, a avicultura integrada é aquela que mais parece destoar dentro do sistema de produção das propriedades. Isso porque esse tipo de criação está imerso no sistema convencional, apoiado em uma lógica produtivista de alto consumo de insumos externos. Mesmo estando presente nas propriedades de alguns citricultores participantes da ECOCITRUS, a agricultura integrada é apontada como responsável por um dos principais problemas ambientais, junto com os agrotóxicos, na região do Vale do Caí do ponto de vista dos entrevistados (QUADRO 2).

Essa região toda aqui, em geral, eu acho até que essa é a parte mais preocupante, um problema ambiental vai ser ainda o esterco de porco... (E10)

A natureza é assim... é a mesma coisa, mas pena que tem muito aviário, chiqueiro, olha o que tem de aviário e chiqueiro por aqui, o pessoal já está preocupado! (E17)

aqui é uma região que tem bastante produtores ecológicos, com uma produção bastante adiantada, mas no geral, a região em si está seguindo o modelo desenvolvimentista, naquela base do empreendedorismo aplicando muitos recursos públicos nos

municípios pequenos, aí ao redor na área da agricultura integrada, suinocultura integrada, usando muitos insumos químicos. Há no geral... há uma piora, piorou as condições das águas, dos arroios, dos rios, as águas subterrâneas que a gente sabe que estão em uma situação aí onde praticamente todas as águas estão contaminadas, mas é o modelo, é o que tem sido feito em todas as regiões por aqui.
(E19)

Considerando que estes aviários presentes nas atividades dos cooperativados são entendidos como importantes para a viabilidade econômica dessas propriedades e que estavam instalados e funcionando antes mesmo da existência da cooperativa, não foi solicitado o abandono dessa criação por parte dos associados. Por conseguinte, não houve esforço na busca de alternativas de redesenho das propriedades a fim de desvincular seu sustento dessa atividade, tampouco se procurou um sistema de criação alternativo, suportado pelos pressupostos agroecológicos que estão no cerne da cooperativa.

Essa realidade pode ser justificada, de certa forma, pelo fato de que são poucas as propriedades de sócios da ECOCITRUS envolvidas com a avicultura integrada, e que a maior parte dos agricultores pesquisados não se interessa por essa atividade, por entendê-la como uma atividade penosa, com uso intensivo de mão-de-obra. Portanto, parece ser lógico que não parta da cooperativa, que é gerenciada pelos agricultores, a busca de alternativa para essa situação. Ademais, os agricultores que atualmente pretendam construir aviários e vincular-se às integradoras deverão desligar-se da cooperativa.

QUADRO 2: Quadro esquematizando os problemas ambientais citados pelos entrevistados, a ordem de citação, bem como o número de vezes em que os problemas foram citados durante a pesquisa. Ou seja, o termo “agrotóxico” foi o primeiro a ser citado por sete dos entrevistados quando estes foram questionados a respeito dos problemas ambientais da região em que viviam.

PROBLEMA AMBIENTAL	ORDEM DE CITAÇÃO				
	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA	QUARTA	QUINTA
AGROTÓXICO	7	1		1	
CHIQUEIROS/AVIÁRIOS	5	2	5		
POLUIÇÃO DAS ÁGUAS	2	5		1	
LIXO	2	1			1
NENHUM	2				
INDÚSTRIAS	1				
CAÇA	1				
ASSALTOS	1				
DESMATAMENTO		1			
CARVOARIA		1			
SILVICULTURA - EXÓTICAS				1	

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora a suinocultura tenha sido apontada, juntamente com os aviários, como um dos principais causadores de problemas ambientais, essa atividade não foi registrada dentro de propriedades de sócios da cooperativa, mas sim em propriedades de ex-sócios. No caso desses agricultores ocorre um nítido enfraquecimento da produção de citros, havendo um esforço para promover a substituição da citricultura, enquanto principal fonte de renda da família, por outras atividades, segundo os entrevistados, mais seguras, tais como a suinocultura, avicultura, gado leiteiro, entre outras.

A criação de gado, tanto para corte quanto para produção de leite, vem ganhando força na região, até mesmo entre os sócios da ECOCITRUS. Para alguns destes agricultores, a criação de gado no sistema orgânico não só é viável como essencial, uma vez que gera um balanço entre o aporte de nutrientes de origem animal e vegetal. Em comparação, para aqueles que se desvincularam da cooperativa, é impossível aumentar a produção de leite no sistema ecológico, utilizando apenas o pasto. Contudo, a utilização de rações, que do ponto de vista da ECOCITRUS vem contra seus princípios de produção ecológica gerando um impasse difícil de ser resolvido por aqueles que pretendem diversificar a produção ingressando na integração com a indústria leiteira. Para ilustrar essa situação vamos recorrer aos seguintes trechos de entrevistas:

Agora tenho um genro que está bastante interessado em ajudar e fazer pastagem, estamos pensando em diminuir os citros, são ideias para o futuro. (E1)

Gado eu vou colocar aqui e na outra propriedade, orgânico, não vão comer nada que seja de convencional, o campo vai ser preparado com adubação orgânica... não pra consumo... pra comércio mesmo. (E4)

[no sistema orgânico] tu trata menos o gado... Não!! Tu trata mais com menos qualidade e menos litro de leite, a gente dá muito pasto verde pro gado, e esse pasto verde não dá a quantia de leite que a ração dá, e não podia dar ração por causa do produto químico, aí tu tinha aquele monte de gado ali e a vaca dando três, quatro litros de leite, a maioria cria gado pra consumo próprio, tu ter uma ou duas vacas de leite e outras pra corte, aí vai no sistema orgânico, tu até engorda um terneirinho... mas pra produção de leite e comércio...(E6)

Percebe-se, nas falas citadas acima, que há uma intenção em relação à criação de gado no sentido de aumentar a renda familiar. Além disso, essa expectativa está diretamente relacionada à diminuição da mão-de-obra, citada pelos atores como principal motivação para investir nessa atividade que, embora seja realizada por associados da ECOCITRUS, relaciona-se com o mercado convencional de comercialização.

A respeito dos demais produtos cultivados, importantes informações foram obtidas, tais como a história da produção nesses últimos anos e a importância que assumem para as famílias de agricultores. Os principais cultivos estão relacionados à horticultura e aos cultivos anuais. Dentre eles, destacam-se a produção de milho (*Zea mays* L.), aipim (*Manihot* spp.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e além de verduras como alface (*Lactuca sativa* L.), repolho (*Brassica oleracea* var. *capitata* L.), couve-flor (*Brassica oleracea* var. *botrytis* L.), alho (*Allium sativum* L.), entre outras.

Essa produção para autoconsumo ocorre também de maneira independente da cooperativa. Dessa forma, o que se pode observar é que essa prática está diretamente relacionada à cultura de produção para a subsistência que, assim como verificaram Zanetti e Menasche (2007, p.136), parece estar “enraizada na história vivida por essas famílias e pela comunidade”, ocorrendo independentemente do discurso agroecológico praticado no caso da produção de citros.

Essa separação, embora fortemente estabelecida hoje, não ocorreu desde a consolidação da ECOCITRUS. De fato, nos anos iniciais da cooperativa, houve um movimento e um esforço dos associados em busca do fortalecimento da horticultura orgânica. O Grupo Mulheres - PRORENDA era responsável pela produção de hortaliças, que eram fornecidas em um mercado na cidade de Montenegro e em feiras livres por intermédio da ECOCITRUS. Uriartt (2006) explica essa organização no trecho abaixo:

Inicialmente organizou-se a venda desses produtos sob a forma de uma feira ecológica semanal na comunidade de Montenegro. Na medida em que a produção foi se consolidando, foi ampliando para três o número de dias em que esta se realizava, assim como passaram a ocorrer em Caxias do Sul e Porto Alegre. Outra consequência foi a criação de um espaço de venda fixo junto a sede da cooperativa, abrindo desta forma novos postos de trabalho e criando nova estrutura de abastecimento da população do município (URIARTT, et al. 2006, p.1487).

Contudo, o enfraquecimento dessa organização fez que, com o tempo, ela desaparecesse e, por conseguinte, a cooperativa centrasse seus esforços apenas na comercialização dos citros. É preciso deixar claro que a horta e a produção para subsistência são competência, na maioria das famílias, das mulheres. No entanto, poucas estavam

associadas à cooperativa, visto que o vínculo era feito através dos homens, esposos e companheiros, que já eram sócios.

Em decorrência desse processo, com a falta de uma maior organização dos agricultores, a comercialização do excedente do cultivo para autoconsumo tornou-se, em alguns casos, impraticável devido ao aumento de custos. Além disso, os produtos que tiveram sua comercialização mantida passaram a ser negociados diretamente com o mercado convencional, sem ter valorizadas as características importantes como o fato de serem isentos de agrotóxicos. Como exemplo do primeiro caso tem-se a seguinte fala:

Eu até vendia banana, a gente tinha lojinha lá em Montenegro, mas o custo de levar a banana pra lá perto de 60 quilos, não compensa eu levar só banana pra tão longe, quase trinta quilômetros, então eu tô dando, tô entregando os cachos de banana. Caqui também eu dou bastante. E eles me dão outras coisas de volta né, é troca de produtos, e horta se produz quase... bastante né!. (E7)

Desta forma, produtos que antes eram comercializados hoje são doados ou utilizados como moeda de troca por outros. Certamente essa prática de troca e doação e alimentos “está intrinsecamente relacionada à sociabilidade e à identidade de indivíduos e grupos sociais” (MARQUES, et al., 2007). A existência dessa discussão fica aqui registrada sem, contudo, ser aprofundada nesse trabalho, permanecendo, portanto, como uma sugestão de análise para estudos posteriores.

Por fim, outro sistema de cultivo que vem aparecendo fortemente nas últimas décadas na região do Vale do Caí é a silvicultura, principalmente a acacicultura. A casca da acácia é de grande interesse da indústria, visto que o tanino extraído é utilizado na curtimento do couro. Embora essa atividade seja uma das principais na economia da região, os citricultores da ECOCITRUS só agora esboçam o desejo em se envolver nessa atividade em busca de complementação de renda. No entanto, a plantação de eucalipto, principalmente como fornecedor de madeira para a construção civil e para o abastecimento da propriedade, faz-se presente há algum tempo entre os entrevistados.

Esse cultivo, segundo os agricultores, é uma forma de manter o suprimento de madeiras para as atividades da propriedade, sem ter que mexer nos remanescentes florestais. Em alguns casos, o cultivo já é feito focado na comercialização da madeira, constituindo também uma fonte de renda para as famílias, tal qual podemos verificar nos trechos a seguir:

Eucalipto plantamos lá embaixo um pouco para comércio mesmo, vendemos, vai para os edifícios e caldeiras, lá embaixo temos cinco hectares de eucaliptos. (E4)

A madeira que usamos é só o que é plantada, o eucalipto, que é para suprir o uso de madeira. (E2)

Embora a maioria dos sócios da ECOCITRUS plante eucalipto para suprir as necessidades da propriedade, como ilustram as falas citadas acima, um pequeno grupo de sócios optou pela instalação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), nos quais o manejo de árvores nativas com podas e algumas extrações permitem, além do suprimento de madeira, o melhor desempenho do pomar que, segundo os próprios agricultores, prefere locais à meia sombra. Essa prática está associada aos representantes do Grupo Sistemas, apresentados no item anterior, e mesmo sendo considerada benéfica e muito incentivada nos debates acerca da produção ecológica, mantém-se restrita a um pequeno grupo de citricultores da ECOCITRUS.

Em suma, o que se relatou do grupo analisado é que há uma especialização na produção para comercialização, a qual está diretamente relacionada à organização em grupo e cooperação em torno do citros orgânico. A criação de aves, que também é voltada para a comercialização através da avicultura integrada, assume um importante papel na renda de alguns agricultores e está organizada individualmente relacionando-se diretamente com o mercado convencional. O gado vem ganhando espaço dentre os citricultores, tanto para produção de leite quanto para corte, no entanto, esta atividade permanece desarticulada entre os produtores, mantendo-se, em cada propriedade de maneira independente.

Os demais cultivos, relacionados à produção para autoconsumo familiar, não são prioritários para a geração de renda, sofrendo, portanto, um enfraquecimento nos últimos anos. Esses produtos, embora cultivados de maneira orgânica, são comercializados individualmente, trocados ou doados, podendo em alguns casos não ser mais produzidos, passando a ser adquiridos em mercados da região. A silvicultura aparece como uma forma de adquirir matéria-prima para a propriedade, sendo o eucalipto a principal espécie plantada. Alguns produtores complexificaram seus sistemas de produção e partiram para a elaboração de SAFs, que além da diversidade de cultivos acabam por favorecer a própria citricultura.

A discussão aprofundada das implicações dessa realidade será realizada no capítulo seguinte, buscando mostrar de que forma essas relações estão vinculadas às percepções ambientais dos atores, bem como sua relação com os pressupostos agroecológicos que estão na base da constituição e no atual discurso da ECOCITRUS.

6 DISCUSSÃO

O capítulo anterior trouxe, a partir da apresentação dos resultados, os pontos fundamentais para a construção das respostas às aquelas indagações iniciais que conduziram este estudo. De maneira geral, o que se pode constatar é que as percepções não se enquadram enquanto “tipos” uma vez que não possuem um delineamento preciso de suas principais características e limitações. No entanto, estas percepções organizam-se enquanto tendências, onde aspectos comuns - porém não estáticos - se tocam em alguns pontos ao mesmo tempo que, em outros, mostram-se completamente antagônicos. Com o objetivo de entender este jogo de aproximação e afastamento destas percepções, discutiremos, à luz do que é oferecido na literatura, os temas que nesse momento parecem ser “chave” dessas relações.

6.1 AS TRÊS TENDÊNCIAS: LADO A LADO

O peso do cooperativismo foi mais importante do que a própria produção ecológica. (E13)

O nosso interesse era o adubo orgânico, criar o composto. Aquelas coisas, que eram para os nossos arvoredos. (E17)

O projeto inicial de criação da ECOCITRUS e a transição do sistema de produção nas propriedades dos citricultores é resumido no discurso presente nas falas dos sócios fundadores (apresentadas acima), bem como nos documentos que resgatam a história da cooperativa. Cabe lembrar que esses objetivos “estavam centrados na busca de uma alternativa à agricultura convencional” (LENHARDT, 2000, p. 1) através do domínio completo da cadeia produtiva, que perpassava a produção do próprio composto, o beneficiamento da fruta e a busca de mercados diferenciados, tais como o comércio justo.

Segundo Costabeber e Moyano (2000, p. 1), “o associativismo vem sendo utilizado por agricultores familiares para enfrentar problemas que surgem ao introduzir-se novas práticas agrícolas e de gestão de suas propriedades, problemas estes que não podem ser solucionados pela via da ação individual”. Assim, o trabalho coletivo aumenta o “poder de barganha” dos atores sociais, principalmente no que se refere às relações estabelecidas com o

mercado, sendo muito utilizado por agricultores independentemente do “estilo¹⁰” de agricultura praticada.

Os mesmos autores seguem afirmando que esta ação coletiva se converte em motor do processo de transformação do sistema produtivo, uma vez que a partir dela “os agricultores encontram condições de evoluir em direção a estágios mais avançados de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável” (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p. 2). No caso da ECOCITRUS, essas mudanças podem ser evidenciadas no discurso atual referente aos objetivos da cooperativa que, com o passar dos anos, foi se aprofundando em suas pretensões e perspectivas, passando a declarar a intenção de provocar mudanças no contexto socioambiental, fortalecendo as raízes culturais, as relações sociais, com um foco ainda maior na redução dos impactos ambientais (ANEXOS B e C).

Provavelmente, o próprio processo de consolidação da cooperativa - que ocorreu simultaneamente à transição dos pomares convencionais em ecológicos - guardava peculiaridades acerca das percepções e motivações dos sócios que não poderiam ser resumidas apenas nos aspectos referentes ao discurso mencionado acima. A análise da percepção ambiental dos diversos agricultores envolvidos nesse processo mostrou uma heterogeneidade de percepções que tanto podem ter acompanhado esses agricultores desde a consolidação da cooperativa quanto podem ter sido apreendidas à medida que novas relações foram se estabelecendo, tais como vivências, debates e pesquisas. Na prática, portanto, o que se vê hoje é uma variedade de percepções e motivações que em alguns aspectos tornam-se antagônicas ao próprio discurso da cooperativa.

Com efeito, a transição - como processo de mudança social - pode ser entendida como o resultado de estratégias mais ou menos conscientes dos diversos atores e grupos sociais, surgidas como consequência da confrontação de interesses distintos e contraditórios. Antes que a um processo unilinear de câmbio, mais bem parece, pois, que o conceito de transição se adequaria à noção de multilinearidade, como resultado das intrincadas e complexas relações sociais que lhe são subjacentes (GONZALES DE MOLINA; SEVILLA-GUZMÁN, 1993, p. 59).

Para os autores Costabeber e Moyano (2000, p. 2), há uma dificuldade na previsibilidade do desenvolvimento, da evolução e do estado final desse processo, devido às externalidades “fruto de complexas redes de relações e interações entre os atores sociais e entre estes e o meio ambiente”. Ou seja, quando diversos atores optam pela transformação de seu sistema de produção convencional para outro de base ecológica, há uma série de fatores

¹⁰ “Estilo” é aqui usado para enfatizar as diferenças existentes tanto dentre a agricultura convencional e alternativa quanto nas diversas correntes que compõem a própria agricultura alternativa.

presentes que tornam o resultado da transição imprevisível. Essa imprevisibilidade parece estar diretamente relacionada às diferentes estratégias adotadas pelos atores sociais (LONG, 2001), as quais são permeadas por distintas percepções.

Por conseguinte, Siqueira (2008), em seu estudo sobre a percepção dos problemas ambientais, contribui afirmando que as peculiaridades da percepção individual a tornam tão diversa que aquilo que é tido como problema ambiental para uns torna-se irrelevante para outros. Ou seja, são muitos os aspectos que contribuem para a construção da percepção, o que faz com que cada indivíduo tenha um “filtro” próprio que age sobre a maneira de apreender o mundo.

Uma vez que as percepções contribuem diretamente para o direcionamento da conduta, das práticas dos sujeitos perceptivos, das estratégias e dos projetos destes enquanto atores, elas passam a ser refletidas, mesmo que parcialmente, nos resultados observáveis. No caso do grupo empírico estudado, pode-se usar, como exemplo, as diferentes formas de organização dos agroecossistemas adotadas pelos agricultores da mesma cooperativa.

De maneira geral, “a lógica da unidade econômica rural e o estilo étnico próprio de uma cultura remetem a racionalidades sociais constituídas como sistemas complexos de ideologias-valores-práticas-comportamentos-ações, que são irredutíveis a uma lógica unificadora (LEFF, 2001, p.134). Assim, quando os agricultores falam “por si”, a diversidade de discurso e práticas se faz evidente, como no caso das tendências emergentes desta análise. No entanto, as percepções, quando retrabalhadas coletivamente, desenrolam-se como discurso aceito por todos os agricultores sócios, passando a ser aquele utilizado quando estes atores falam “em nome” da ECOCITRUS.

Esta representação torna-se clara à medida que os agricultores se denominam citricultores ecológicos, independentemente das implicações que tenha o termo. Ou seja, ao se descreverem enquanto sócios da ECOCITRUS, identificam-se como praticantes de uma agricultura de base “*ecológica*”¹¹.

A agricultura alternativa, como mencionado anteriormente, surgiu como uma reação ao atual modelo dominante, identificado por agricultura convencional e caracterizado pela dependência externa de insumos, tecnologias e mercados. “A agricultura alternativa se desdobra em várias correntes ou modelos, denominadas orgânica, natural, ecológica, agroecológica, biodinâmica, dentre outras” (BULHÕES, 2001, p.62). Estes termos são interpretados como sinônimos por uns e completamente antagônicos por outros, visto que,

¹¹ Termo utilizado pelos entrevistados.

dentre os diferentes vieses dessas várias correntes ou estilos de agricultura, “algumas reconhecem na diversidade um componente fundamental e inserem-se na perspectiva de uma concepção de natureza diferente da predominante na sociedade ocidental” (PAULUS, 2006, p.165), enquanto outras se dedicam a mudanças puramente tecnológicas.

A discussão dos conceitos que permeiam essas “agriculturas alternativas” é feita em diferentes trabalhos que contribuem para sua melhor compreensão¹². A escolha dentre os inúmeros estilos possíveis varia “segundo a percepção da crise [do modelo dominante] e segundo as possibilidades e limitações que tenham os agricultores, em termos de recursos e apoio externo” (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p. 5). Precisamente, como definição do estilo adotado pela ECOCITRUS está explícito, no discurso empreendido pela cooperativa uma agricultura ecológica pautada nos princípios e fundamentos do cooperativismo e da Agroecologia, tendo como objetivo a preservação do meio ambiente, a manutenção das famílias no campo, o exercício da cidadania, buscando resgatar a “*agricultura sustentável, socialmente justa, economicamente correta e economicamente viável na região*” (ANEXOS B e C).

Teoricamente, de acordo com Caporal e Costabeber (2004), a agricultura de base ecológica tem

[...] a intenção de distinguir os estilos de agricultura resultantes da aplicação dos princípios e conceitos da Agroecologia (estilos que, teoricamente, apresentam maiores graus de sustentabilidade no médio e longo prazos), tanto do modelo de agricultura convencional ou agroquímica (um modelo que, reconhecidamente, é mais dependente de recursos naturais não renováveis e, portanto, incapaz de perdurar através do tempo), como também de estilos de agricultura que estão surgindo a partir das orientações emanadas das correntes da “Intensificação Verde”, da “Revolução Verde Verde” ou “Dupla Revolução Verde”, cuja tendência, marcadamente ecotecnocrática, tem sido a incorporação parcial de elementos de caráter ambientalista ou conservacionista nas práticas agrícolas convencionais (greening process), o que se constitui uma vã tentativa de recauchutagem do modelo da Revolução Verde, sem, porém, qualquer propósito ou intenção de alterar fundamentalmente as frágeis bases que até agora lhe deram sustentação (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 8).

Na prática da agricultura de base ecológica estão implícitas relações mais complexas do que aquela proveniente da simples substituição de insumos, dentre as quais estaria a potencialidade de gerar maiores níveis de sustentabilidade e de desenvolver “estratégias de ação coletiva, como forma de dinamizar e potencializar os recursos humanos, naturais e materiais existentes, possibilitando o avanço do processo de transição

¹² Para um aprofundamento sobre essa discussão, ver Bulhões (2001).

agroecológica e a consolidação de novas formas de agricultura sustentável” (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p. 6). Assim, esse estilo traz consigo práticas elaboradas e diferenciadas tais como: o redesenho das propriedades; a diversificação da produção; a busca do equilíbrio das interações ecológicas (como as relações presa-predador); a ciclagem de nutrientes (reduzindo a dependência na aplicação de insumos); o resgate da autonomia do agricultor; a diminuição da dependência dos mercados (HECHT, 1989); a manutenção das famílias no campo, reduzindo por consequência o êxodo rural (PAULUS, 2006); entre outras inúmeras relações que não podem ser premeditadas, mas que emergem quando se opta por essa lógica produtiva.

[...] como resultado da aplicação dos princípios da Agroecologia, pode-se alcançar estilos de agriculturas de base ecológica e, assim, obter produtos de qualidade biológica superior. Mas, para respeitar aqueles princípios, esta agricultura deve atender requisitos sociais, considerar aspectos culturais, preservar recursos ambientais, apoiar a participação política e o empoderamento dos seus atores, além de permitir a obtenção de resultados econômicos favoráveis ao conjunto da sociedade, com uma perspectiva temporal de longo prazo, ou seja, uma agricultura sustentável [...] (CAPORAL; COSTABEBER 2004, p. 15).

No contexto do presente estudo, a agricultura de base ecológica representa a “camisa” que os agricultores sócios “vestem”. Contudo, as práticas apresentam-se tão heterogêneas quanto as percepções desses atores, ou seja, quando percepção e ação são colocadas lado a lado, ambas andam juntas.

Nesse sentido, o processo de transição e o de ação social coletiva - “onde o primeiro estaria se manifestando mediante a ecologização das práticas agrárias e o segundo pela adesão de seus atores sociais a projetos coletivos, baseados em seus interesses, expectativas, crenças e valores compartilhados” - poderiam representar uma estratégia para superar a crise socioambiental percebida, em diferentes amplitudes, por estes agricultores (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p. 6). A criação da cooperativa e a opção pela ecologização das práticas agrícolas estão, portanto, dentre as estratégias coletivas adotadas pelos agricultores da ECOCITRUS. Contudo, ficou evidente na análise que as estratégias não são idênticas para todos os atores, mas manifestam-se enquanto ações e organizações em certa medida consensuais.

Dentro do contexto apresentado, o grupo que parece “ditar” sobremaneira o discurso da cooperativa é o Grupo Sistemas. Este, composto pelos agricultores mais engajados, envolvidos diretamente nas esferas administrativas da ECOCITRUS, é aquele que possui a percepção ambiental que mais relaciona suas práticas agrícolas diárias, a propriedade

ao ambiente, mostrando perceber a relação entre os processos que ocorrem em um e outro. Ilustra-se essa situação a partir do trecho de entrevista abaixo:

O principal vem a questão social, relação humana, entre nós seres humanos e o meio que te cerca, quer dizer, a relação com todas as coisas que coexistem com a gente. Aí vem toda a questão dentro de um contexto mais espiritual, não sei se é a palavra também, mais cósmica, uma visão mais holística, essa questão de que esse avanço no processo ecológico tem que construir uma sociedade mais igualitária, mais justa. (E20)

Como se pode observar, os agricultores do Grupo Sistemas percebem o ambiente de maneira contínua à sua propriedade, à sua prática, à sua saúde e de sua família. Entendem esses elementos como indissociáveis, uma vez que alterando um se estará alterando os demais. Nessa percepção estão implícitos os valores, a ética, a solidariedade, os quais geralmente são abstraídos dessas relações.

Dessa forma, estes agricultores elaboram suas estratégias pensando no sistema como um todo, visto que apreenderam as inúmeras relações emergentes da interação entre os seres vivos e desses seres com os elementos abióticos. Nesse sentido, pode-se fazer uso do que é dito por Caporal e Costabeber (2002, p.14) partindo dos fundamentos da Agroecologia:

Os primeiros objetivos não são a maximização da produção de uma atividade particular, mas sim a otimização do equilíbrio do agroecossistema como um todo, o que significa a necessidade de uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais.

Os agricultores do Grupo Sistemas, em seus discursos e em suas práticas, aproximam-se, portanto, dos pressupostos da Agroecologia presentes no discurso da cooperativa, bem como da prática da agricultura de base ecológica. Essa aproximação se reflete, por exemplo, na complexidade dos agroecossistemas, na distribuição do trabalho durante o dia, bem como na força dedicada ao manejo dos pomares, sempre os relacionando com os ciclos naturais. Os projetos desses atores estão frequentemente pautados na busca do conhecimento e do entendimento das relações emergentes, com o objetivo de reorganizar sua propriedade para praticar uma citricultura tão ecológica quanto lhes for possível.

A pluriatividade, por sua vez, está presente em boa parte dos entrevistados, contudo, no Grupo Sistemas é predominante, ou seja, todos os agricultores dessa tendência possuem famílias pluriativas. De acordo com Schneider (2003), a adoção de diferentes atividades por uma família depende em grande parte das condições existentes na agricultura,

bem como das oportunidades de trabalho fora da unidade produtiva familiar. Com isso a alta escolaridade dos agricultores que representam essa tendência parece favorecer a empregabilidade em outras atividades não-agrícolas, que lhes garantam uma renda fixa.

Schneider (2003), citando Fuller (1990, p.367), contribui afirmando que:

A estratégia (consciente ou inconsciente) adotada pela unidade doméstica vai depender da percepção que as famílias têm destas realidades, a qual depende por sua vez, da aspiração e valores dos seus membros e do processo através do qual as decisões são tomadas na unidade doméstica. A pluriatividade é vista como uma forma de acomodar a mudança, de se adaptar à realidade da agricultura (por exemplo, minimizando risco), maximizando oportunidades, construindo uma família e permanecendo na terra.

A estabilidade financeira, mesmo que por poucos anos, dá certa liberdade para que os agricultores invistam nos seus projetos, construam e efetivem suas estratégias naquela atividade que é, para muitos deles, sua “verdadeira vocação”¹³, a citricultura. A soma, portanto, da percepção à relativa independência nas atividades agrícolas, parece contribuir para que este grupo inove mais, contudo, não parece ser o fator determinante para que suas percepções sistêmicas se concretizem enquanto ações práticas.

Isso porque, dentro da cooperativa, são poucas as famílias que adotaram o redesenho completo de seus agroecossistemas, contudo, muitas são pluriativas, inclusive algumas que participaram desta pesquisa e que representam as outras tendências. O que se está querendo dizer é que a pluriatividade contribui para a efetivação das estratégias dos atores, no entanto, essas estratégias estão calcadas, em boa medida, nas suas percepções.

No Grupo Saúde, por sua vez, os agricultores também estabelecem relações que integram o homem ao ambiente, mas têm uma “percepção” centrada mais nos prejuízos ao corpo e à saúde provocados pelas práticas convencionais consideradas exageradas ou inadequadas. “A incorporação cada vez maior da ética individualista no modo de vida das pessoas faz com que os riscos ambientais só passem a se tornar preocupações quando confrontam diretamente o indivíduo ou a sua família, principalmente no presente, mas também em um futuro próximo” (SIQUEIRA, 2008, p. 429). Os impactos sobre a saúde são, conforme os estudos realizados por Bickerstaff e Walker (2001), a principal fonte de percepção dos riscos ambientais. Essa dimensão da percepção também está representada, em certa medida, no discurso da ECOCITRUS, no entanto, não assume a mesma centralidade observada para o Grupo Saúde.

¹³ Expressão usada pelo entrevistado 17.

Para os agricultores que representam esse grupo, a relevância que a saúde assume parece ser um importante ponto de partida para motivar a saída do sistema convencional e buscar formas alternativas de produção. Segundo Veras (2005 p. 3), a “crescente percepção dos impactos negativos que as tecnologias modernas imprimem sobre as condições de trabalho desses agricultores, especialmente no que tange à sua saúde, faz com que a Agroecologia passe a figurar como uma alternativa de viabilização econômica, social e ecológica da agricultura familiar”. Não obstante, quando a percepção dos atores ultrapassa a linha dos insumos químicos, ela deixa de considerar apenas o custo de produção e passa a representar, para esses atores, uma ameaça.

Neste sentido, de acordo com Leff (2001), a degradação ambiental passa também pela deterioração das condições sociais, das quais frequentemente emergem novas doenças. O autor acrescenta que para que se possa operacionalizar o desenvolvimento sustentável é necessário o restabelecimento das condições de qualidade de vida e saúde para as populações, passando a considerar os vínculos existentes entre as consequências, na saúde, dos fatores que estão no entorno físico e social.

Leff (2001) complementa afirmando que os problemas ambientais provêm da racionalidade do crescimento econômico que antepõe a maximização do lucro comercial à saúde do ser humano:

Um exemplo bem conhecido é o uso e abuso dos agrotóxicos para elevar, a curto prazo, os rendimentos de monoculturas que, de um lado, afetam a estabilidade e produtividade dos ecossistemas a longo prazo, e, por outro lado, geram a doença e a morte dos trabalhadores rurais do Terceiro Mundo. (Ibid., p. 314)

“Os termos pesticidas, praguicidas, biocidas, fitossanitários, agrotóxicos, defensivos agrícolas, venenos, remédios, expressam as várias denominações dadas a um mesmo grupo de substâncias químicas” (SILVA et al. 2005, p.894). Em termos legais, os agrotóxicos¹⁴ são:

os produtos e os agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos.

¹⁴ BRASIL. Lei n. 7.802 de 11 de julho de 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L7802.htm>

De acordo do Silva *et al.* (2005), os agrotóxicos são considerados um dos mais importantes fatores de riscos para a saúde humana. Estas substâncias, por serem utilizadas “em grande escala por vários setores produtivos e mais intensamente pelo setor agropecuário, têm sido objeto de vários tipos de estudos, tanto pelos danos que provocam à saúde das populações humanas, e dos trabalhadores de modo particular, como pelos danos ao meio ambiente” (SILVA et al., 2005, p.895).

O Brasil, segundo Peres e Moreira (2007), é um dos principais consumidores de agrotóxicos do mundo, os quais são utilizados principalmente nas lavouras de soja transgênica e na olericultura. Essas substâncias, para os citricultores da ECOCITRUS, além de se constituírem enquanto o principal causador dos problemas ambientais na região são, para o Grupo Saúde, os principais motivadores para a adoção de sistemas de produção alternativos.

Eu acredito numa coisa, que melhorou, porque eu larguei dos agrotóxicos, eu trabalhava com agrotóxicos, e desde que entrei na cooperativa nunca mais coloquei a mão em agrotóxico... e quero distância! (E16)

Quando eu decidi entrar na cooperativa, foi para levar uma vida mais saudável, porque quando tu entra no ecológico tu vai nas palestras, eles te mostram o que faz o produto químico no organismo, aí tu vai muito por esse lado de um alimento mais saudável, no que tu vai comer, no teu alimento, no que tu vai dar pro teu filho, aí tu pensa muito na saúde. (E6)

Considerando-se que o sistema produtivo dos entrevistados está centrado no emprego da mão-de-obra familiar, a aplicação, principalmente de herbicidas, era desempenhada pelo agricultor, pai de família. De acordo com Levigard & Rozemberg (2004, p. 1519) “o trabalho na terra (produção agrícola) está vinculado às relações sociais que estruturam a família, envolvendo valores e diferenciações de papéis e hierarquias. Faz parte do *ethos* masculino assumir diretamente a tarefa de sulfatar a terra sendo, portanto, os homens os que mais se intoxicam”. Cabe ressaltar que essa afirmação não pode ser generalizada, uma vez que em algumas culturas não são os homens os responsáveis pela pulverização. No entanto, é uma afirmação válida para o contexto empírico estudado sendo ilustrada através do trecho de entrevista a seguir:

A primeira coisa que se falava de manhã cedo era que tinha que passar veneno para fazer alguma coisa, até para limpar, fazer o plantio, matar o brejo para não precisar capinar. Eu mesmo aplicava

o veneno, usava veneno aqui até para limpar em volta de casa, para não precisar capinar. Usava na horta, usava em tudo, aí foi um corte radical. Eu tinha um certo problema com dois tipos de veneno, um era o inseticida e outro herbicida, eu começava a aplicar ele e começava a me coçar todo, parecia que tinha tomado banho de pó de mico, eu não usava nada de proteção, a camisa e calção. E tem gente continua fazendo aos montes isso por aí. (E4)

Embora seja o homem aquele que tem contato direto com a aplicação dos agrotóxicos, “a exposição é generalizada” (LEVIGARD & ROZEMBERG, 2004, p. 1519), atingindo, portanto, toda a família. Para Peres e Moreira (2007, p. S613), um dos principais desafios relacionados ao tema está no “enfrentamento dos problemas de saúde e de ordem ambiental relacionados com o manejo de agrotóxicos na agricultura familiar”. Os autores citam “a exposição de todo o núcleo familiar aos efeitos nocivos destes agentes; a contaminação do ambiente intradomiciliar; os processos de descarte de embalagens vazias inadequados; a pouca atenção à destinação dos resíduos do processo produtivo, entre outras” como algumas das questões carentes de maior atenção.

As relações estabelecidas com o uso de agrotóxicos, no que tange à saúde do trabalhador rural, são, sem dúvida, as mais recorrentes. As motivações advindas desse tema permearam o discurso da maioria dos agricultores entrevistados. Mas foi no Grupo Saúde, como mencionado anteriormente, que esse tema assumiu uma centralidade e importância que não pode ser evidenciada no discurso dos demais.

Todavia, dentro dos aspectos referentes à percepção ambiental, mesmo que com a noção de ambiente centrada preponderantemente no ser humano, existem problemas referentes à saúde que não foram elencados, tais como a própria exposição às radiações solares por longos períodos, vindo a causar “uma série de problemas, tais como câibras, síncope, exaustão por calor, envelhecimento precoce, câncer de pele” (SILVA et al., 2005, p. 894). Essas relações necessitam da apreensão do ambiente como algo contínuo ao corpo do ser humano, deflagrando uma interdependência, que nem sempre é percebida.

Nesse sentido, pode-se pensar que o discurso referente à saúde relacionado ao uso de agrotóxicos é amplamente difundido, podendo ser acessado não só através da cooperativa, mas também através de propagandas, jornais, revistas, entre outros tipos de meios de comunicação em massa.

No caso do Grupo Sistemas, os agricultores não só estabeleceram essas relações como também promoveram ações para minimizar os danos relativos a essa problemática, adotando medidas como, por exemplo, trabalhar preferencialmente nas

primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde, assim como, através do Sistema Agroflorestal, promover o sombreamento parcial dos pomares, mesmo sendo este um objetivo secundário na implantação das agroflorestas¹⁵.

Outro pilar que está também no cerne das percepções ambientais do Grupo Saúde é a “água”. Não fica difícil compreender a recorrência desse tema nas percepções desses agricultores se analisarmos o contexto em que essas famílias estão inseridas. A maioria das propriedades dos agricultores entrevistados tem o abastecimento de água proveniente de poços, os quais, mesmo quando gerenciados por associações, não recebem tratamento específico para a água. Além disso, muitas propriedades possuem, além do principal sistema de abastecimento da residência, outro “secundário” utilizado para o tratamento dos animais e para eventuais irrigações da horta. Essa água, quando não vem de poços particulares, vem dos açudes que recebem influência dos arroios e vertentes da região.

Este contexto descrito é semelhante para as três tendências apresentadas no capítulo anterior. Contudo, o que as diferencia essencialmente é que a água é o limite das relações estabelecidas entre o agroecossistema e os demais componentes do ambiente pelos agricultores do Grupo Saúde, sendo este ambiente tratado como distinto e descontínuo. Ademais, essa relação dá-se, basicamente por intermédio da saúde, a qual será afetada por ocasião da ausência de água potável.

Não obstante, as percepções referentes à água relacionam-se diretamente ao eixo “insumos” do diagrama (FIGURA 10), uma vez que esse tema, quando ocorre, traz consigo questões referentes à poluição dos corpos d’água, principalmente pelo uso “excessivo” de agrotóxicos e o despejo descontrolado de dejetos provenientes dos aviários e dos chiqueiros. “Até a década de 70, os sistemas hídricos subterrâneos eram considerados imunes à contaminação por agrotóxicos, pois se acreditava que os agrotóxicos se degradariam em partículas inofensivas ou ficariam retidos no ambiente natural antes de contaminá-los” (VEIGA et al., 2006, p.2393).

No entanto, de acordo com Bortoluzzi et al. (2006), cerca de 20% de todo o agrotóxico utilizado na agricultura podem atingir algum corpo d’água. Esse percentual pode mudar de acordo com as condições edáficas, tais como solos argilosos, que tendem a reter melhor as moléculas dos agrotóxicos, contudo, essa retenção pode não ser eficiente em solos onde há altos índices de erosão em consequência do manejo inadequado da propriedade

¹⁵ Os sistemas agroflorestais e suas implicações no contexto são discutidos mais detalhadamente no próximo item deste mesmo capítulo.

(BORTOLUZZI et al., 2006; VEIGA et al., 2006). De acordo com Fernandes Neto e Sarcinelli (2009, p. 69), “os agrotóxicos assumem caráter destacado enquanto contaminantes pela intensidade e, não raro, indiscriminação que caracterizam seu consumo no país”.

Em áreas agrícolas a presença dessas substâncias mostrou-se mais comum do que se imaginava (VEIGA et al., 2006), fato este que salienta os impactos ambientais oriundos da utilização dos agroquímicos.

Esses autores apresentam um esquema da distribuição no ambiente dos agrotóxicos utilizados nas plantações de tomates no município de Paty dos Alferes – RJ, bem como sua ação nos corpos d’água (FIGURA 11). Esse mesmo esquema pode representar os efeitos da utilização dessas substâncias em pomares de citros, na região do Vale do Caí, uma vez que devido à localização geográfica, muitas propriedades estão em encostas de morros, com acentuada declividade, tal qual representa o esquema.

As casas, no caso dos agricultores entrevistados, estão situadas geralmente na parte baixa do terreno, onde ao lado encontram-se o açude e a horta, conforme sugerido no esquema de Veiga e colaboradores (2006). Portanto, mesmo que os citricultores da ECOCITRUS não façam uso de agrotóxicos em seus agroecossistemas “devido à intercomunicabilidade dos sistemas hídricos, qualquer contaminação em um determinado sistema hídrico poderia resultar em uma contaminação distante das áreas em que foram originalmente aplicados” (VEIGA et al., 2006, p. 2394). É exatamente neste ponto que se dá a relação estabelecida pelos representantes do Grupo Saúde das práticas agrícolas com os demais elementos do ambiente, uma vez que eles responsabilizam os “convencionais” pela poluição dos rios e arroios próximos. Essa percepção denota certa continuidade entre as ações empreendidas pelo homem e os elementos que o circundam, ampliando, portanto, o espectro de ação da percepção ambiental desses agricultores.

Efeitos previsíveis dos agrotóxicos.

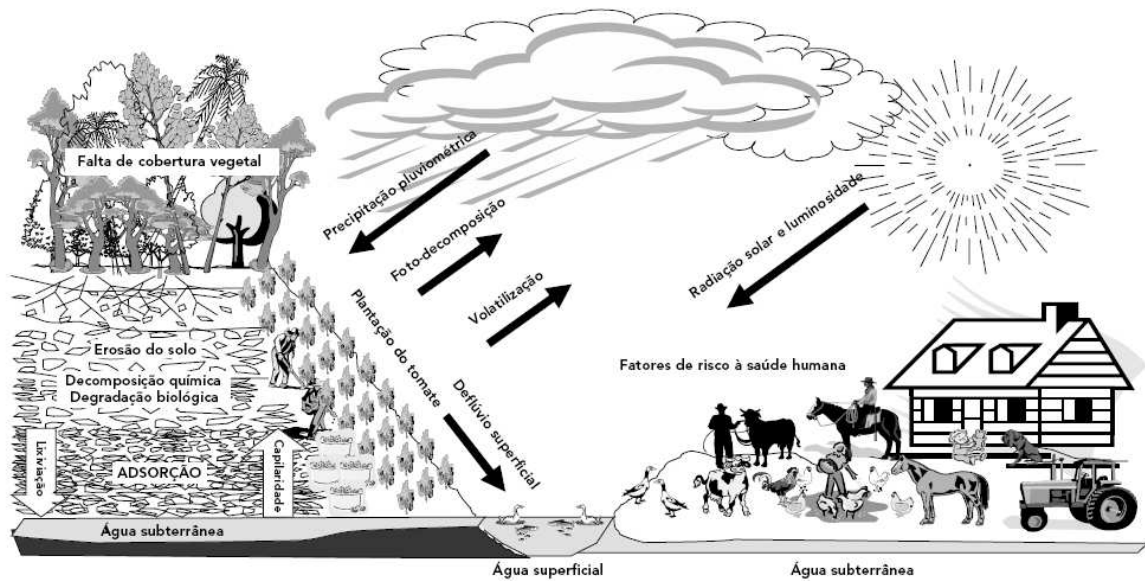


FIGURA 11: Ação e distribuição dos agrotóxicos em propriedade com plantações de tomates.
Fonte: VEIGA et al., 2006.

Por fim, no que se refere às práticas dos agricultores do Grupo Saúde, não há muita diferença daquelas adotadas no sistema convencional, uma vez que as alterações estão concentradas basicamente na substituição de insumos químicos. De acordo com Nascimento (2007), no que diz respeito à percepção ambiental, é mais fácil para os agricultores diagnosticar as vulnerabilidades do que fazer mudanças realmente significativas em suas práticas de manejo.

O discurso utilizado pode ser, portanto, resultado das diversas relações sociais estabelecidas nos últimos anos por esses agricultores, bem como pela reinterpretação daquele proveniente da cooperativa. Ademais, de acordo com Tuan (1980), a percepção passa por aquilo que tem sentido, significado, ou valor para quem percebe, ou seja, os sujeitos perceptivos apreendem com mais facilidade aquilo que pode significar, de alguma forma, um risco, um problema, tal qual evidenciado para o Grupo Saúde.

Finalmente, no Grupo Comércio foi também evidenciada uma relação muito próxima com o uso de insumos químicos. Contudo, a preocupação referente a essa temática dava-se através da redução dos custos de produção provenientes da utilização do composto orgânico produzido na usina de compostagem da cooperativa. A percepção ambiental destes agricultores está, por conseguinte, constituída em torno do ambiente construído, das relações

sociais emergentes desse ambiente, separando-as quase que completamente dos demais elementos.

O interessante é que nesse grupo a lógica empregada para justificar, em parte, a modernização da agricultura, ganhou “roupas novas” sem, contudo modificar sua essência. O que se está querendo dizer é que no estabelecimento do modelo dominante, conforme sugere Paulus (2006, p.157), o discurso girava em torno da afirmação de que a modernização “permitiria, por si só, a elevação da renda dos agricultores, através do aumento da produção e da produtividade”. Neste grupo, a participação em uma cooperativa de produtores ecológicos, permitiria, por outro caminho, o aumento dos rendimentos dos agricultores através da redução dos custos de produção e da comercialização diferenciada.

Somam-se a este contexto os diversos fatores que vêm contribuindo para o crescimento da demanda de alimentos “orgânicos” ou “ecológicos”, dentre os quais destacam-se:

o crescimento da consciência ecológica, aliada à desconfiança do sistema de produção e distribuição de alimentos convencionais, em decorrência de problemas alimentares ocorridos na Europa com a doença da vaca louca, contaminação de alimentos com dioxina, ressurgimento da febre aftosa e a desconfiança dos alimentos originários de organismos geneticamente modificados (OGMs/transgênicos) (FEIDEN et al., 2002, p.180)

O crescente espaço adquirido por estes produtos frente às demandas do consumidor e sua baixa oferta quando comparada com os demais produtos têm favorecido seu sobrepreço e, conseqüentemente “o estabelecimento de sistemas orgânicos de produção com base em tecnologias de produtos, expressos em alguns exemplos monoculturais de produção orgânica” (FEIDEN et al., 2002, p. 183). Todavia, esta manifestação passa longe das mudanças socioambientais propostas pela Agroecologia através de uma agricultura de base ecológica, mantendo-se na mesma lógica excludente predominante na agricultura atual.

Assim sendo, dois aspectos parecem característicos quando analisada a disposição dos agricultores do Grupo Comércio em relação aos demais no diagrama. O primeiro é que a percepção ambiental desses atores em relação à prática da agricultura ecológica está muito vinculada a estes benefícios financeiros. De acordo com Costabeber e Moyano (2000, p. 8), a percepção das dificuldades financeiras recorrentes no modelo convencional, uma vez que este gera custos altos com insumos químicos e tecnológicos, poderia explicar a opção por uma agricultura alternativa, tal qual é observado para o Grupo Comércio.

Os autores seguem afirmando que “no centro do *processo de ecologização*, desde a dimensão econômica, estaria, pois, a incorporação e intensificação tecnológica via adoção de estilos de produção agrícola poupadores de capital e energia, abrindo caminho, assim, para a implantação de uma agricultura de base ecológica” (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p. 8). Todavia, o que se vê, ao menos no contexto empírico estudado, é que uma década se passou da decisão e implantação de práticas alternativas e, no caso da tendência “*Grupo Comércio*”, a agricultura de base ecológica manteve-se apenas no discurso proferido pela cooperativa.

Como consequência tem-se o segundo aspecto característico desse grupo que é uma percepção que pouco se identifica com a maior parte das percepções dos demais cooperativados, assim como com o discurso da cooperativa. Nesse sentido, a afirmação feita por Paulus (2006, p. 157), a respeito da lógica subjacente ao raciocínio das teorias da modernização, onde se acredita que “a adoção de tecnologias modernas gera maior rendimento na agricultura, o qual resulta em maior bem-estar social”, poderia ser aplicada às duas realidades, tanto da agricultura “moderna” de práticas convencionais, como à agricultura alternativa de práticas “ecológicas” característica do Grupo Comércio. A problemática faz-se ainda mais evidente quando se considera que o enfoque agroecológico, base do discurso da ECOCITRUS, traz consigo contribuições que vão além destes aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos, uma vez que incorpora “dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto as variáveis econômicas, como as variáveis culturais, políticas e éticas” (CAPORAL; COSTABEBER, 2002b, p. 14).

Não obstante, analisando separadamente os três agricultores dispostos abaixo do Grupo Comércio (5, 9 e 10), os quais não estão mais associados à cooperativa, pode-se verificar que as percepções ambientais destes agricultores são ainda mais antagônicas em relação ao discurso da cooperativa do que aquelas apresentadas pelo Grupo Comércio. Uma consequência direta dessas diferenças de percepção é a fragilidade das relações sociais estabelecidas, uma vez que por diferentes motivos os agricultores descontentes abandonam a cooperativa e, por conseguinte, as práticas ecológicas de produção.

Eu entrei na ECOCITRUS pra trabalhar em grupo, porque é melhor na hora de vender. Eu sempre preferi trabalhar em grupo, porque tu te beneficia na compra de adubo e na venda da fruta, pois vende em quantidade grande, ganha mais no preço e consegue vender.(E5)

Para estes sujeitos, é forte a influência da lógica produtivista implantada na Revolução Verde, tal como foi evidenciado por Levigard & Rozemberg (2004, p. 1519) em

seus estudos sobre o uso de agrotóxicos no meio rural pela ótica dos profissionais da saúde: “Segundo os médicos entrevistados, o veneno (agrotóxico) é um elemento que faz parte da vida dos agricultores, havendo entre eles a crença de que os agrotóxicos são indispensáveis à lavoura, de que sem eles não há colheita”. Essa dependência parece não ter se alterado nem mesmo com a participação na ECOCITRUS, fato que reafirma a força dos interesses pessoais, das percepções e dos objetivos na construção das diversas estratégias apresentadas até o momento.

Na realidade a fruta ecológica, pra gente vender... ela tem um custo muito alto, pode contar uns 50 a 60 % a mais de custo, porque tu tem que trabalhar muito mais. No convencional, em cinco dias tu faz toda a minha área aqui. No ecológico tu trabalha o ano todo e ainda não tem a fruta que o convencional tem do lado. Em produção também. Eu compro com os olhos né, esse que é nosso mal, e mesmo assim, tem muita gente, como aqui foi colocada uma casa do produtor montenegrino, na cidade aqui, um incentivo pro produtor ecológico, e colocaram lá, esse é ecológico e esse é convencional, ah, mas eu também tenho uns pés de frutas nos fundos de casa que eu não coloco nada, também tenho produto ecológico em casa, e como é que eu vou chegar lá e dizer olha esse é e o outro não, e vendendo a fruta assim no supermercado sem colocar mais preço em cima, não tem como a gente se sustentar, ou tu te entrega lá na cooperativa e vai lá trabalhar com salário, ou tu te acostuma com aquilo ali, isso é o brabo do ecológico, porque tu não consegue ganhar mais em cima. (E5)

A gente estava no grupo no sistema orgânico, mas na época que a gente estava eles não estavam tão bem, hoje estão bem [...] nós falamos hoje eles estão bem assim eles conseguem tão bem organizados eles já conseguem vender a fruta, a produção toda, conseguem colocar, na nossa época não, daí se tu vai produzir ecologicamente e vender como convencional aí não adianta não vale a pena. (E10)

Enfatizar a baixa eficiência produtiva dos sistemas ecológicos, para esses agricultores, é como legitimar sua decisão de desvincular-se da cooperativa, mesmo que esse não tenha sido o real motivo do afastamento. Pôde-se verificar que relações políticas, de poder e até mesmo a quebra da confiança estão por trás dessas decisões de afastamento. Nesse ponto, esses atores recorrem a outros discursos disponíveis dentro de seu repertório, tão legítimos quanto aquele oferecido pela cooperativa, para justificar e racionalizar as ações empreendidas (LONG, 2001). Nessas escolhas estão implícitos seus sentimentos, seus valores, objetivos e percepções. Cabe, contudo, lembrar que estas percepções não são

estáticas ou engessadas, fazendo com que, através do convívio, das experiências e de outras relações constituídas socialmente, possam ser modificadas.

Ademais, é importante ressaltar que os fatos que levam à predominância das percepções do Grupo Sistemas no discurso empreendido pela cooperativa podem ser os mais diversos. Neles podem estar implícitas relações de poder vinculadas, por exemplo, à maior escolaridade dos agricultores daquele grupo, como também podem representar um resultado, consensual, do que parece ser o mais adequado para representar a cooperativa. Essas relações, contudo, não são aprofundadas aqui por não contemplarem os objetivos deste estudo, mas contribuem no sentido de evidenciar que, dentro deste contexto, o Grupo Sistema, poderia influenciar, ou pode estar influenciando os demais.

Contudo, quanto mais afastados estiverem esses sujeitos da convivência, dos debates, da busca por soluções, menor será a possibilidade de suas percepções sofrerem influências dos demais agricultores. Nesse mesmo sentido, os entrevistados 5, 9 e 10, por não participarem mais da cooperativa, estariam fora do espectro de ação e de mobilização direta promovida pela ação do discurso da ECOCITRUS, e da agência dos demais atores envolvidos nessa relação.

No caso dos entrevistados 5, 9 e 10, o que pode ser observado é o que Costabeber e Moyano (2000, p.7) dizem fazer parte da agricultura voltada puramente para o mercado, onde predomina “a racionalidade instrumental – que se estabelece com base em supostos meramente economicistas – se sobrepõe à racionalidade substantiva, portadora de valores que vão mais além da mera apropriação da natureza como forma de acumulação de capital”. Os atores sociais, envolvidos por essa lógica, são induzidos a investir em produtividade, maximizar seus benefícios econômicos, para manter-se “vivos” no sistema.

Com essa análise, pode-se ver que não há como garantir que os valores socioambientais emergentes da nova lógica proposta para a agricultura – a qual visa o desenvolvimento sustentável através da minimização dos impactos ambientais, da promoção da equidade social, do resgate da autonomia dos agricultores, da redução da dependência do mercado, assim como pela manutenção das famílias no campo – estejam sendo incorporados às práticas alternativas de agricultura. Pois, mesmo em realidades ditas ecológicas, há uma heterogeneidade de percepções que se manifestam em práticas, objetivos, projetos e estratégias tão heterogêneas quanto.

Embora o empírico não tenha sido analisado sob a ótica dos projetos dos atores sociais, e sim por algo anterior a isso, que seria a percepção ambiental dos sujeitos enquanto “precursores” desses atores e projetos, a heterogeneidade apresentada só pôde ser evidenciada

por essa pesquisa ter sido realizada à luz da Perspectiva Orientada pelo Ator. Nesse sentido, Carvalheiro e Garcez (2007, p.9), analisando o arcabouço teórico-metodológico dessa perspectiva, contribuíram afirmando que:

[...] a heterogeneidade da agricultura, não é só o resultado, portanto, de variações ambientais, do custo dos fatores de produção, dos distintos ritmos de inovação tecnológica, nem do fato de que alguns indivíduos são mais capacitados para a atividade agrícola do que outros. Ela é também resultado, da existência de diferentes padrões de desenvolvimento agrícola, ou “estilos de agricultura”. Um estilo de agricultura pode ser definido como uma válida de relações entre o produtor e seus objetos e meios de trabalho, reproduzida através do tempo (PLOEG, 1990). Esses estilos retratam um conjunto compartilhado de noções, idéias, experiências e percepções, que dão forma a um determinado conjunto de práticas agrícolas. É claro que dentre estes estilos de agricultura encontra-se implícito, também, um juízo de valor sobre o que é uma relação desejável ou saudável com o mercado.

Ou seja, as diferentes estratégias adotadas pelos agricultores respondem, em parte, a suas percepções. As relações sociais estabelecidas entre esses atores retrabalham essas percepções, que se somam a outras informações, outras experiências e culminam no discurso que os representa enquanto organização, enquanto cooperativa. Em meio a essas relações, pode-se acrescentar o papel desempenhado pelos mediadores, pelos extensionistas rurais, os quais não foram contemplados no estudo, mas certamente contribuem para a conformação da agricultura praticada hoje por estes agricultores. Além disso, o discurso que carregam consigo e as relações próximas que estabelecem com os agricultores acabam por atuar também na construção da percepção ambiental desses sujeitos perceptivos.

Em suma, o que se pôde observar é que as intenções que perpassavam as decisões dos agricultores na época da criação da ECOCITRUS relacionavam-se mais aos aspectos produtivos, mas com o tempo transformaram-se em um discurso voltado também para os aspectos socioambientais. Por outro lado, o que se pode ver na literatura (CARVALHEIRO; GARCEZ, 2007) é que o caminho percorrido pela ECOCITRUS, no que se refere aos objetivos propostos quando optou por uma agricultura alternativa, não é o mesmo percorrido por outras organizações que optaram por mudar a sua lógica produtiva.

As estratégias empreendidas pelas organizações sociais com o mesmo fim da ECOCITRUS também são heterogêneas. A diversidade de motivações, pretensões e até mesmo percepções, pode ser evidenciada no estudo realizado por Carvalheiro e Garcez (2007, p.14), com aqueles produtores de bananas, apresentados na introdução deste trabalho, do litoral Norte do Rio Grande do Sul. De acordo com as autoras:

A própria ação dos agricultores para a prática de uma agricultura de base ecológica iniciou a partir da preocupação com problemas ambientais decorrentes da agricultura moderna, que, fundamentada em fertilização sintética e controle químico de doenças vegetais, que, somados como a extinção da cobertura vegetal natural e pela poluição dos recursos hídricos originados nos despejos industriais e águas residuais domésticas, levaram a uma situação de alta criticidade e fragilidade ambiental.

As autoras contribuem afirmando que, “mesmo com cunho ecológico as práticas e ações dos agricultores do Centro Ecológico (CE) são diferenciadas. Mesmo baseado nos mesmos princípios há alta heterogeneidade nas formas como cada ator organiza e maneja sua produção” (Ibid., p. 14). Esses resultados assemelham-se com o que foi apresentado para os citricultores ecológicos da ECOCITRUS. Guardadas as devidas diferenças (uma vez que o CE não é uma cooperativa, e sim uma organização não-governamental), a heterogeneidade em ambas as realidades mostra que não há um único caminho a ser seguido por parte dos atores sociais, e que as estratégias adotadas se manifestam nas mais diversas esferas. Nesse sentido, Paulus (2006, p.170), acrescenta que:

No processo de transformação da base produtiva no campo, as tecnologias adotadas são freqüentemente ressignificadas, sofrendo uma adaptação ou re-elaboração em sua forma e em seu conteúdo. Mas convém ressaltar que a diversidade dessas experiências parece apontar, antes de uma opção única, para uma encruzilhada de caminhos. A forma como se dá a organização dessas experiências (que reunimos sob a denominação de estilos de agricultura de base ecológica), incluindo sua inserção no processo produtivo mais amplo, a transformação e a comercialização dos produtos agrícolas, é fundamental para determinar se elas apontam para o surgimento de um novo padrão produtivo, ou apenas para a substituição de insumos, sem romper com a lógica de “fabricação da natureza”.

O resultado e a eficiência, portanto, da adoção de uma lógica produtiva diferenciada daquela imposta pelo modelo convencional atual, não se dará apenas pelo produto final “considerado orgânico ou convencional” (PAULUS, 2006, p. 170), mas sim pelo arranjo de fatores socioambientais, que se mostram profundamente heterogêneos quando analisados a partir da percepção ambiental dos sujeitos envolvidos. É importante enfatizar, por fim, que a heterogeneidade apresentada não deslegitima a prática dos agricultores da ECOCITRUS, mas abre espaço para que novas alternativas se conformem mesmo dentro daquilo que é proposto pela Agroecologia. Percepções boas ou ruins, melhores ou piores? Simplesmente diferentes.

6.2 O POLICULTIVO NA PRÁTICA

Com o objetivo de pontuar, dentre os resultados, algum dado relevante que contribuísse para o entendimento das relações existentes entre a percepção e a prática dos agricultores e destas com o discurso da cooperativa, encontrou-se o policultivo e as implicações emergentes de sua prática.

A partir do exposto no capítulo anterior, pôde-se ver que a separação nítida existente entre a produção destinada à ECOCITRUS e os demais cultivos da propriedade gera uma fragmentação do contexto que traz consequências importantes na elaboração da percepção ambiental e do real entendimento do que vem a ser uma agricultura de base ecológica por parte dos associados. Para a Agroecologia, umas das formas de se fugir da dependência do mercado, bem como garantir a autonomia da propriedade, sua sustentabilidade e a reprodução social dos agricultores, é investir na diversificação da produção. De acordo com Gliessman (2005), o principal objetivo do manejo de um agroecossistema é torná-lo complexo e diversificado, mantendo sua fertilidade e produtividade, regulando também as populações de pragas.

Segundo Altieri (1989), são muitos os benefícios provenientes da prática agrícola através de sistemas de cultivos múltiplos. Como exemplos, podem-se citar a produção total por hectare, que é geralmente mais alta nos policultivos, mesmo que a produção de cada espécie, individualmente, seja reduzida. Há também uma maior eficiência no uso dos recursos, tais como água, luz e nutrientes, bem como na redução de enfermidades e pragas pelo aumento na abundância de inimigos naturais (ALTIERI, 1989).

Além disso, a diversificação da produção e o cultivo de produtos que servem tanto para o consumo quanto para a comercialização tornam a unidade de produção mais maleável, sendo assim possível enfrentar as adversidades (flutuações de preços, imprevistos climáticos, etc) com mais segurança (ALTIERI, 1989). Para Pelinski et al. (2006, p. 2), “a sua adoção pode gerar ganhos econômicos diretos e indiretos vinculados, principalmente, à redução dos custos de produção, à obtenção de vantagens ambientais e à redução do impacto econômico oriundo de diversas crises no setor rural”.

Os momentos de forte restrição à agricultura, provocados ora pela inadequação dos sistemas produtivos com o meio ambiente (seca), ora por preços regionais ou nacionais em queda, permitem perceber a fragilidade da prática de sistemas de produção simplificada e evidenciam a maior autonomia e auto-suficiência de famílias agricultoras que mantêm práticas de forte autoconsumo (SANTOS et al, 2006, p. 23).

Nesse mesmo sentido, Santos et al. (2006) discutem que a especialização na produção revela-se como projetos de desenvolvimento que levam à perda de autonomia e à forte exposição aos riscos do mercado, tais como as flutuações dos preços. Ademais, para o autor, essa especialização “revela ainda que a orientação produtiva é única, ou seja, produzir para o mercado” (Ibid., p. 23). Optar, portanto, por investir unicamente em citros, não parece ser uma decisão plausível para os agricultores que buscam, então, alternativas econômicas viáveis, através da diversidade de produção.

Em termos sociais, para Santos et al. (2006, p. 24), “a presença de uma forte estratégia de autoconsumo nas famílias, com segurança alimentar e comercialização de excedentes, é potencialmente ampliadora da democratização das relações de trabalho, e assim construindo novas relações de gênero e geração”. Essa implicação pode ser evidenciada no contexto analisado, uma vez que são as mulheres, em todas as propriedades, as responsáveis pelos cuidados com a horta, o gado, a retirada do leite, a produção do queijo, das chimias, etc.

Eu cuido da horta, porque eu fico mais em casa, ele até me ajuda um pouco quando pode, mas ele tem muita coisa pra fazer. (E8)

[quem cuida da horta?] *no momento eu que cuido. 99% sou eu. (E11)*

Quando o Grupo Mulheres – PRORENDA existia, a ECOCITRUS se responsabilizou pela comercialização dos diversos produtos oriundos da horta, o que contribuiu para atrair os consumidores de produtos orgânicos, chamando a atenção também para a produção de citros. Essa medida, segundo Uriartt et. al. (2006, p. 1487), “além de quebrar com a rotina representada pela sazonalidade típica das culturas frutícolas, trouxe um contato mais direto e culturalmente mais rico com o consumidor ecológico, que até então somente acessava os benefícios da organização de forma indireta e de maneira esporádica”.

O fato é que com as proporções tomadas pela citricultura ecológica e a necessidade crescente de organização do Grupo Mulheres, a comercialização destes produtos “secundários” foi perdendo espaço, até que acabou. Algumas mulheres que estavam vinculadas à cooperativa unicamente pela produção da horta, acabaram se afastando e retomando o sistema de produção convencional. Muitas outras tinham a produção ecológica apenas na horta, sendo todo o restante da propriedade com manejo convencional.

Com o encerramento das atividades do grupo, muitas mulheres se desmotivaram e abandonaram por algum tempo o tradicional cultivo em hortas. Hoje, as que

produzem, o fazem unicamente para consumo da família, mas não escondem o orgulho de terem participado dessa iniciativa.

Associado ao contexto exposto, vem ocorrendo, mesmo que ainda de forma incipiente, a mercantilização da produção para autoprovimento das famílias. Essa mercantilização, de acordo com Gazzolla (2006, p. 85), pode ser entendida como a situação em que “o agricultor familiar deixa de produzir os seus alimentos nos seus estabelecimentos e passa a adquiri-los nos mercados”. Essa realidade está dando seus primeiros sinais, principalmente nas propriedades de agricultores mais idosos, dentro dos grupos analisados. Isso se deve em parte ao fato de que a produção de hortaliças deixou de ser fonte alternativa de renda para as famílias, como foi no início da organização da cooperativa, fazendo com que houvesse uma concentração das atividades agrícolas em produtos para a comercialização. A facilidade de encontrar esses produtos a preços baixos nos mercados, assim como verificado por Zanetti e Menasche (2007), aparece também como um fator importante nesse contexto. Por outro lado, a dificuldade de cuidar da horta, bem como os problemas de saúde parecem também desestimular a produção, conforme se observa nos relatos a seguir:

[...] a gente compra ali sabe, é 50 centavos o alface, 50 centavos o repolho... é, daí eu compro ali dela né! Porque nós somos só os dois né, eu não posso plantar muito, se não tem que dar para as galinhas né,!! porque as galinhas também comem e os porcos... aí às vezes se eu faço uma outra coisa, eu compro para mim para comer... não adianta muito eu plantar muita coisa! (E15)

A maior parte do alimento que consumimos é comprado, é pouca coisa que a gente produz. (E2)

Para Gazzolla (2006), são justamente os fatores relacionados à especialização produtiva dos agricultores que explicam essa mercantilização, visto que eles estão voltados para a produção comercial, ou seja, dá-se o foco de produção em um ou outro produto, investe-se e especializa-se, relegando a um segundo plano a produção para subsistência familiar. Essa especialização é explicitada no universo empírico analisado quando se pergunta qual é o principal produto comercializado. Para quase a totalidade das propriedades, os citros, especificamente variedades de laranja e bergamota, são os principais, senão os únicos cultivos comercializados.

Em consequência dessa especialização, tem-se diretamente relacionado o fato de que na maioria das famílias a “falta de tempo”, geralmente bem ocupado pela produção

comercial, as impede de investir seu trabalho na produção de subsistência, como parece ser o desejo de muitos agricultores. Esses cultivos permanecem, portanto, em “*stand by*”, aguardando uma maior investida dos agricultores, por tempo indeterminado.

[...] tenho uma hortinha, só que minha hortinha tá muito pequeninha agora. Eu quero começar de novo, eu tinha uma horta, eu vendia para a ECOCITRUS, eu participei da horta das mulheres, vendia bastante... (E15)

O trecho acima, portanto, ilustra o desejo de reinvestir tempo e mão-de-obra na produção para autoconsumo, que é geralmente a primeira a ser abandonada diante dos problemas como falta de mão-de-obra, doenças, entre outros. Nesse mesmo trecho pode-se perceber que há uma ligação forte entre a produtora e a sua produção, pois tão importante quanto ter uma horta é que ela seja bem cuidada e diversificada. Essa ligação mostra, portanto, o papel da produção para autoconsumo da família na valorização do trabalho da mulher rural, visto que nesse tipo de produção, no que se refere ao empírico estudado, boa parte da mão-de-obra empregada é feminina.

As contradições emergentes dessa análise centram-se no fato de que, uma vez que a cooperativa não absorve a produção de hortaliças, ou mesmo dos cultivos anuais e tampouco contribui na comercialização, os agricultores ficam “livres” para escolher em quais cultivos ou criações vão investir. No entanto, essa liberdade é dada, somente, quando a diversificação não prejudica a produção ecológica de citros.

Para se entender melhor essa relação basta recorrer aos resultados apresentados no capítulo anterior. A avicultura de corte aparece dentre as alternativas de diversificação de produção e renda adotada por alguns agricultores sócios e ex-sócios da cooperativa. Esse sistema de criação, no modelo de integração predominante na região, é conduzido em confinamento. Berto e Berto (2007), em um estudo na região Oeste de Santa Catarina, evidenciaram que a elevada produção de dejetos em pequenas áreas, oriundos dessa prática, tem levado à contaminação dos recursos hídricos na região, fato que, segundo relatos dos agricultores, parece estar se repetindo no Vale do Caí.

Contudo, a disponibilização desses dejetos não afeta necessariamente os pomares de citros, pois, segundo Augusto (2005), seu despejo no ambiente pode ser precedido por um sistema adequado de compostagem. Ou seja, os efeitos desse sistema de criação são teoricamente controlados, não havendo, portanto, um esforço por parte da cooperativa em criar impedimentos para essa relação.

Por outro lado, a bovinocultura de leite, estratégia também adotada por alguns citricultores, “tem sido apontada como uma alternativa econômica para um grande número de produtores excluídos da suinocultura e da avicultura, e também como uma atividade que apresentaria menor impacto ao ambiente devido a sua menor concentração de dejetos” (BERTO; BERTO, 2007, p. 599). No entanto, segundo relatos de alguns agricultores, a produção de leite proveniente do gado tratado apenas com o pasto é reduzida, sendo necessário utilizar rações e concentrados, que contêm um aporte maior de nutrientes e medicamentos, para aumentar a produtividade.

Os dejetos oriundos da criação do gado, por sua vez, são dispersos no ambiente, visto que estes não são criados em confinamento, o que impediria um controle mais rigoroso de sua incorporação nos pomares ecológicos. O que há, portanto, é uma ação da cooperativa em desestimular a criação de gado leiteiro com o uso de rações e concentrados a fim de não prejudicar a certificação da fruta ecológica. De acordo com Berto e Berto (2007) esses insumos aumentam o aporte de nutrientes. Para a ECOCITRUS, os agricultores que pretendem realizar essa atividade devem fazê-la apenas com o pasto, o que para eles não é uma opção rentável.

Muito além dos impactos ambientais provenientes dos dois sistemas citados estão os problemas sociais gerados, principalmente, pelas relações estabelecidas com o mercado. Para entender essa relação utiliza-se a descrição feita por Fernandes Filho e Queiroz (2001, p.5), para a avicultura de corte:

A integradora fornece ao integrado, a ave de um dia, a ração para a alimentação da mesma, e a assistência técnica. O integrado se responsabiliza pela construção dos aviários e instalação dos respectivos equipamentos, de acordo com as determinações da integradora, e entrega a ave para a integradora quando a mesma estiver com peso adequado para abate. O pagamento da integradora ao integrado é feito de acordo com indicadores técnicos constantes do contrato de integração celebrado entre as partes. A integradora, portanto, terceiriza a engorda das aves junto aos produtores integrados.

De acordo com Meneghello et al. (1999, p. 166), as supostas vantagens desse sistema seriam que “além de qualidade, sanidade e preços mais estáveis, o sistema agroindustrial do frango e do suíno conta, acima de tudo, com uma maior capacidade de adaptação às exigências dos diferentes segmentos de consumidores presentes nos mercados nacional e internacional”, o que estaria diretamente relacionada à relação contratual estabelecida com pequenas propriedades. Essa estabilidade garante ao produtor uma renda fixa a partir da continuidade da venda, passando a ser, aparentemente, vantajosa.

Analisando essa afirmação de maneira crítica, bem como a descrição da relação entre produtor-indústria apontada por Fernandes Filho e Queiroz (2001), coloca-se primeiramente em dúvida a qualidade dos produtos gerados nesse sistema, uma vez que contam com um aporte de insumos químicos e tecnológicos que estimulam o crescimento acelerado da ave. Em segundo, essa suposta relação contratual coloca os agricultores em condição desprivilegiada, pois são obrigados a adquirir da integradora as aves que serão criadas, os insumos agrícolas (rações, medicamentos, etc), bem como utilizar sua assistência técnica (FERNANDES FILHO; QUEIROZ, 2001). Ademais, as integradoras ainda estipulam o tempo de criação e os padrões mínimos de qualidade que devem ser atingidos.

O que se pode ver, portanto, é que a existência desse sistema de produção integrado, completamente antagônico aos pressupostos agroecológicos e nada condizentes com uma agricultura de base ecológica, é o resultado puro da heterogeneidade de percepção e de estratégias dos agricultores dessa cooperativa. A existência dessas relações só vem a corroborar com os resultados apresentados anteriormente, bem como fomentar uma série de indagações a respeito de que práticas ecológicas estão realmente sendo desenvolvidas na ECOCITRUS.

A opção pela diversificação em nada contradiz aquilo que, do ponto de vista da Agroecologia, é fundamental para a busca da sustentabilidade de um agroecossistema. No entanto, a maneira como essa diversificação se faz, no que se refere às integrações tanto com a indústria leiteira quanto com a de frango de corte, deixa uma lacuna entre os reais objetivos socioambientais recorrentes no discurso da cooperativa e suas intenções pautadas na citricultura enquanto atividade econômica. Pode-se perguntar se essas mudanças socioambientais são pretensões apenas para a citricultura, se é que isso é possível, ou seria para os citricultores e, mais abertamente, para os agricultores/sociedade como um todo?

Essas lacunas permanecem abertas e são também fomentadas quando a análise perpassa as demais alternativas de policultivo, que não se mostram problemáticas como aquelas supracitadas, mas continuam sendo fortemente praticadas pelos agricultores associados.

O sistema agroflorestal, por exemplo, é aquele que oferece maior diversidade, além de trazer consigo uma série de benefícios ambientais para a propriedade, pois “busca aumentar os efeitos benéficos das interações entre as espécies lenhosas e culturas ou animais. Usando-se os ecossistemas naturais como modelos e aplicando suas características ecológicas aos sistemas agrícolas, espera-se que a produtividade possa ser mantida a longo prazo” (FARRELL, 1989, p. 159).

Essa prática, como comentado em outras ocasiões, restringe-se aos agricultores do Grupo Sistemas. De acordo com Strong e Jacobson (2006), um dos obstáculos na adoção das agroflorestas por parte dos agricultores é a falta de informação que está geralmente relacionada à carência de assistência técnica, além dos aspectos econômicos de onde vender seus produtos e onde adquirir sementes e mudas. De maneira secundária, estaria o desconhecimento a respeito das limitações da terra, da infraestrutura e dos equipamentos necessários.

Nesse contexto, o que poderia estimular os agricultores do Grupo Sistemas a investirem na implantação dos sistemas agroflorestais seria sua maior escolaridade, que significaria um maior acesso à informação e a cursos de especialização, conferindo-lhes, assim, uma maior segurança para adotar esse sistema de produção.

Todavia, a centralização dos esforços na produção e comercialização dos citros parecem ter distanciado a cooperativa de uma organização para estimular o redesenho das propriedades de seus sócios, bem como incentivar a adoção de sistemas mais complexos em boa parte das propriedades. Como já foi discutido, são as percepções dos agricultores do Grupo Sistemas que estão, basicamente, contempladas no discurso adotado pela ECOCITRUS. Contudo, ao que parece, a cooperativa não se concretizou enquanto espaço adequado para a manifestação da agência dos agricultores desse grupo, uma vez que a rede de relações estabelecida contempla outros objetivos que não aquele de diversificar a produção e redesenhar o agroecossistema.

Por outro lado, se a cooperativa for analisada enquanto uma estrutura, esta heterogeneidade verificada nada mais é do que consequência das diferentes respostas elaboradas pelos atores às condições estruturais aparentemente homogêneas apresentadas pela ECOCITRUS. O que parece claro é que essa heterogeneidade é sustentada, em certa medida, pela percepção ambiental dos agricultores que a compõem.

Uma contribuição importante dada por Long (2001), nesse sentido, é que diferentes significados são dados aos discursos quando estes são utilizados pelos atores na formulação de suas metas, na realização de seus interesses e desejos. Esses discursos são acessados, também, partindo da interpretação dos atores – que pode ir além da capacidade de conhecer, da consciência e das intenções, passando a incluir os sentimentos, as emoções, as percepções, as identidades (LONG, 2001, p. 18) – para argumentar e racionalizar as ações empreendidas. Os atores são, portanto, “capazes (mesmo em um espaço restrito) de processar (conscientemente ou não) suas vivências e agir sobre elas”. Ou seja, o discurso existe

igualmente para todos, mas é reinterpretado pelos atores individuais a partir de uma série de elementos dentre os quais estão incluídas as percepções.

A vida social nunca é tão unitária para ser construída sobre um único tipo de discurso, ou seja, por mais que as escolhas sejam restritas, os atores sempre encontram caminhos alternativos para formular seus objetivos, implantando modos específicos de ação e dando razão ao seu comportamento (LONG, 2001, p. 18)

O que se pode concluir, portanto, é que os agricultores da ECOCITRUS estão alinhados em torno de um objetivo principal que é a citricultura. Os demais elementos de sua unidade produtiva não estão incluídos, necessariamente, nesta mesma rede de relações sociais estabelecida, sendo, por isso, tratados à parte. Não obstante, na busca de contemplar os objetivos traçados partindo dos princípios agroecológicos, seria necessário que esses atores se reorganizassem ao ponto de criarem um espaço adequado que permitisse a manifestação da agência daqueles que estão mais “próximos” desses objetivos.

Atualmente, ao que tudo indica, os agricultores, enquanto organização, já perceberam a necessidade de criar esse espaço. Os esforços empreendidos nesse sentido estão relacionados à recente reestruturação pela qual passou a ECOCITRUS e que coincidentemente ocorreu nos meses finais do estudo. Essa iniciativa partiu justamente dos sócios mais envolvidos, os quais neste trabalho compreendem os representantes do Grupo Sistemas. A reestruturação, que passa por palestras de cooperativismo e de Agroecologia, até o aumento do quadro associativo, busca resgatar, na prática, o que vem sendo proposto na teoria pela ECOCITRUS. Deste novo espaço certamente se manifestarão outras estratégias, tão diversificadas quanto aquelas apresentadas aqui, fato este que não impede que ocorram em direção às mudanças socioambientais pretendidas e assumidas quando escolheram a Agroecologia como orientação teórica na busca efetiva do desenvolvimento rural.

7 CONCLUSÕES

A pesquisa empreendida permitiu a visualização de uma heterogeneidade aparentemente “escondida” no contexto empírico estudado. Esse termo, contudo, não se refere a uma heterogeneidade que ficou latente, que diminuiu suas atividades por um tempo, mas sim a algo que não foi, por anos, revelado a partir das dezenas de estudos realizados na mesma região. O que não quer dizer, por sua vez, que não existisse.

Pôde-se, a partir do referencial teórico-metodológico utilizado, dar-se conta de uma diversidade de percepções e conseqüentemente de estratégias e projetos que acabam por enfatizar a variedade de caminhos que podem ser percorridos pelos atores sociais, mesmo quando esses assumem intenções semelhantes. Nesse sentido, o que pode ser verificado é que tão diversas quanto as estratégias assumidas, são as percepções dos atores individuais.

Essas percepções variam em um espectro no qual os extremos quase não dialogam, ou seja, são completamente distintos. O que se quer dizer é que os agricultores, dentro da arena de relações estabelecidas para a citricultura ecológica, interpretam sua prática e a legitimam de acordo com a sua lógica pessoal. Como exemplo disso tem-se as três tendências apresentadas e discutidas ao longo do trabalho, nas quais são evidenciados os pontos de contato e de afastamento tanto em termos de práticas e envolvimento com a cooperativa, como das percepções.

Em suma, o Grupo Sistemas apresentou, além do discurso e das práticas elaborados, uma atuação contínua na cooperativa também nas esferas administrativas. Por essa atuação, o discurso apreendido pela ECOCITRUS traz muitas semelhanças com as percepções dos agricultores que representam esse grupo. O motivo real que levou esses agricultores a estabelecerem essa relação tão próxima com a organização como um todo pode estar relacionado a relações de poder, nas quais um dos componentes que a favorecem pode ser a alta escolaridade desse grupo. Contudo, esses aspectos não contemplavam os objetivos do estudo e por isso não foram interpretados, ficando como uma sugestão a ser trabalhada em projetos posteriores.

O Grupo Saúde apresentou um discurso, de certa forma, elaborado trazendo algumas relações ambientais significativas na região. Contudo, suas práticas não acompanharam esse discurso e mantiveram-se restritas àquelas já praticadas quando estavam na agricultura convencional.

O Grupo Comércio, por sua vez, trouxe à tona a complexidade do universo empírico analisado, uma vez que mostrou uma percepção antagônica àquela embutida no

discurso da cooperativa. Esse distanciamento torna os agricultores dessa tendência os mais vulneráveis no que diz respeito à continuidade das práticas alternativas frente às dificuldades emergentes. Eles estão também mais distantes do espectro de ação da cooperativa, uma vez que suas percepções não estão bem afinadas com o discurso por ela proferido.

Para que se pudesse apreender essas percepções foi necessário analisar e interpretar as práticas desses agricultores naqueles assuntos que estão também além da própria atividade agrícola. Ou seja, foi preciso entender a lógica da propriedade como um todo, da organização da casa e das atividades, bem como aprofundar-se nas relações estabelecidas com a própria cooperativa. São nas ações cotidianas que as percepções se manifestam, mas não unicamente nelas, uma vez que nos projetos, nas pretensões, também está implícita a maneira como se percebe o mundo.

Portanto, a análise dos agroecossistemas das unidades produtivas, bem como das relações sociais estabelecidas, permitiu reconhecer, em alguns aspectos, os valores socioambientais emergentes dessa nova lógica produtiva proposta pela Agroecologia. No entanto, o que ficou evidente é que esses valores aparecem dispersos entre os agricultores e suas famílias, sendo uns mais e outros menos evidentes. Essa incorporação, em alguns casos, pode ser vislumbrada muito mais no discurso adotado pelos atores do que necessariamente em suas práticas, uma vez que o discurso é retrabalhado, reinterpretado de acordo com os objetivos e as racionalidades dos atores a fim de legitimar suas práticas.

Há, contudo, casos onde não houve incorporação desses valores, em que a lógica do modelo dominante atual se manteve e vestiu apenas “roupas novas”. Nesse sentido, o que a Agroecologia propõe, enquanto ciência, é que as mudanças sociais saiam dos debates e sejam realmente executadas. Pode-se dizer que os sócios da ECOCITRUS encontram-se em diferentes níveis de execução, mesmo que tenham iniciado a transição em tempos semelhantes.

A utilização do estudo das percepções, enquanto ferramenta analítica, permitiu que as diferentes estratégias adotadas pelos agricultores pudessem ser compreendidas a partir de sua essência, ou pelo menos parte dela, uma vez que a percepção é a “verdade” que se tem do mundo. Embora subjetiva, a percepção pode ser apreendida a partir das peculiaridades das ações dos atores individuais.

Além disso, sabe-se que as percepções não estão isentas das relações sociais, do contexto e das vivências, sendo, com o tempo, moldadas e reconstruídas. No entanto, é preciso que novas experiências se apresentem para os sujeitos perceptivos, bem como novas reflexões e debates.

Portanto, para que as percepções ambientais dos entrevistados possam avançar em direção à visão sistêmica de sua atividade enquanto agricultor, é fundamental que exista um espaço que favoreça a emergência dessas relações, bem como a agência de alguns atores.

O que se verificou no estudo é que esse espaço adequado existe apenas nos alinhamentos propostos para a citricultura ecológica, estando os demais elementos da unidade produtiva desconectados, ou seja, à medida que a cooperativa não avança no estabelecimento de vínculos com os demais produtos oriundos das propriedades de seus sócios, bem como com a construção contínua de um aprofundamento no conhecimento ecológico e da interdependência dos processos, não há espaço também para a reconstrução das percepções dos sócios e de suas famílias. Ou seja, as práticas executadas no pomar de citros permanecem desvinculadas das demais existentes na propriedade, bem como se estabelece o desejo de fechar o grupo para que não haja competição pelo mercado de produtos orgânicos.

Atualmente, a cooperativa, que passa por um processo de reestruturação, parece buscar a construção desse espaço para favorecer a agência dos atores sintonizados com seu discurso, a fim de aprofundar as relações com os demais sócios e estimulá-los a buscar ainda mais a análise crítica de suas práticas como um todo. Esse processo se iniciou com o final desta pesquisa, e vem sendo executado até o presente momento.

Nesse contexto, pretende-se que o presente estudo possa contribuir nesta nova fase que a cooperativa inicia, bem como esclarecer que a heterogeneidade no mundo social e nesse caso, rural, é inevitável. Os atores sempre terão suas próprias estratégias e seus próprios projetos frente a objetivos e intenções coletivas. O fato é que essas estratégias podem estar sustentadas por percepções ambientais sistêmicas, pautadas na busca pelo desenvolvimento rural, mesmo que em diferentes aspectos, com diferentes relações.

Este estudo, portanto, ofereceu a análise de um contexto empírico aparentemente homogêneo através do trabalho conjunto de duas perspectivas teórico-metodológicas, mostrando que estas não precisam ser tratadas como antagônicas, por uma tratar do subjetivo (as percepções) e outra dos indivíduos enquanto atores sociais (POA). Dessa forma, ambas podem trabalhar de maneira complementar, ao trazer à tona novos aspectos para os estudos de desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **A construção social de uma nova agricultura:** tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. 214 p.

ALMEIDA, J. Agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p.499-520, 2003.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia:** As bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. 240 p.

AUGUSTO, K. V. Z. **Manejo de dejetos em granjas de postura comercial.** 2005. Disponível em: <http://www.didatus.com.br/downloads/selecoes/aves/manejo_dejetos_granjas_postura.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2009.

BARBOSA, R. M. **Monitoramento e avaliação de projetos sociais.** 2001. 54 f. Monografia (Especialista) - Curso de Especialização em Desenvolvimento Rural e Agroecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som:** Um manual prático. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 516 p.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Comp.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** Um manual prático. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 1, p. 17-36.

BERGMANN, M. **Análise da percepção ambiental da população ribeirinha do Rio Santo Cristo e de estudantes e professores de duas escolas públicas, município de Giruá, RS.** 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BERTO, J. L.; BERTO, J. L. Estimativa anual de N em sistemas de criação de vacas leiteiras no oeste de Santa Catarina. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 37, n. 2, p.599-603, abr. 2007.

BICKERSTAFF, K.; WALKER, G. Public understandings of air pollution: the localisation of environmental risk. **Global Environmental Change**, Norwich, v. 11, p.133-145, 2001. Disponível em:

<http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/30425/description#description>. Acesso em: 12 mai. 2009.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos**. Porto: Editora Porto, 1994. 336 p. (Coleção Ciências da Educação).

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jul. 2005. Disponível em: <www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 14 mar. 2009.

BONINE, D. P.; JOÃO, P. L. **Estudo da cadeia produtiva dos citros no Vale do Caí/RS**. Porto Alegre: EMATER/RS- ASCAR, 2002. 46 p. (Realidade Rural, n.29).

BORTOLUZZI, E. C.; RHEINHEIMER, D. S.; GONÇALVES, C. S.; PELLEGRINI, J. B. R.; ZANELLA, R.; COPETTI, A. C. C. Contaminação de águas superficiais por agrotóxicos em função do uso do solo numa microbacia hidrográfica de Agudo, RS. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 881-887, 2006. Disponível em: <www.agriambi.com.br>. Acesso em: 12 ago. 2008.

BRASIL. **Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989**. Dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L7802.htm>. Acesso em: 10 mai. 2009.

BULHÕES, F. M. **A certificação ambiental de produtos agrícolas e florestais: diferentes trajetórias da relação entre ambiente e mercado**. 2001. 243 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e sustentabilidade: base conceitual para uma nova Extensão Rural**. Botucatu: SP, 2001. 22 p. Disponível em: <http://www.asbraer.org.br/Documentos/Biblioteca/agroecologia_e_sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24 p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: Enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p.13-16, 2002.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CONTI, I. L.; PIES, M.; CECCONELLO, R. **Agricultura Familiar: Caminhos e Transições**. Passo Fundo: IFIBE, 2006. p. 174-208.

CARAVALHEIRO, E. M.; GARCEZ, D. Da perspectiva orientada ao ator ao processo de mercantilização: o caso da produção de banana ecológica no litoral norte do Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL- SOBER, 45, 2007, Londrina. **Conhecimentos para Agricultura do Futuro**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. v. 1, p. 1-19. CD-ROM.

COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. E. Transição Agroecológica e Ação Social Coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p.1-13, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.agroecologia.uema.br/publicacoes/CostabebereMoyano.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2008.

DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade do real: percepção ambiental e revitalização na Área Portuária do RJ. In: RIO, Vicente Del; OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 3-22.

DEPONTI, C. M. O processo de desenvolvimento rural à luz da perspectiva orientada ao ator: o caso da extensão rural brasileira. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL- SOBER, 45, 2007, Londrina. **Conhecimentos para Agricultura do Futuro**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. v. 1, p. 1-15. CD-ROM.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Brasília, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FARIA, A. Cooperativa dos citricultores ecológicos do Vale do Caí - ECOCITRUS, Montenegro/RS. In: FRANÇA, Cássio Luiz de; VAZ, José Carlos; PRADO, Ivan. **Aspectos econômicos de experiências em desenvolvimento local**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002. p. 41-49. (Publicações Pólis, 40).

FARREL, J. G. Sistemas Agroflorestais. In: ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: As bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. p. 159-170.

FEIDEN, A.; ALMEIDA, D. L.; VITOI, V.; ASSIS, R. L. Processo de conversão de sistemas de produção convencionais para sistemas de produção orgânicos. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 19, n. 2, p.179-204, ago. 2002.

FERNANDES FILHO, J. F.; QUEIROZ, A. M. **Transformações na avicultura de corte brasileira: o caso do modelo de integração.** 2001. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/egna/resumos/FernandesFilho.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2009.

FRANZ, T. R.; SILVA NETO, B. A formação histórica dos sistemas agrários do Rio Grande do Sul. In: SILVA NETO, Benedito; BASSO, David. **Os sistemas agrários do Rio Grande do Sul: análise e recomendações políticas.** Ijuí: Unijuí, 2005. p. 27-92.

GARCÍA, M. D. D. **The way you do, it matters: a case study: farming economically in Galician dairy agroecosystems in the context of a cooperative.** 2007. 194 f. Tese (Doutorado) - Wageningen University, Wageningen, 2007.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Comp.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 3, p. 64-89.

GATTELLI, T. **Moscas frugívoras (Diptera: Tephritoidea) e parasitóides associados a mirtáceas e laranjeira.** 2006. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GAZOLLA, M. O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar. In: SCHNEIDER, Sergio. **A diversidade da agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 82-103.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 205 p.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável.** 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. 653 p.

GONZÁLEZ DE MOLINA, M.; SEVILLA-GUZMAN, E. Ecología, campesinado e historia. Para una reinterpretación del desarrollo del capitalismo en la agricultura. In: SEVILLA GUZMAN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. (Ed.). **Ecología, campesinado e historia.** Madrid: La Piqueta, 1993. p. 23-129.

HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, Miguel A.. **Agroecologia: As bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. p. 25-41.

HOFFMANN, R.; NEY, M. G. Desigualdade, escolaridade e rendimentos na agricultura, indústria e serviços, de 1992 a 2002. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 13, n. 2, p.51-79, dez. 2004.

IBGE, 2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 23 set. 2008.

JESUS, C. R. **Dinâmica populacional de *Phyllocnistis citrella* Stainton, 1856 (Lepidoptera: Gracillariidae) em pomares de duas variedades de citros em Montenegro, RS**. 2005. 119 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, Departamento de Fitotecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63-85.

KAUTZMANN, M. E.; PADILHA, M. **Montenegro: Prefeitura Municipal de Montenegro de Ontem de Hoje**. São Leopoldo: Rotermond, 1982.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001. 343 p. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth.

LENHARDT, P. R. Relato de experiência: A produção ecológica de citros. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, n. 2, p.1-3, 2000. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/revista.htm>>. Acesso em: 9 maio 2008.

LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London And New York: Routledge, 2001. 293 p.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure. In: BOOTH, D. **Rethinking Social Development theory, research and practice**. England: Longman Scientific & Technical, 1994. p. 62-90.

MARQUES, F. C.; MENASCHE, R.; TONEZER, C.; GENESSINI, A. Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade. In: MENASCHE, R. (Org.). **Agricultura**

familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 154-176.

MENEGHELLO, G. E.; KOHLS, V. K.; BARUM, A. O.; BEZERRA, A. J. A.; RIGATTO, P. Sistemas integrados de frangos e suínos: uma visão dos produtores. **Revista Brasileira de Agrociências**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 166-170, ago. 1999.

MERLEAU-PONTY, M.. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

NASCIMENTO, H. M. Percepção agroambiental dos agricultores familiares no sudoeste do Paraná: o caso Capanema. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p.20-40, 2007. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/seeragroecologia/ojs/>>. Acesso em: 03 mai. 2008.

NORGAARD, R. B.; SIKOR, T. O. Metodologia e prática da agroecologia. In: ALTIERI, M. A.. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. Porto Alegre: Guaíba, 2002. p. 52-83.

OLIVEIRA, N. A. S. A educação e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Curitiba, v. 16, p. 32-46, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes.php>>. Acesso em: 06 out. 2008.

OTT, A. P. **Levantamento de cigarrinhas e aranhas em pomares de laranja valência nos vales do Caí e Taquari, Rs, Brasil**. 2003. 88 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PACÍFICO, D. A. **Impasses na transição para um agricultura de base ecológica:** o projeto Café de Lerroville - PR. 2008. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PANZENHAGEN, N. V. **Produção orgânica de citros no Vale do Caí/RS**. 2004. 142 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, Departamento de Fitotecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

PAULUS, G. Do padrão moderno para estilos de agricultura de base ecológica. In: CONTI, I. L.; PIES, M.; CECCONELLO, R. **Agricultura Familiar:** Caminhos e Transições. Passo Fundo: IFIBE, 2006. p. 155-173.

PELINSKI, A. **A diversificação no incremento da renda da propriedade familiar agroecológica.** 2006. Disponível em: <http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/Trab011Diversif.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2008.

PERES, F.; MOREIRA, J. C. Saúde e ambiente em sua relação com o consumo de agrotóxicos em um pólo agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. S612-S621, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-311X&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2009.

PLOEG, J. D. van der; RENTING, H.; BRUNORI, G. KNICKEL, K.; MANNION, J. MARSDEN, T.; ROEST, K.; SEVILLA-GUZMÁN, E.; VENTURA, F. Rural Development: From practices and policies towards theory. **Sociologia Ruralis**, Netherlands, v. 40, n. 4, p.39-408, out. 2000. Disponível em: <<http://www3.interscience.wiley.com/journal/118532087/toc>>. Acesso em: 16 jun. 2007.

PLOEG, J. D. van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Tradução de Rita Pereira.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1995. 87 p. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 41).

RICKLEFS, R. **A economia da natureza.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003. 470 p. Tradução de Cecília Bueno e Pedro P. de Lima e Silva.

SANTOS, A. C.; BIOLCHI, M. A.; ANGELIS, T. Autoconsumo, desenvolvimento e agricultura familiar. **Boletim do Deser**, Curitiba, n. 153, p. 22, ago. 2006.

SAVI, A. R. **As relações constituídas historicamente entre produtores familiares e cooperativas agropecuárias no RS: A Cooperativa Regional Sananduva de Carnes e Derivados LTDA.** 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHMIDT, J. **Ocorrência de pinta preta causada por *Guignardia citricarpa* Kiely em pomares de citros sob manejo orgânico, no município de Montenegro, RS.** 2003. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SCHIMITZ, E. H. Situação atual e perspectivas da citricultura no Vale do Caí. In: REUNIÃO TÉCNICA DE FRUTICULTURA, 5, 1998, Porto Alegre. **Anais...** . Porto Alegre: Fepagro, 1998. p. 12-14.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 254 p.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.187-192, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1413-8123>. Acesso em: 03 out. 2007.

SILVA, J. M.; NOVATO-SILVA, E.; FARIA, H. P.; PINHEIRO, T. M. M. Agrotóxicos e trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 891-903, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1413-8123>. Acesso em: 22 ago. 2008.

SIQUEIRA, L. C. Política ambiental para quem. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2, p.425-437, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ambienteesociedade.org.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2009.

STRONG, N.; JACOBSON, M. G. A case for consumer-driven extension programming: agroforestry adoption potential in Pennsylvania. **Agroforestry Systems**, Netherlands, v. 68, p.43-52, 2006.

TIBURCIO, B. A.; VALENTE, A. L. E. F. O comércio justo e solidário é alternativa para segmentos populacionais empobrecidos? Estudo de caso em Território Kalunga (GO). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 497-519, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v45n2/10.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2008.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

URIARTT, A. H.; PEREIRA, S. R. M.; SIMÓN, X. Preservando e ampliando saberes: A investigação ação participativa desenvolvida pelo grupo mulheres PRORENDA-ECOCITRUS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1485-1489, nov. 2006.

VEIGA, M. M.; SILVA, D. M.; VEIGA, L. B. E.; FARIA, M. V. C. Análise da contaminação dos sistemas hídricos por agrotóxicos numa pequena comunidade rural do Sudeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2391-2399, nov. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-311X&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2008.

VERAS, M. M. **Agroecologia em assentamentos do MST no Rio Grande do Sul**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ZANETTI, C.; MENASCHE, R. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agrícolas e autoconsumo. In: MENASCHE, R. (Org.). **Agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 130-141.

APÊNDICE A – Carta explicativa

Pesquisa:

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS CITRICULTORES ECOLÓGICOS DO VALE DO CAÍ

Equipe do Projeto:

Mestranda – Juliane Marques de Souza, Telefone: (51) xxxx xxxx;

e-mail: juliane.marques.souza@gmail.com

Instituição de Origem:

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Sr, (a):

Estamos convidando você para participar do projeto de pesquisa acima mencionado, mediante entrevista individual, a ser gravada em áudio, em que serão registradas algumas informações. Estima-se que a duração da entrevista seja em torno de 30 a 50 min.

O principal objetivo do estudo é investigar junto aos citricultores ecológicos do Vale do Caí, precisamente da cooperativa ECOCITRUS, a percepção ambiental ligada a sua atividade agrícola e de que forma essa percepção age sobre as motivações e tomadas de decisão.

Sua identidade será mantida em caráter confidencial. Igualmente, fica assegurada a liberdade de optar pelo ingresso e continuidade no estudo, bem como pela opção de desistência, a qualquer momento, sem que sua tomada de decisão incorra em prejuízo a você ou a esta pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão mencionados em publicações científicas, vinculadas à área de conhecimento que deu origem ao projeto e/ou em outras modalidades de comunicação como em congressos e eventos, de forma a socializar a informação.

11. **HÁ REDE DE ESGOTOS?**() sim () não

12. **HÁ COLETA DE LIXO?** () sim () não

Com que frequência?_____

13. **RECEBEM A VISITA DE TÉCNICOS?** ()sim ()não

Com que frequência?_____

14. **PRINCIPAL ATIVIDADE (PROFISSÃO):**

15. **EXERCE NA PROPRIEDADE:** () Sim () Não

16. **FORMAÇÃO:**

17. **ORIGEM DA FAMÍLIA:**

18. **TEM RELIGIÃO:** () Sim; Qual? _____ () Não

19. **QUANTAS PESSOAS RESIDEM NA CASA:**

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Ocupação

20. **PAIS RESIDEM (RESIDIAM) AQUI:** () Sim () Não

21. **DE ONDE VEM O ALIMENTO QUE A FAMÍLIA CONSOME?**

22. **A FAMÍLIA CONSOME, EVENTUALMENTE, ANIMAIS SILVESTRES?**
() sim () não

Qual a origem desses animais??_____

23. **HÁ QUANTOS ANOS PARTICIPA DA COOPERATIVA:** _____

24. **QUE PAPEL VOCÊ DESEMPENHA NA COOPERATIVA? COMO PARTICIPA?**

25. **INFORMAÇÕES DO PATRIMÔNIO :**

() Terra própria: _____ha aqui; _____ha em outro lugar;

- () Terra arrendada para outro: _____ ha aqui; _____ ha em outro lugar;
 () Terra arrendada de outro: _____ ha aqui; _____ ha em outro lugar
 () Terra posse: _____ ha aqui; _____ ha em outro lugar;
 () Galpão: _____ m²
 () Trator ou correlato: Quantos? _____
 () Carro/ caminhão ou correlato: Quantos? _____
 () Comércio: () aqui; () em outro lugar
 () Imóveis de aluguel: () aqui; () em outro lugar

26. **HÁ FONTES DE ÁGUA NA PROPRIEDADE?** () sim () não

27. **HÁ ÁREA DE RESERVA LEGAL NA PROPRIEDADE?** () sim () não
 () não sabe

Quantos hectares? _____

28. **A ÁGUA QUE ABASTECE A RESIDÊNCIA É A MESMA UTILIZADA NA PLANTAÇÃO? DE ONDE ELA VEM?**

29. **QUAL A SUA RELAÇÃO COM SEUS VIZINHOS?**

- () ótima () boa () regular () ruim () péssima
 () não conheço meus vizinhos

30. **NOS ÚLTIMOS 7 ANOS, A SUA VIDA E DE SUA FAMÍLIA**

	Qualidade de vida	Renda Familiar	Vida comunitária	Trabalho/atividade	Meio ambiente (local)
Melhorou					
Não mudou					
Piorou					
Não sabe					

31. **PRETENSÕES PARA O PRÓXIMO ANO** (planos quanto a produção; a propriedade; a família)

32. **PARA VOCÊ, QUAIS SERIAM AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS DO MERCADO, NO QUE DIZ RESPEITO A SUA ATIVIDADE, SUA PRODUÇÃO?**
 (buscar evidenciar a preocupação com isso)

33. **VOCÊ ACHA QUE ESTÁ SEGUINDO ESSAS TENDÊNCIAS?** ()sim () não

Por quê? _____

34. **QUANTO AO SISTEMA DE PRODUÇÃO:**

- 1) Em cinco palavras diga o que é meio ambiente para você?
- 2) Quais os produtos que cultiva? (Principais e secundários)
 - Localização desses produtos em relação à casa
 - Presença de horta exclusiva para o consumo
- 3) Qual o sistema de produção que você utiliza na sua propriedade?
 - Preparação do solo
 - Obtenção de sementes e mudas
 - Origem da água utilizada
 - Uso de adubos e defensivos
 - Manejo e controle biológico
 - Colheita
 - Mão-de-obra empregada
 - Maquinarias
 - Destino dos rejeitos
- 4) De quem você compra o que é utilizado no sistema de produção?
- 5) Você mesmo negocia esses produtos?
- 6) Quando você iniciou a utilização desse sistema de produção?
- 7) O sistema de produção da horta difere daquele empregado na produção com fins comerciais?
- 8) Por que decidiu por esse modelo de produção?
- 9) Outras pessoas influenciaram na sua escolha? Quem?
- 10) Qual foi o momento mais difícil ou delicado do processo de adoção do sistema de produção atual?
- 11) Você pensou em desistir? Por quê?
- 12) Quais as atividades que mais sofreram alterações após a mudança do sistema de produção?
- 13) Você sabe se seus vizinhos produzem como você?
- 14) O que eles pensam sobre a maneira que você produz?

15) Sentiu alguma diferença desde que começou a participar da cooperativa? (rendimentos, produção, organização, facilidades, dificuldades)

16) Qual é a principal função (papel) da cooperativa para você, para a sua família?

17) Há alguma instituição que participe desse sistema, com a participação de técnicos, por exemplo?

18) Qual fator mais o motiva para continuar cultivando dessa maneira?

35. A ÁREA DE MATO NATIVO É UTILIZADA DE ALGUMA MANEIRA? (verificar a utilização da madeira, de plantas e animais silvestres).

36. O QUE VOCÊ PENSA DAQUELES AGRICULTORES QUE CONSTINUAM NO SISTEMA CONVENCIONAL DE PRODUÇÃO?

37. COMO VOCÊ ACHA QUE ELES VEEM SUA PRÁTICA?

38. NA REGIÃO ONDE VOCÊ VIVE, EXISTEM PROBLEMAS AMBIENTAIS? QUAIS SERIAM OS PRINCIPAIS PROBLEMAS?

APÊNDICE C – Roteiro de observação

- ➔ Posição da casa na unidade de produção;
- ➔ Características do entorno da casa;
- ➔ Presença de insumos químicos e tecnológicos;
- ➔ Presença de mato nativo;
- ➔ Relação com o lixo;
- ➔ Manejo dos pomares;
- ➔ Presença de algum corpo d'água;
- ➔ Preservação no entorno do corpo d'água;
- ➔ Diversidade de produção;
- ➔ Posição da horta em relação à casa;
- ➔ Posição do pomar em relação à casa;
- ➔ Outras benfeitorias.

ANEXO A – Estimativa da população por município e situação de domicílio no Vale do Caí, Rio Grande do Sul – 2006 (Elaborado a partir de dados obtidos em www.fee.tche.br)

Municípios	Total	Rural	Urbano
Alto Feliz	2922	2180	742
Barão	5323	2791	2532
Bom Princípio	10674	2676	7998
Brochier	4657	2858	1799
Capela de Santana	10812	4238	6574
Feliz	11627	2925	8702
Harmonia	3644	1609	2035
Linha Nova	1507	1116	391
Maratá	2452	1740	712
Montenegro	56497	6198	50299
Parecí Novo	3159	2322	837
Salvador do Sul	6493	2917	3576
São José do Hortêncio	3805	1457	2348
São José do Sul	1895	1389	506
São Pedro da Serra	3083	1679	1404
São Sebastião do Caí	20310	4026	16284
São Vendelino	1787	631	1156
Tupandi	3507	1122	2385
Vale Real	4684	617	4067
Total	158838	44491	114347
%	100	28,1	71,9

ANEXO B- Folder explicativo ECOCITRUS

Cuidar do planeta é como cuidar dos filhos.
É fazer um pouquinho todos os dias para
vê-lo crescer feliz e com saúde.



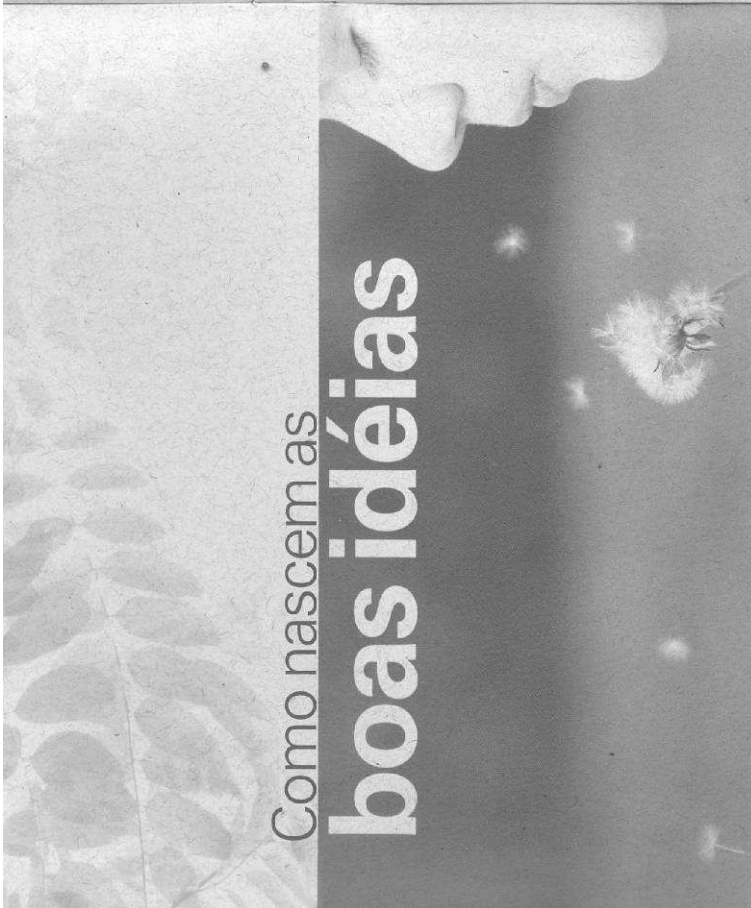
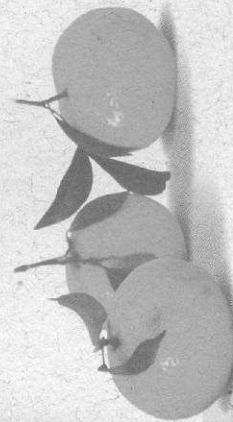
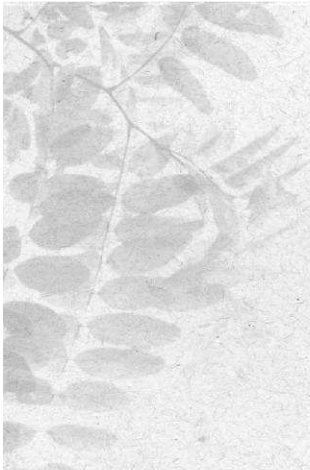
Como nascem as boas idéias

No início dos anos 1990, quatorze brasileiros, produtores rurais do Vale do Café, região centro-oeste do Rio Grande do Sul tiveram uma idéia que iria servir de exemplo para o mundo.

Preocupados em manter suas famílias em seu local de origem, ou seja, no sossego do campo, estes produtores começaram ali mesmo a contribuir com proteção do meio ambiente, fazendo aquilo que mais gostam: plantar e colher, porém, sem agredir a natureza.

A idéia deu tão certo que hoje, treze anos depois, mais de 60 famílias rurais estão envolvidas diretamente com a Ecocitrus, uma cooperativa de produtores de frutas cítricas orgânicas, totalmente livres de agrotóxicos, à base de insumos recolhidos das indústrias da região.

Com a idéia de produção ecológica, a cooperativa, além de preservar o meio ambiente dos adubos químicos, ainda exerce o papel de cidadania, ajudando a manter as famílias no campo e educando seus filhos através do bom exemplo.

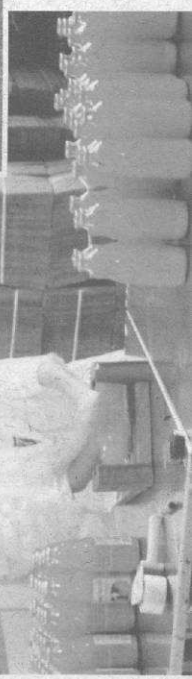
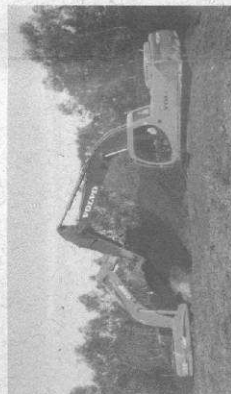


A cooperativa e o processo de produção

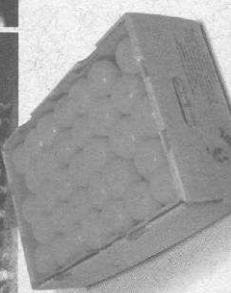
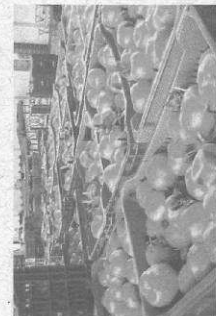
Fundada em 1994, a Ecocitrus tem o objetivo de proporcionar aos produtores de frutas cítricas da região do Vale do Café (Rio Grande do Sul - Brasil), uma forma justa e com consciência ambiental de plantarem e colherem seus produtos.

Com estudos de custo benefício e preservação do meio ambiente, a Ecocitrus criou uma base de beneficiamento de adubos orgânicos, chamada de Usina de Compostagem. Em parceria com indústrias da região, os resíduos orgânicos destas empresas são destinados para a Ecocitrus, que os transforma em adubos orgânicos. Assim, os produtores associados à cooperativa, plantam e colhem frutas sem o uso de agrotóxicos, poupando a terra da ação de venenos e produtos químicos. Ao todo, a cooperativa recicla cerca de 5 mil toneladas de resíduos industriais produzindo 20 mil toneladas de composto e 20 mil toneladas de biofertilizantes líquidos por ano.

A agroindústria, instalada num espaço próprio de 1,5 mil metros quadrados com duas câmaras frias para armazenagem das frutas, dispõe de toda a estrutura necessária para a finalização do processo produtivo.

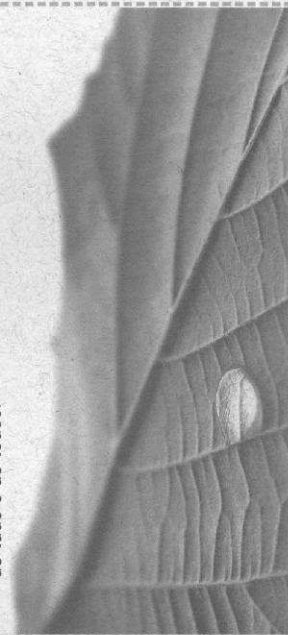


O apoio da Ecocitrus ao produtor rural não pára por aí. Além do insumo para a produção, a cooperativa promove, constantemente, cursos de boas práticas e visitas técnicas nas propriedades dos associados, dando total apoio ao produtor, desde o preparo da terra até a comercialização dos produtos. Toda a safra é comercializada pela cooperativa, que se encarrega do beneficiamento das frutas in-natura e de industrializar os sucos concentrados. Toda a produção é negociada com base na política do preço justo, que, atualmente, é a relação ideal entre quem produz e quem compra.



Quem ganha com a idéia

- O produtor rural, que se sustenta com a dignidade do próprio trabalho e com a qualidade de vida que o campo proporciona, sem ter que migrar para as grandes cidades.
- A comunidade do Vale do Cai, que se fortalece com educação e preservação ambiental.
- O consumidor, que tem a certeza de ter na sua mesa, frutas saudáveis e, ainda, poderem ajudar a proteger o meio ambiente.
- O planeta, que com idéias simples como esta poderá voltar a respirar e aumentar seus recursos naturais.
- Nossos filhos, que além de terem um futuro mais limpo, serão adultos mais conscientes de que preservar é cuidar de tudo e de todos.



Participe você também de um futuro limpo e consciente.



A linha de produtos ecológicos da EcoCitrus recebe a certificação da Rede Ecovida e tem o selo de qualidade do IBD (Instituto Biodinâmico). A garantia de um produto realmente integral, livre de agrotóxicos e conservantes é a certeza de um resultado socialmente viável e ecologicamente correto.



ANEXO C – Folder explicativo da cooperativa

Compostagem



Pomares Agroecológicos



Produção de alta qualidade



Beneficiamento



Produto final



Participação em redes de mercados



Feiras diferenciadas





Nossa história

A Ecocitrus, Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí, foi formada em 1994 por 15 agricultores descontentes com o modelo de agricultura dependente de agroquímicos e individualista, implantado no Vale do Caí. A Cooperativa surge como uma proposta de desenvolvimento da agricultura ecológica e de mudanças das relações sociais. Somos hoje 42 famílias associadas e, aproximadamente, 150 famílias em parceria, no uso de biofertilizantes, tecnologia de produção, industrialização da produção, comercialização e certificação participativa.

Foco do nosso trabalho

Nosso objetivo é resgatar a agricultura sustentável, socialmente justa, ecologicamente correta e economicamente viável na região. A Cooperativa tem se organizado para que o agricultor assuma toda a cadeia produtiva, desde a produção de insumos, organização social, formação, geração de tecnologia e credibilidade (certificação participativa), industrialização e comercialização. Para atingir estes objetivos, desenvolvemos os seguintes setores:

-  Usina de compostagem
-  Pomares ecológicos
-  Formação (cursos e seminários)
-  Pesquisa em agroecologia (convênios) SAA, UFRGS
-  Comercialização (mercados e feiras)
-  Industrialização
-  Certificação participativa

A Usina de Compostagem viabiliza a transição para a agroecologia através do aporte de matéria orgânica nas formas de composto e biofertilizante líquido. É uma parceria entre a agroindústria e o produtor organizado, transformando um problema ambiental em uma alternativa que viabiliza a agricultura familiar e a disposição final de resíduos.

Pomares agroecológicos: depois de anos de aprendizado e resgate social no manejo ecológico de pomares, podemos afirmar que já acumulamos um amplo conhecimento na tecnologia de produção. Desenvolvemos uma série de tratamentos culturais que estão centrados nos princípios da trófica, onde a sanidade e a produtividade dos pomares são determinadas pelo equilíbrio do ambiente. Na verdade, o que procuramos é manter o pomar o mais próximo possível do seu estado original na natureza, interferindo o mínimo possível no ecossistema.

Industrialização

Construímos o nosso complexo de beneficiamento e industrialização de citrus, com uma fábrica de suco integral e reconstituído. Desta forma estamos eliminando a perda de frutas e agregando valor ao produto final, flexibilizando as opções do agricultor.




Certificação Participativa

Estamos participando da construção da Rede Ecovida de Agroecologia, uma nova proposta de organização e articulação dos agricultores familiares dos estados do sul do Brasil. No intercâmbio de produtos entre os grupos de agricultores está a base de credibilidade e da comercialização solidária.



SAC
51-632.4824

Cooperativa dos Citricultores Ecológicos do Vale do Caí
Rua João Pessoa, 457 - Fone: 55(51) 632.4824 - CEP: 95.780-000 - Montenegro - RS - Brasil - ecocitrus@terra.com.br